

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Os Suspeitos do Costume Uma Casa para 3**

Nuno Alexandre De Oliveira Cláudio Nunes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador:

Arquitecto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar  
Convidado

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022





TECNOLOGIAS  
E ARQUITETURA

---

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

**Os Suspeitos do Costume**  
**Uma casa para 3**

Nuno Alexandre De Oliveira Cláudio Nunes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador:  
Arquitecto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar  
Convidado  
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022







---

**os suspeitos do costume**  
uma casa para três

3/125

nuno alexandre de oliveira cláudio nunes  
mestrado integrado em arquitectura  
iscte – instituto universitário de lisboa

**orientador**  
filipe andré touças magalhães  
iscte – instituto universitário de lisboa

Não existe ordem de afectos nestes agradecimentos no que toca à família, mas não poderia deixar de agradecer a todos eles que nunca perderam a paciência sempre que falava no meu projecto final de arquitectura. À Ana que já corre ao meu lado à cerca de 13 anos, e que em especial nestes últimos dois anos sempre me ouviu, aturou, entendeu, orientou e contribuiu nos momentos mais complicados.

Quero agradecer ao Professor Filipe Magalhães que sempre se mostrou disponível em todas as situações quer do foro académico, ao mais pessoal. Foi uma excelente oportunidade de aprender a ver com outros olhos, tudo o que gira à volta da arquitectura, e me permitiu ganhar novas ferramentas e formas de a pensar.



O seguinte projecto final de arquitectura tem como base o tema: "uma casa, uma obra de arte", texto conhecido do arquitecto Kazuo Shinohara, que foi o ponto de partida para o desenvolvimento quer da vertente mais teórica e da vertente mais prática. Foram pesquisadas e investigadas cerca de 184 casas de arquitectos portugueses de um determinado espaço temporal (década de 70-2000 do século XX), que depois foram apresentadas e discutidas entre a turma no fim de cada semana. Houve com base neste arquivo de casas uma curadoria que incidiu em diversos temas do âmbito da arquitectura e uma proposta de uma casa, que se foi desenvolvendo ao longo do respectivo ano.

Esse projecto teve como objectivo explorar novas linguagens com base num pensamento individual sobre como deveria ser uma casa. O projecto passou por diversas localizações e terrenos até chegar a um final, onde a casa foi desenhada e pensada de acordo com um programa definido.

**palavras-chave**

casa, arte, arquitectura, composição, estrutura, geométrico

The following final architecture project is based on the theme: "a house, a work of art", a well-known text by the architect Kazuo Shinohara, which was the starting point for the development of both theoretical and the practical side. A researched and investigation was conducted concerning 184 houses of Portuguese architects from a specific time period (70's-2000's of the XX century), which were then presented and discussed among the class at the end of each week. Based on this archive of houses, there was a curatorial process that focused on several architectural themes and a proposal for a house, which was developed throughout the respective year.

This project aimed to explore new languages based on an individual thought about how a house should be. The project went through several locations and terrains until it reached a final stage, where the house was designed and thought out according to a defined program.

**key-words**

house, art, architecture, composition, structure, geometric

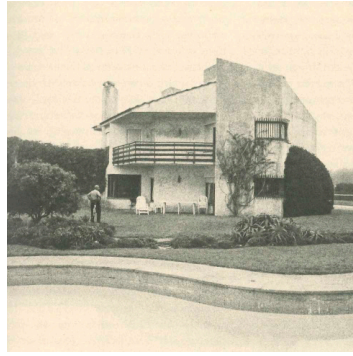
resumo/abstract	05
<b>184 casas</b>	<b>08</b>
<b>12 casas</b>	<b>22</b>
casa martim dos santos	
casa mortagua	
casa na rua professor melo adrião 128_130	
casa de mesão frio	
casa na quinta do lago	
casa unifamiliar	
casa doutor pedro barata feyo	
casa na rua padre xavier coutinho 99_101	
casa jlf	
casa do guarda	
casa mts	
casa em sintra	
<b>curadoria</b>	<b>36</b>
referências visuais	
casas brancas	
casas diversos materiais	
casas com cor	
exercício de especulação	
conclusão	
<b>processo</b>	<b>50</b>
terreno 01_sobral do monte agração	
terreno 02_serra da aboboreira	
terreno 03_fânzeres, godomar	
terreno 04_gandra	
estudo do conceito	
estudo da estrutura e materialidade	
<b>ponto intermédio</b>	<b>66</b>
conceito	
local	
proposta	
estrutura e matéria	
conclusão	
<b>casa</b>	<b>80</b>
conceito	
local	
proposta	
estrutura e matéria	
conclusão	
<b>considerações finais</b>	<b>119</b>
<b>referências bibliográficas</b>	<b>123</b>
<b>créditos de imagens</b>	<b>124</b>



“uma casa é uma obra de arte.”  
- kazuo shinohara, 1962

Como ponto de partida para uma investigação, compreendeu-se uma amostra, ampla mas ao mesmo tempo cuidadosamente limitada. O objecto era a casa, unifamiliar, reconhecível; o período histórico uma baliza imprecisa entre o fim do moderno e o início do novo século; os autores seriam portugueses e as obras localizadas em território nacional.

Os critérios foram os listados como podiam ter sido quaisquer outros: a definição de uma colecção, de um arquivo, foi apenas uma desculpa que serviu de base para tudo o que seguiu. Semanalmente, os exemplos foram dissecados e apresentados em turma; posteriormente, foram reorganizados e curados, possibilitando novas leituras resultantes das sobreposições e enquadramentos propostos.



1960  
manuel tainha  
casa do freixal

1965  
raul choro ramalho  
moradia coronel homem da costa

1966  
agostinho ricca  
casa m. araujo e j. montenegro

1966  
pedro ramalho  
casa emilio peres

1966  
victor palla e bento d'almeida  
casa vale de centeanes

1968  
victor palla e bento d'almeida  
moradia na praia grande

1969  
álvaro siza  
casa luis rocha ribeiro

1970  
álvaro siza  
casa alves dos santos

1970  
álvaro siza  
casa manuel magalhães

1970  
conceição silva  
casa rogério martins

1970  
fernando távora  
casa eng. guilherme álvaes ribeiro

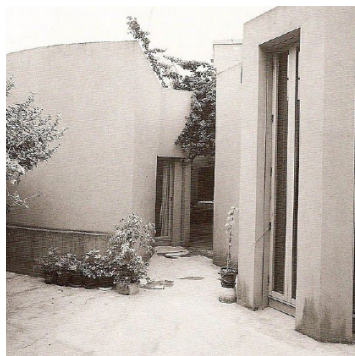
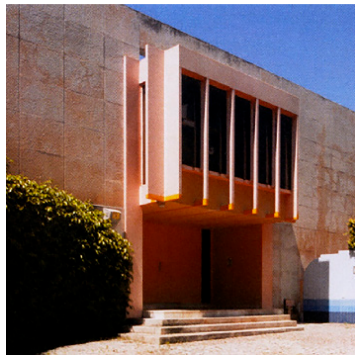
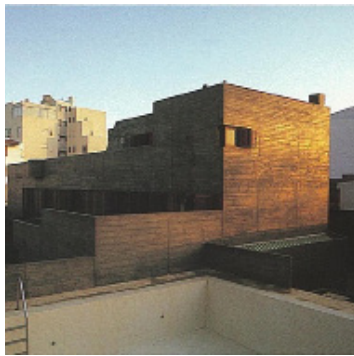
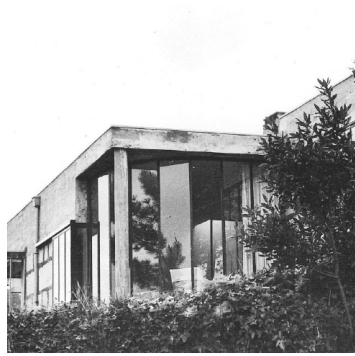
1970  
manuel tainha  
casa gallo

1970  
pádua ramos  
rua azevedo coutinho

1970  
tomás taveira  
balaia bungalows

1971  
agostinho ricca  
casa ferreira alves

1971  
álvaro siza  
casa alves costa



1971  
domingos tavares  
casa albino matos

1973  
álvaro siza  
casa alcino cardoso

1973  
raul hestnes ferreira  
casa de queijas

1974  
antónio teixeira guerra  
casa no guincho

1974  
antónio teixeira guerra  
casa triangular

1974  
sérgio fernandez  
vill'alcina

1975  
alexandre alves costa  
casa marques guedes

1975  
bartolomeu costa cabral  
casa rua verónica

1975  
manuel tainha  
casa martins dos santos

1975  
manuel vicente  
casa weinstein

1976  
álvaro siza  
casa beires

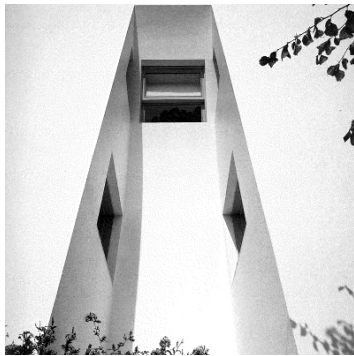
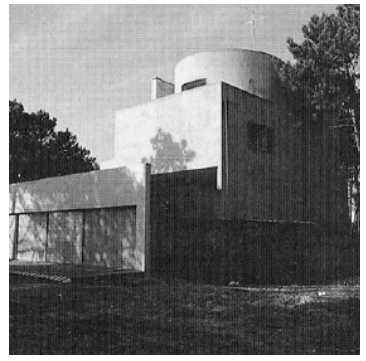
1976  
fernando távora  
casa na covilhã

1976  
joao nasi pereira  
casa sidarus

1978  
álvaro siza  
casa antónio carlos siza

1978  
manuel correia fernandes  
quatro casas na aguda

1978  
pedro ramalho  
casa na rua veludo



1978  
simões de carvalho  
casa no restelo

1982  
manuel correia fernandes  
casa mortágua

1982  
troufa real  
casa fátima cruz

1984  
álvaro siza  
casa avelino duarte

1979  
pádua ramos  
casa na estrada exterior da  
circunvalação

1982  
pancho guedes  
casal dos olhos

1983  
josé santa-rita  
casa dos bicos

1984  
pancho guedes  
casa vale vazio

1982  
carlos prata  
casa casimiro vaz

1982  
simões de carvalho  
casa em queijas

1984  
agostinho ricca  
casa agostinho ricca

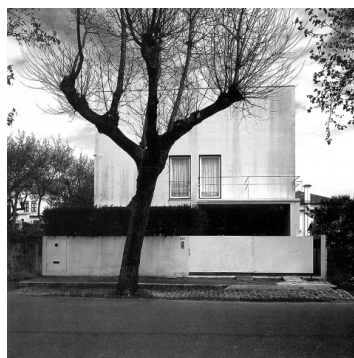
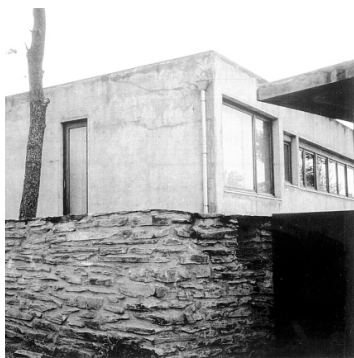
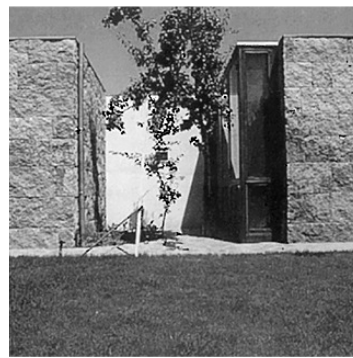
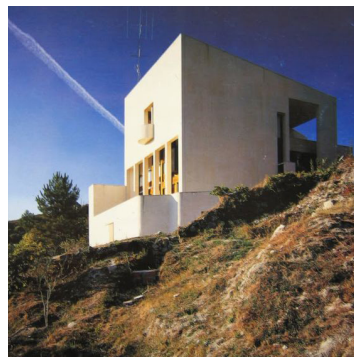
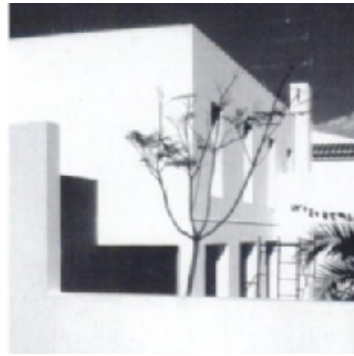
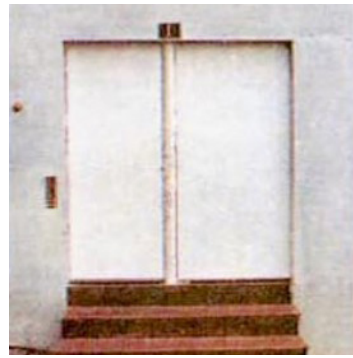
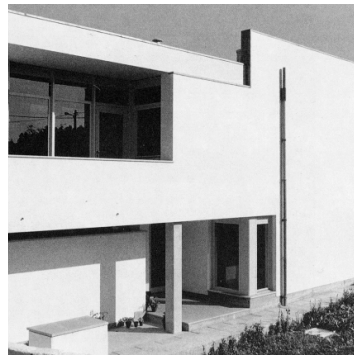
1984  
rui b. duarte e ana p. pinheiro  
casas na aldeia dos navegantes

1982  
joão carreira  
casa josé lino ramalho

1982  
souto de moura  
ruína no gerês

1984  
alcino soutinho  
casa pinto souza

1985  
pedro ramalho  
casa carlos de souza



1985  
souto de moura  
casa l em nevogilde

1985  
troufa real  
casa mario cabrita gil

1986  
joão alvaro rocha  
casa dr. mário lourenço

1986  
joão nasi pereira  
casa própria

1986  
manuel botelho  
casa ricardo noronha lima teles

1987  
alcino soutinho  
casa filipe grade

1987  
alcino soutinho  
casa no barreiro

1987  
álvaro siza  
casa maria margarida machado

1987  
fernando távora  
casa da rua nova

1987  
joão nasi pereira  
casa mosca

1987  
manuel botelho  
casa barroso pires

1987  
manuel botelho, isabel s. e j. d. carreira  
casa joão machado

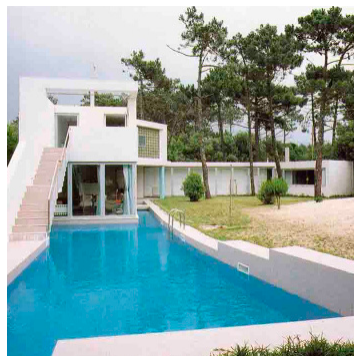
1987  
teresa fonseca  
casa antónio filipe

1988  
adalberto dias  
casa j. neto

1988  
alexandre manuel da cruz silva  
casa na rua professor melo adriao 128  
130

1988  
carrilho da graça  
casa da fonte fria





1988  
gonçalo byrne  
casa sá da costa

1988  
joão álvaro rocha  
casa de mesão frio

1988  
manuel correia fernandes  
casa em moledo

1988  
souto de moura  
casa II em nevogilde

1989  
francisco guedes de carvalho  
casa horst tjgerman

1989  
gonçalo byrne  
casa César ferreira

1989  
souto de moura  
casa na quinta do lago

1990  
carlos prata  
casa francisco mourão

1990  
fernando távora  
casa em briteiros

1990  
joão nasi pereira  
a casa amarela

1990  
mário fróis do amaral  
casa unifamiliar

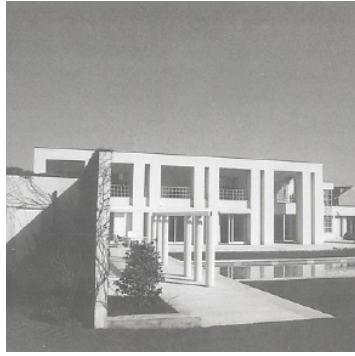
1990  
souto de moura  
duas casas na rua beato inácio de azevedo

1990  
teresa nunes da ponte  
casas toca da areia

1991  
alexandre alves costa  
casa ricardo pais

1991  
carlos prata  
casa dr. pedro barata feyo

1991  
carlos prata  
casa luís príncipe



1991  
jósé pulido valente  
casa na rua padre xavier coutinho 87 91

1991  
pádua ramos  
casa rua dr. egas moniz

1991  
souto de moura  
casa I em miramar

1992  
alexandre manuel cruz silva  
casa na rua padre xavier coutinho 95  
99 101

1992  
frederico valsassina  
casa do alto

1992  
jósé carlos magalhães carneiro  
casa tomás gervell

1992  
jósé charters monteiro  
casa sob a duna

1992  
luís patrício costa  
casa josé avillar

1992  
manuel correia fernandes  
casa atelier carlos barreira

1992  
manuel correia fernandes  
casa da galé

1992  
souto de moura  
casa em alcanena

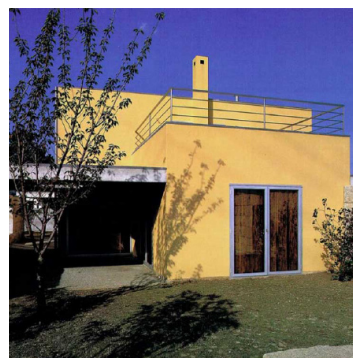
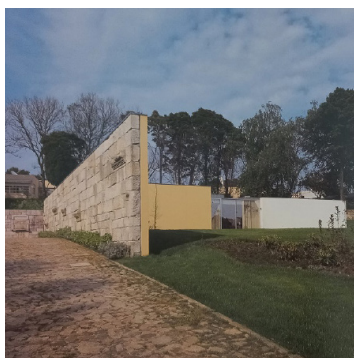
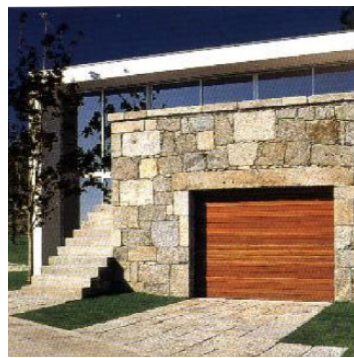
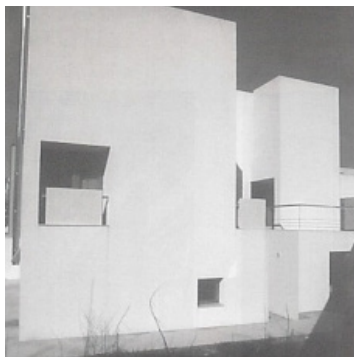
1993  
egas josé vieira  
casa em tróia

1993  
joão alvaro rocha  
casa no lugar da várzea I

1993  
joão alvaro rocha  
casa no lugar da várzea II

1993  
joão pedro falcão de campos  
casa carlos bettencourt

1993  
joão pedro falcão de campos  
casa comandante almeida cavaco



1993  
manuel e francisco aires mateus  
casa em nafarros

1993  
mário fróis amaral  
casa na travessa do campo do paiva

1993  
nuno e josé mateus  
casa pátio melides

1994  
adalberto dias  
casa de penha longa

1994  
álvaro siza  
casa luis figueiredo

1994  
candido chuva gomes  
casa dra. celeste gonçaves

1994  
carlos prata  
casa engenheiro raimundo delgado

1994  
graça dias e egas vieira  
casa no penedo

1994  
manuel botelho  
casa engenheiro nunes souza

1994  
rui b. duarte e ana p. pinheiro  
casa vítor caine

1994  
souto de moura  
casa l no bom jesus

1994  
souto de moura  
casa em cascais

1994  
souto de moura  
casa na avenida da boavista

1995  
alexandre marques pereira  
casa das tílias

1995  
carvalho aráujo  
casa jlf

1995  
josé bernardo távora  
casa em fafe



1995  
josé simões neves  
casa rui jordão

1995  
mário fróis do amaral  
rua almirante reis

1996  
álvaro siza  
casa César Rodrigues

1996  
josé fernado gonçalves  
casa j

1995  
manuel botelho  
casa eng. matos almeida e eng.  
augusto pina

1995  
paula santos e rui ramos  
casa antónio feijó

1996  
mário fróis do amaral  
casa no lugar de ponte de várzea

1996  
josé gigante  
reconversão de moinho

1995  
manuel graça dias e egas josé vieira  
casa do guarda

1995  
ricardo bak gordon e carlos vilela  
casa no cabo da roca

1996  
joão carreira e paulo valente  
casa dr. francisco valente

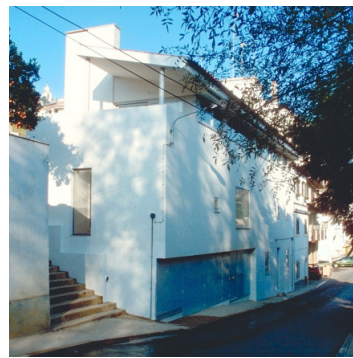
1996  
manuel correia fernandes  
casa teixeira dos santos

1995  
mário fróis do amaral  
moradia bi familiar

1995  
souto de moura  
casa em tavra

1996  
joão pedro falcão de campos  
casa cavaco rodrigues

1997  
alexandre manuel cruz silva  
casa na rua viana lima 54



1997  
carlos castanheira  
quinta do buraco - casa I

1997  
domingos tavares  
casa na rua do breiner

1997  
mário fróis do amaral  
casa na rua cálvario

1997  
joão alvaro rocha  
casa no lugar do paço

1997  
manuel e francisco aires mateus  
casa na quinta da moura

1997  
manuel correia fernandes  
casa malafaya

1997  
rui b. duarte e ana p. pinheiro  
casa lajas pereira

1998  
carlos castanheira  
casa senhora da guia

1998  
carlos prata  
casa dr. castro rocha

1998  
carlos prata  
casa dr. pinheiro pinto

1998  
joão pedro falcão de campos  
casa tomé matos lopes

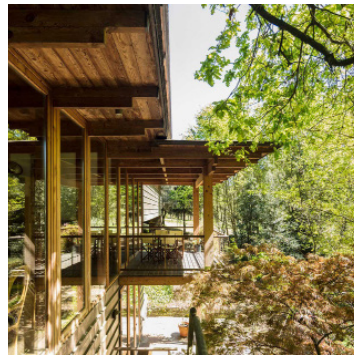
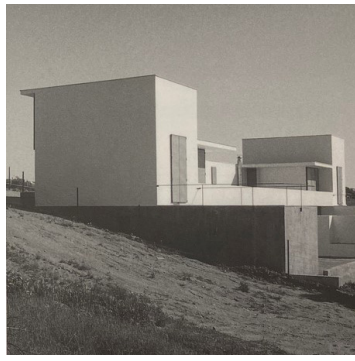
1998  
miguel salgado braz e josé nuno beirão  
casa santos viana

1998  
pedro maurício borges  
casa fonseca e macedo

1998  
souto de moura  
casa em moledo

1999  
alcino soutinho  
casa pina vaz

1999  
alexandre marques pereira  
casa saraiva



1999  
álvaro siza  
casa david vieira de castro

1999  
inês lobo e pedro domingos  
duas casas em sesimbra

1999  
josé gigante e nuno valentim lopes  
complexo residencial gavião

1999  
souto de moura  
casas pátio em matosinhos

2000  
manuel e francisco aires mateus  
casa no litoral alentejano

2000  
alcino soutinho  
moradia na rua júlio dantas

2000  
carrilho da graça  
casa sousa ramos

2000  
souto de moura  
casa d6

2000  
gonçalo leitão e pedro viana carreiro  
casa na aroeira

2000  
joão mendes ribeiro  
reconversão de um palheiro

2000  
joão ribeiro de carvalho  
moradia nas azenhas do mar

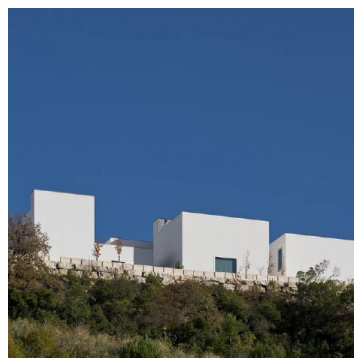
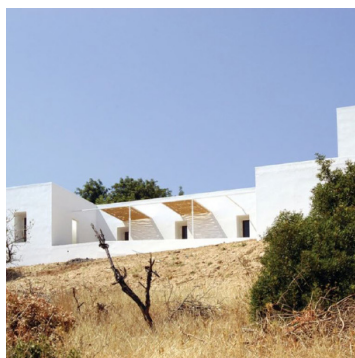
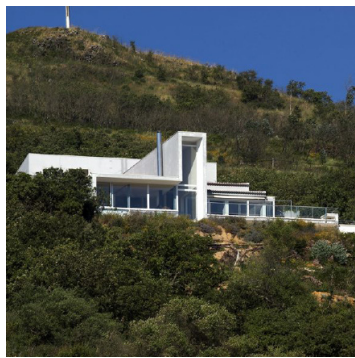
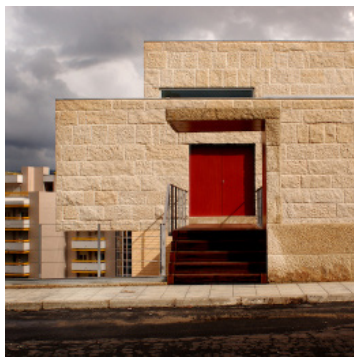
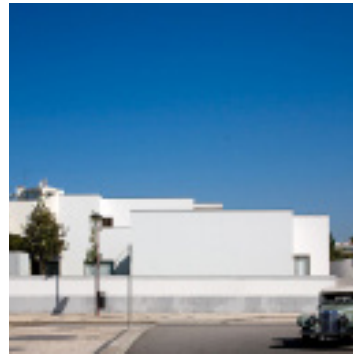
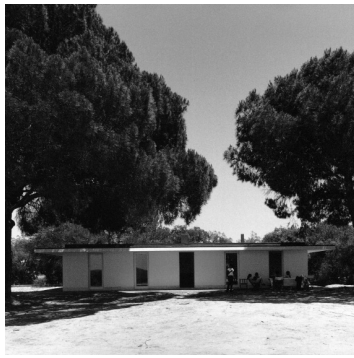
2000  
luís ferreira rodrigues  
casa ze+si

2000  
manuel botelho  
casa dr. paulo pires

2000  
nuno brandão costa  
casa da boavista

2001  
carlos castanheira  
quinta do buraco - casa III

2001  
joão álvaro rocha  
casa no lugar da várzea III



2001  
joão pedro falcão de campos  
casa saraiva lima II

2001  
josé pulido valente  
moradia carla afonso

2001  
manuel botelho  
casa maia ribeiro

2001  
nuno brandão  
casa em affe

2001  
pedro maurício borges  
casa pacheco de melo

2001  
souto de moura  
casa ferreira de castro

2002  
manuel e francisco aires mateus  
casa em alenquer

2002  
álvaro siza  
casa armanda passos

2002  
antônio belém lima  
casa mts

2002  
nuno e josé mateus - arx  
casa na malveira

2002  
carlos castanheira  
casa tivinha

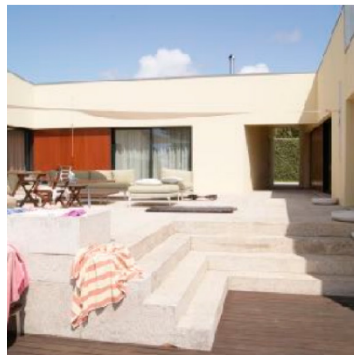
2002  
paulo gouveia  
casa em são joão

2002  
paulo gouveia  
casa em sintra

2002  
ricardo bak gordon  
casa em boliqueime

2002  
ricardo bak gordon  
casa em pousos

2002  
souto de moura  
casa na serra da arrábida



2002  
souto de moura  
duas casas em ponte de lima

2003  
alcino soutinho  
casa em afife

2003  
jorge mealha  
casa em tróia

2003  
josé gigante  
casa gabriela pinheiro

2003  
nuno lacerda lopes  
casa botte

2003  
nuno e josé mateus - arx  
casa no romeirão

2003  
pedro mendes  
casa em pavia

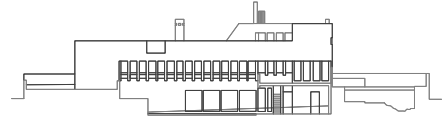
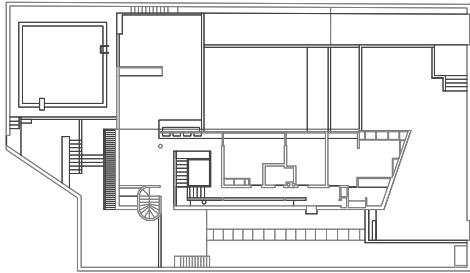
2004  
joão álvaro rocha  
casa no lugar do baixinho





12 semanas, 12 casas. Para cada objecto procuraram-se as fontes, de revistas a entrevistas, digitalizaram-se imagens, redeseñaram-se plantas, cortes e alçados. Para alguns afortunados, visitaram-se, in situ, os espaços. A colecção foi minuciosamente organizada num servidor comum acessível a todos.

Semana a semana, cada aluno apresentou uma casa, permitindo um alargamento constante do arquivo. Os padrões que viriam a ser curadoria formaram-se lentamente.



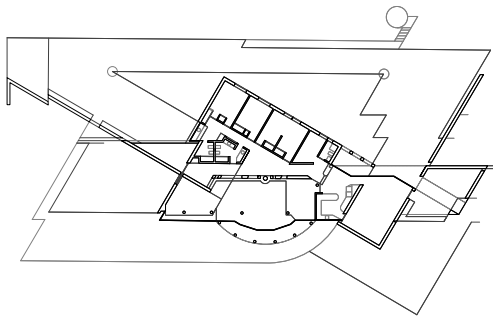
1975  
manuel tainha

casa martim dos santos  
1/100

23 / 125



A Casa Martim Dos Santos, do arquitecto Manuel Tainha evidência uma dicotomia entre o movimento moderno português e a arquitectura brutalista, devido aos seus planos ortogonais presentes em planta e nas suas fachadas em betão armado texturado. Transporta-nos para o trabalho de Le Corbusier em Chandigarh na década de 50 do século XX, e o empreendimento turístico da Balaia no Algarve, projectado pelo arquitecto Tomás Taveira, em 1967. Estes foram alguns dos exemplos utilizados no estudo desta casa, de forma a cruzar, contextualizar e conectar informação, procurando possíveis influências e referências no desenvolvimento dos respectivos projectos de arquitectura.



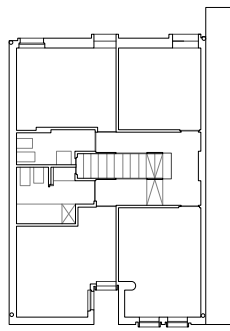
1982  
manuel correia fernandes

casa mortágua  
1/100

24 / 125



Do arquitecto Manuel Correia Fernandes, a Casa Mortágua foi alvo de reflexão no que diz respeito à sua planta e longitudinalidade, ao tratamento da sua fachada em pedra aparelhada à vista e o alçado proeminente das janelas em madeira, que remete de certa forma um imaginário neoclássico francês e americano do século XVII-XVIII, devido à presença de uma cobertura saliente que dá origem a uma forma semelhante de uma bay-window. Esta casa foi também equiparada à casa Marques Guedes do arquitecto Alexandre Alves Costa (1950) devido à sua fachada em pedra, a Glass House de Lina Bo Bardi (1950), a Maison de Verre do arquitecto Pierre Chareau (1932) de forma a referenciar o pano envidraçado presente nas casas, e a Villa Alcina do arquitecto Sergio Fernandez (1974), também devido à presença da pedra à vista em toda a sua fachada.



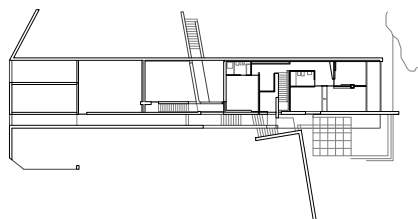
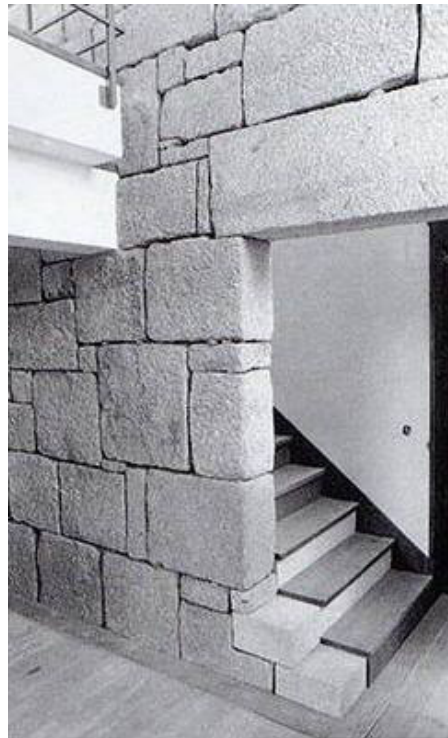
1988  
alexandre manuel cruz silva

casa na rua professor melo adrião\_128-130  
1/100

25 / 125



A casa na Rua Professor Melo Adrião, 128-130 é uma casa particular tendo em conta o arquitecto aqui referido. Esta casa é propriedade do arquitecto e a sua habitação, no entanto, uma pequena amostra da surpresa que tanto nos causou, depois de terem sido encontradas e estudadas mais casas projectadas pelo mesmo, devido à sua linguagem pós-modernista evidente quer em planta, quer no desenho dos alçados. Sobre o interior não existe qualquer tipo de informação, mas em conjugação com o restante trabalho, houve uma correlação e cruzamento de informação, que foi bastante elucidativa sobre o seu modus operandi e a sua crença na qualidade estética, formal e clássica presente no período pós-moderno da arquitectura em Portugal.



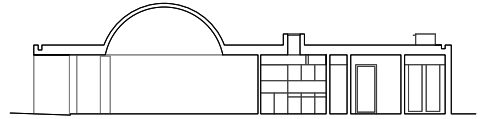
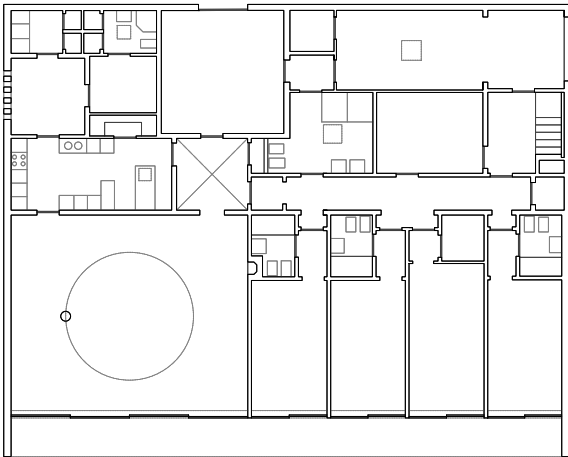
1988  
joão álvaro rocha

casa de mesão frio  
1/100

26 / 125



Por oposição à casa anterior, a Casa de Mesão Frio do arquitecto João Álvaro Rocha surge aqui num contexto mais rural e enquadrada na paisagem. Esta apresenta uma fachada em pedra à vista com os seus planos ortogonais de uma arquitectura contemporânea pintada de branco, dando assim mais ênfase à pedra aparente e estruturante de um dos muros exteriores. Esta casa foi alvo de várias especulações e referenciada através do auxílio de outros projectos de outros arquitectos tais como a Casa Mortágua (1982) do arquitecto Manuel Correia Fernandes, a Casa 1 e 2 em Nevogilde (1985-1988) do arquitecto Souto de Moura, e os exteriores e interiores da Casa Luís Príncipe (1991) do arquitecto Carlos Prata.



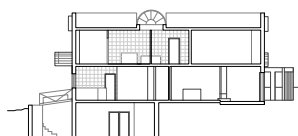
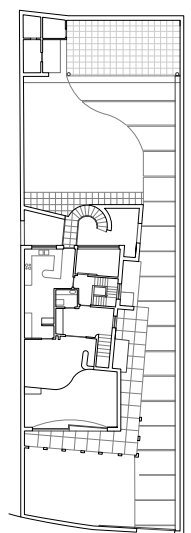
1989  
souto de moura

casa na quinta do lago  
1/100

27 / 125



Num contexto mais exótico, surge a Casa na Quinta do Lago do arquitecto Souto de Moura, parte desenhada aquando da sua estadia em Macau e que acabou por influenciar o desenho da mesma com base nas casas tradicionais chinesas, ao mesmo tempo que se funde com uma arquitectura mediterrânica e do Sul da Índia, em concreto Chandigarh. Souto de Moura conseguiu num só projecto, trabalhar a arquitectura da casa na Quinta do Lago, onde as influências de Aldo Rossi (Cemitério de San Cataldo), a arquitectura do sul da Europa e Mediterrânico, a arquitectura chinesa e do Sul da Ásia dialogam umas com as outras, dando origem a um projecto de cheios e vazios, onde a casa funciona como uma espécie de mini-cidade. As formas volumétricas na cobertura da casa, surgem como as formas volumétricas que Le Corbusier observou aquando da sua visita a Roma, e que acabou por transportar para alguns dos seus projectos de arquitectura em Chandigarh, na Índia (Palácio da Assembleia).



1990  
mário frois do amaral

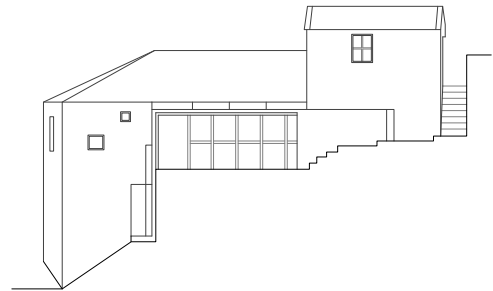
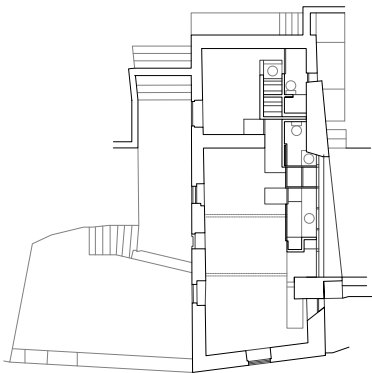
casa unifamiliar  
1/100

28 / 125



A casa unifamiliar do arquitecto Mário Frois do Amaral tem uma característica particular, referida pelo arquitecto convidado a falar sobre os seus projectos. Tinha de ter entrada de luz natural através de todos os alçados, incluindo a cobertura, aqui visto como o quinto alçado da casa. Não só também a pedido do cliente, mas algo que o arquitecto acredita que é essencial em todas as habitações, referindo que durante o dia não devia ser necessário acender qualquer tipo de luz artificial. A casa apresenta traços de uma arquitectura contemporânea própria da sua época, onde não foram esquecidos o respeito pela materialidade ao nível do trabalho dos mármore presentes no interior da habitação. No exterior, o jardim que rodeia a casa é visto como uma extensão da mesma, permitindo a entrada de luz natural em todos os espaços.





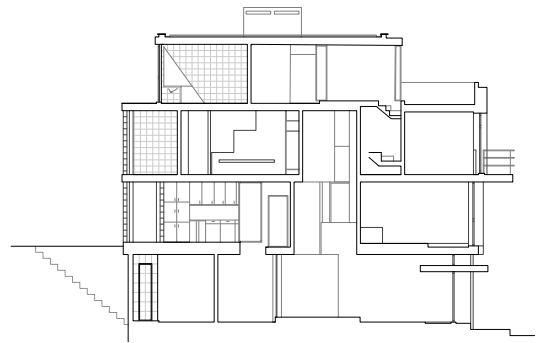
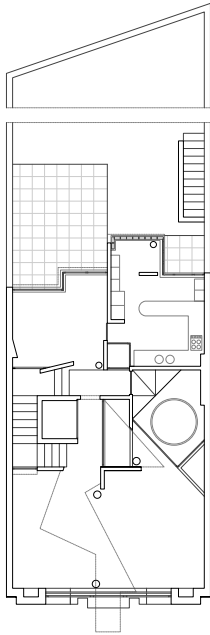
1991  
carlos prata

casa dr. pedro barata feyo  
1/100

29 / 125



Equiparada à Casa Mortágua (1982) do arquitecto Manuel Correia Fernandes, à Casa de Mesão Frio (1988) do arquitecto João Álvaro Rocha, e à Casa Luis Principe (1991) do arquitecto Carlos Prata, a Casa Dr. Pedro Barata Feyo enquadra-se num contexto menos cosmopolita e urbano, numa zona rural envolvida pelo verde da natureza. Com as fachadas em pedra aparelhada em diálogo com a sua nova ampliação de cariz contemporâneo e dissimulado na arquitectura pre-existente, trata-se de uma reabilitação enquadrada com o meio envolvente, onde o novo cohabita com o antigo de forma equilibrada e natural.



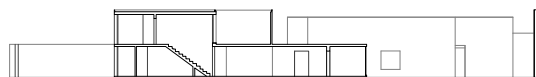
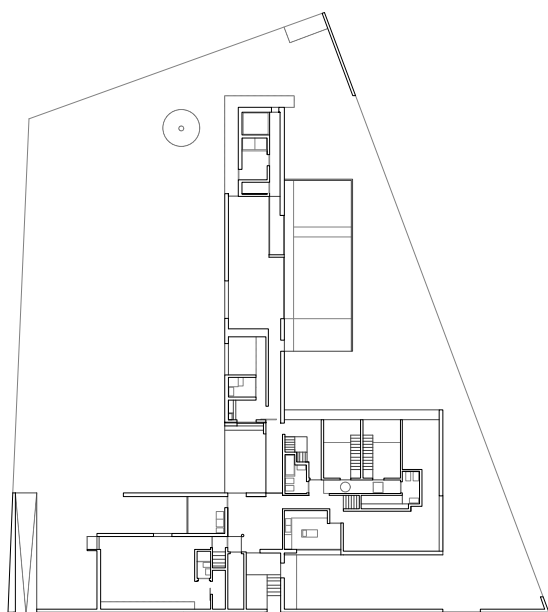
1992  
alexandre manuel cruz silva

casa na rua padre xavier coutinho\_99\_101  
1/100

30 / 125



Uma das casas que mais curiosidade suscitou, e que se teve a oportunidade de visitar na companhia do arquitecto que a projectou, a casa na Rua Padre Xavier Coutinho evidencia através da sua fachada principal um grande oculo com uma porta de acesso ao exterior, como se apenas um pouco da sala se estendesse para a rua principal. A análise e especulação mostrou-se totalmente ao lado do que se esperava, pós visita, mas através das suas plantas e cortes, evidenciava uma linguagem pós-moderna com alguns requintes construtivos intencionais por parte do arquitecto, em que colunas se separam por meros centímetros das paredes, como também algumas paredes em zigue-zague. Para o arquitecto foi sempre importante trabalhar com base nos moldes do pós-modernismo, nunca esquecendo a função dos respectivos espaços, recorrendo à volumetria e forma vernacular da arquitectura clássica.



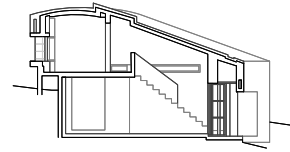
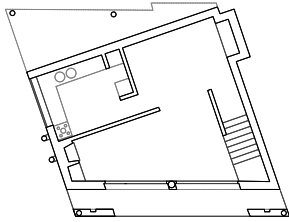
1995  
carvalho araujo

casa jlf  
1/100



31/125

A casa JLF do arquitecto Carvalho Araújo encontra-se implantada num terreno de tamanho considerável, o que permitiu ao arquitecto estabelecer uma relação entre o espaço interior e o exterior. De arquitectura ortogonal, volumetria controlada e cheios e vazios, a casa JLF de certo modo relaciona-se com as Casa em Nevogilde (1985) e a Casa de Moledo (1998) do arquitecto Souto de Moura, através do pano envidraçado presente numa das fachadas, e a relação com o jardim. Igualmente, uma das especulações sobre esta casa, é também o diálogo que ela estabelece com a Casa San Cristobal (1968) e a Casa Gilardi (1976) do arquitecto Luis Barragan, quer na utilização da cor, quer nas formas salientes em algumas das fachadas.



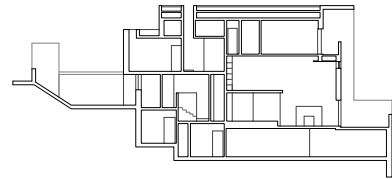
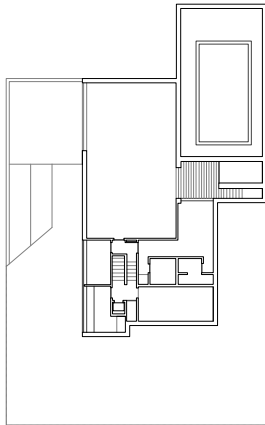
1995  
manuel graça dias

casa do guarda  
1/100



32 / 125

Uma casa que se salienta na paisagem saloia da região de Sintra, é a Casa do Guarda do arquitecto Manuel Graça Dias, revestida a cerâmica cor de tijolo em quase todas as suas fachadas, em contraposição a uma delas que se apresenta pintada de branco com um pequeno óculo e duas grandes janelas. No interior é possível sentir o paralelismo das paredes interiores em relação às da fachada, resolvendo os aposentos e instalação sanitária do piso superior. Evidente no corte, encontra-se um tecto ligeiramente abobadado que nos remete para o tecto da Villa Henfel (1935) dos arquitectos Le Corbusier e Pierre Jeanneret e a Casa Mackintosh (1904) do arquitecto Charles Rennie Mackintosh.



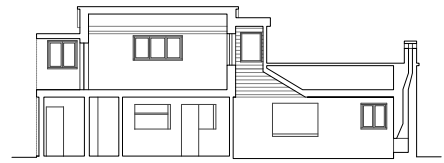
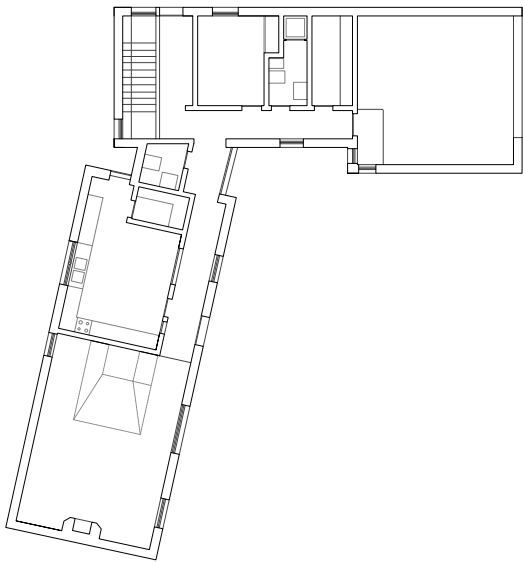
2002  
antónio belém lima

casa mts  
1/100

33/125



Relativamente à Casa MTS do arquitecto António Belém Lima, esta vai ao encontro dos ideais poéticos da sua arquitectura, como também do anterior atelier Poliedro Arquitectos de Vila Real. A casa adaptou-se à cultura do cliente, como também ao próprio lugar com a introdução de vários materiais tais como a pedra e o tijolo de burro, fazendo de alguma forma uma homenagem aos materiais tradicionais. Esta casa pode ser relacionada com os seus restantes trabalhos, ainda que a partir de determinada altura, a linguagem e estética dos anos 80 se tenha começado a desvanecer, com programas mais generalistas e comerciais, onde este tipo de projecto de arquitectura se insere. No entanto, o trabalho volumétrico da casa e o desenho dos alçados, relaciona-se profundamente com os interiores onde cada espaço tem a sua própria narrativa, função, ambiente e modo de viver.



2002  
paulo gouveia

casa em sintra  
1/100



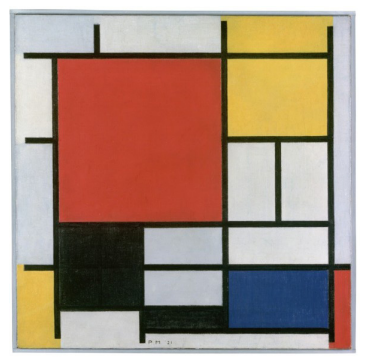
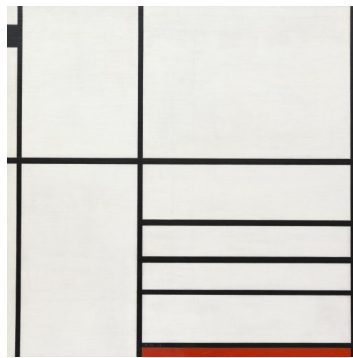
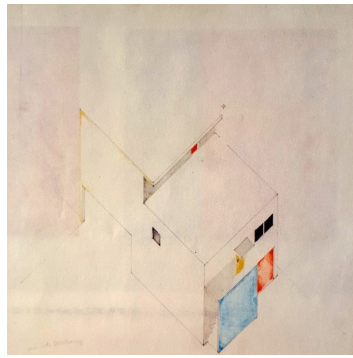
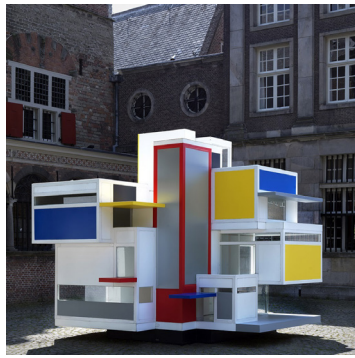
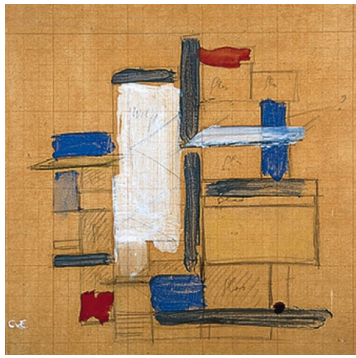
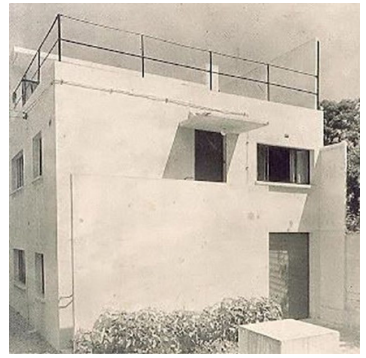
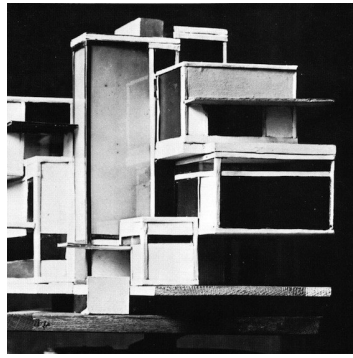
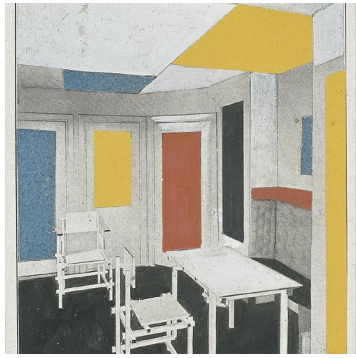
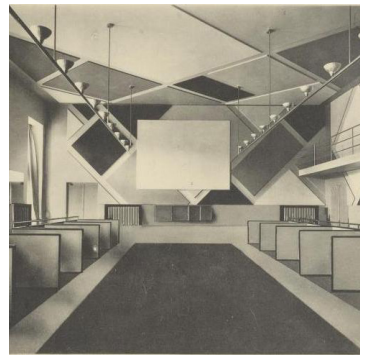
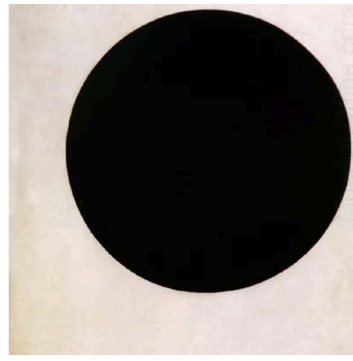
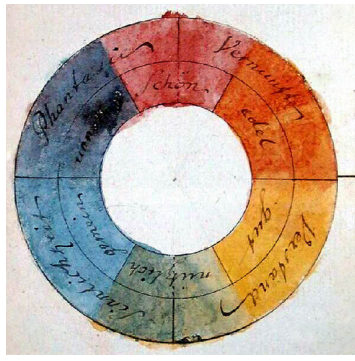
34 / 125

Concluindo, uma das últimas casas a ser analisada, a Casa em Sintra do arquitecto Paulo Gouveia, mostra-nos o caracter regionalista presente no seu trabalho. Uma casa enquadrada na paisagem sintrense, como muitas das existentes com os seus beirais e telhados de quatro águas com telha merselha, porém, com um tratamento contemporâneo ao nível dos pisos superiores em chapa metálica, evidenciando o contraste entre o tradicional e as novas tecnologias. O interior, revestido em algumas das zonas com lambris de madeira, confere o ambiente quente à casa em oposição às temperaturas frias da região, característicos de muitas das casas tradicionais da zona de Sintra.









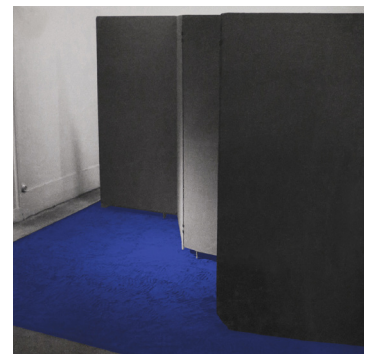
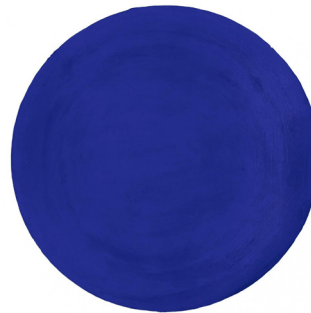
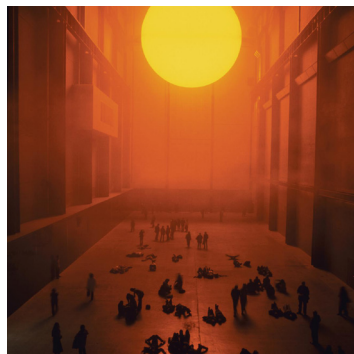
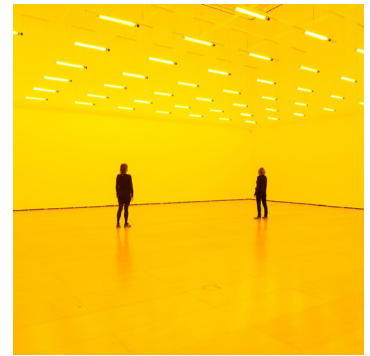
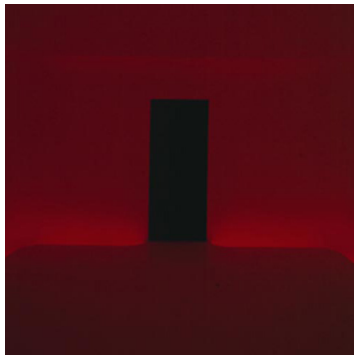
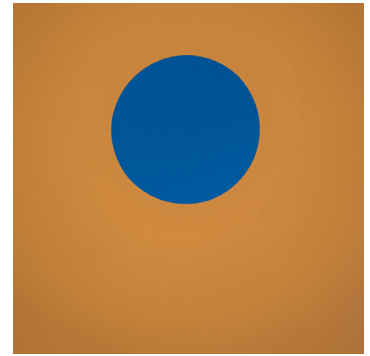
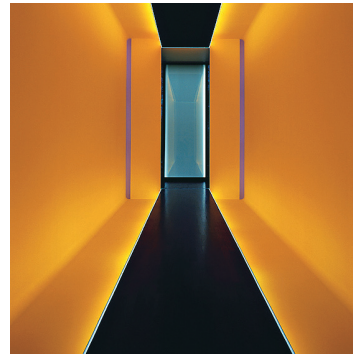
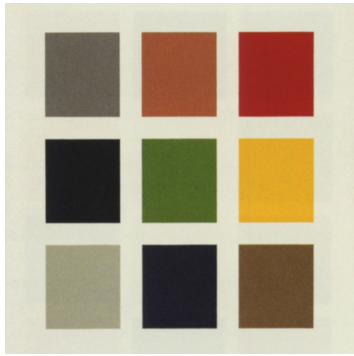
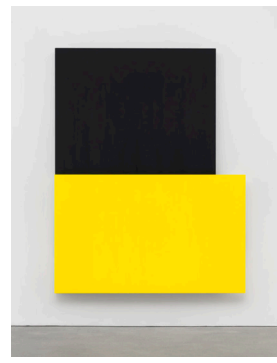
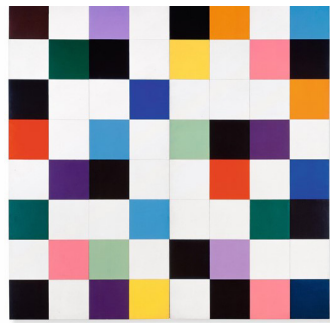
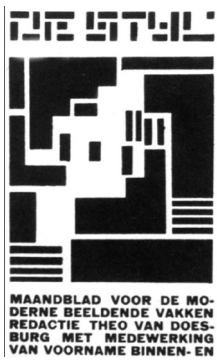
- Imagem 01  
1913\_kandinsky\_color study
- Imagem 02  
1810\_j.w.v.goethe\_colour wheel
- Imagem 03  
1915\_malevich\_black circle
- Imagem 04  
1928\_t. v. doesburg\_aubette ciné

- Imagem 05  
1919\_t. v. doesburg\_rietveld\_interior
- Imagem 06  
1928\_t. v. doesburg\_aubette ciné
- Imagem 07  
1923\_t. v. doesburg\_maison d'artist
- Imagem 08  
1930\_t. v. doesburg\_maison v. doesburg

- Imagem 09  
1923\_t. v. doesburg\_maison d'artist
- Imagem 10  
1923\_t. v. doesburg\_maison d'artist
- Imagem 11  
1929\_t. v. doesburg\_sketch
- Imagem 12  
1923\_t. v. doesburg\_interior sketch

- Imagem 13  
1925\_t. v. doesburg\_composition
- Imagem 14  
1924\_gerrit rietveld\_schroder house
- Imagem 15  
1936\_piet mondrian\_composition
- Imagem 16  
1921\_piet mondrian\_composition

Pretende-se com este quadro de referências balizar a respectiva curadoria, com base em arquitectos, designers e artistas plásticos, conhecidos da história e teoria da arte e arquitectura do século XX.



- Imagem 01  
1917\_de stijl cover magazin
- Imagem 02  
1951\_ellsworth kelly\_colour chart
- Imagem 03  
2015\_ellsworth kelly\_black over yellow
- Imagem 04  
1960\_ellsworth kelly\_high yellow

- Imagem 05  
1966\_gerhard richter\_colour chart
- Imagem 06  
1990\_gerhard richter\_abstracktes bild
- Imagem 07  
2005\_james turrel\_pela passage
- Imagem 08  
2013\_james turrel\_the color beneath

- Imagem 09  
2002\_james turrel\_big red
- Imagem 10  
2004\_john baldessari\_fissure and ribbons
- Imagem 11  
2007\_john baldessari\_magazin project
- Imagem 12  
1997\_olafur eliasson\_room for one colour

- Imagem 13  
2020\_olafur eliasson\_beyond...time
- Imagem 14  
2003\_olafur eliasson\_weather project
- Imagem 15  
1959\_yves klein\_blue monochrome
- Imagem 16  
1957\_yves klein\_pure pigment

Todas as referências e protagonistas aqui referenciados, tiveram ou têm uma relação forte com a cor, no que diz respeito à sua utilização e impacto na arquitetura, quer no aspecto estético, arquitectónico e tectónico, meio ambiente e psicológico. A cor era sempre tida em conta, e também um dos motivos principais do desenvolvimento dos trabalhos e projectos pessoais.



os suspeitos do costume  
187 casas  
92 casas brancas

Imagem 01  
1970\_pádua ramos\_ rua azevedo coutinho

Imagem 02  
1976\_joão nasi pereira\_cada sidarus

Imagem 03  
1982\_troufa real\_casa fátima cruz

Imagem 04  
1985\_pedro ramalho\_casa carlos de souza

Imagem 05  
1987\_alcino soutinho\_casa no barreiro

Imagem 06  
1989\_souto de moura\_casa quinta do lago

Imagem 07  
1992\_alexandre m.c.silva\_casa rua padra xavier coutinho

Imagem 08  
1993\_aires mateus\_casa em nafarros

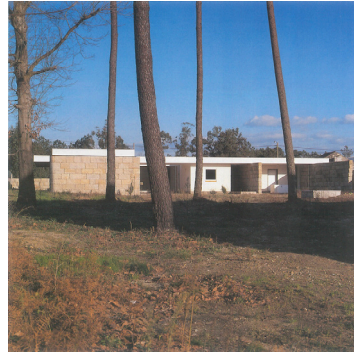
Imagem 09  
1994\_álvaro siza vieira\_casa luis figueiredo

Imagem 10  
1995\_carvalho araújo\_casa jlf

Imagem 11  
1995\_souto de moura\_casa em tavora

Imagem 12  
2000\_alcino soutinho\_moradia na rua júlio dantas

Dando início ao exercício, foram seleccionadas algumas das casas do arquivo geral que tinham apenas a cor branca presente nas fachadas. A escolha destas casas teve como base o tipo de exercício a ser trabalhado, colocando de parte o lugar, volumetria e relação com o exterior.



os suspeitos do costume  
187 casas  
64 casas com materiais diversos

Imagem 01  
1974\_sergio fernandes\_vila alcina

Imagem 02  
1975\_manuel vicente\_casa weinstein

Imagem 03  
1982\_simões de carvalho\_casa em queijas

Imagem 04  
1987\_fernando távara\_casa da rua nova

Imagem 05  
1991\_carlos prata\_casa luís príncipe

Imagem 06  
1992\_manuel correia fernandes\_atelier carlos barreira

Imagem 07  
1993\_joão alvaro rocha\_casa na varzea 1

Imagem 08  
1993\_mário frois do amaral\_casa na travessa do campo

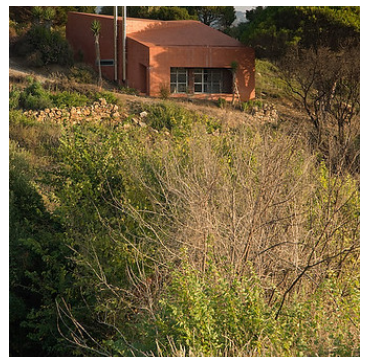
Imagem 09  
1994\_souto de moura\_casa na avenida da boavista

Imagem 10  
josé fernando gonçalves\_casa j

Imagem 11  
1997\_carlos castanheira\_quinta do buraco\_casal

Imagem 12  
1998\_souto de moura\_casa em moledo

Em relação às casas revestidas por outros materiais, que não só e apenas a pintura, estas surgem por uma questão de diversidade dentro do arquivo, sendo que a cor branca é das mais utilizadas. No entanto, o arquivo evidencia alguma diversidade no que diz respeito à utilização de outros materiais de revestimento.



os suspeitos do costume  
187 casas  
31 casas com cor

- Imagem 01  
1976\_alvaro siza vieira\_casa beires
- Imagem 02  
1978\_pedro ramalho\_casa na rua aveledo
- Imagem 03  
1982\_pancho guedes\_casal dos olhos
- Imagem 04  
1984\_alcino soutinho\_casa pinto souza

- Imagem 05  
1993\_egas josé vieira/manuel graça dias\_casa em troia
- Imagem 06  
1996\_alvaro siza\_casa cesar rodrigues
- Imagem 07  
1978\_alvaro siza vieira\_casa carlos siza
- Imagem 08  
1985\_troufa real\_casa mário cabrita gil

- Imagem 09  
1988\_alexandre m.c.silva\_casa rua professor melo adrião
- Imagem 10  
1991\_alexandre alves costa\_casa ricardo pais
- Imagem 11  
1995\_egas josé vieira/manuel graça dias\_casa do guarda
- Imagem 12  
2001\_josé pulido valente\_moradia carla afonso

Por último, a selecção das casas com cor evidenciou uma forte utilização da cor amarela, cor de rosa e ocre, podendo assim considerar estas cores as mais comuns e utilizadas na arquitectura portuguesa, ainda que o branco seja a mais destacada.



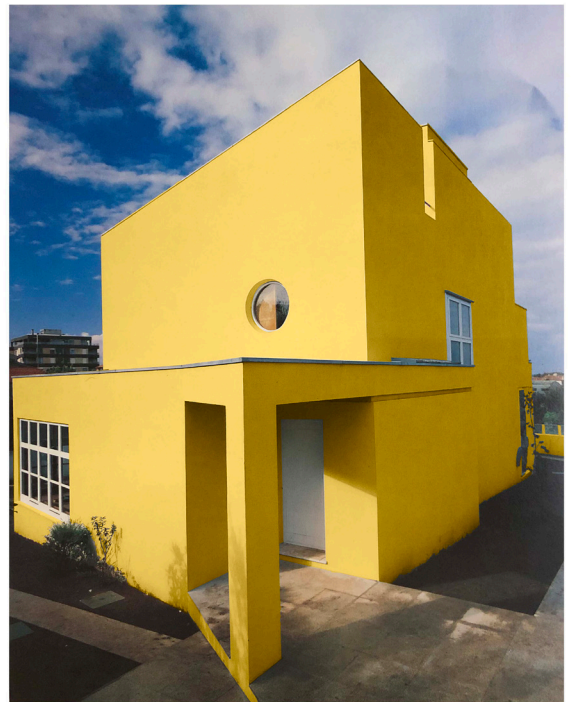
os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação\_casas brancas com cor

Com este exercício, o objectivo era também perceber e/ou questionar o impacto da cor na arquitectura. Aqui é possível observar o manipulação digital da cor original das casas, de forma a reflectir sobre a identidade das mesmas, e se estas se destacavam em relação ao seu lugar.



os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação\_casas brancas com cor

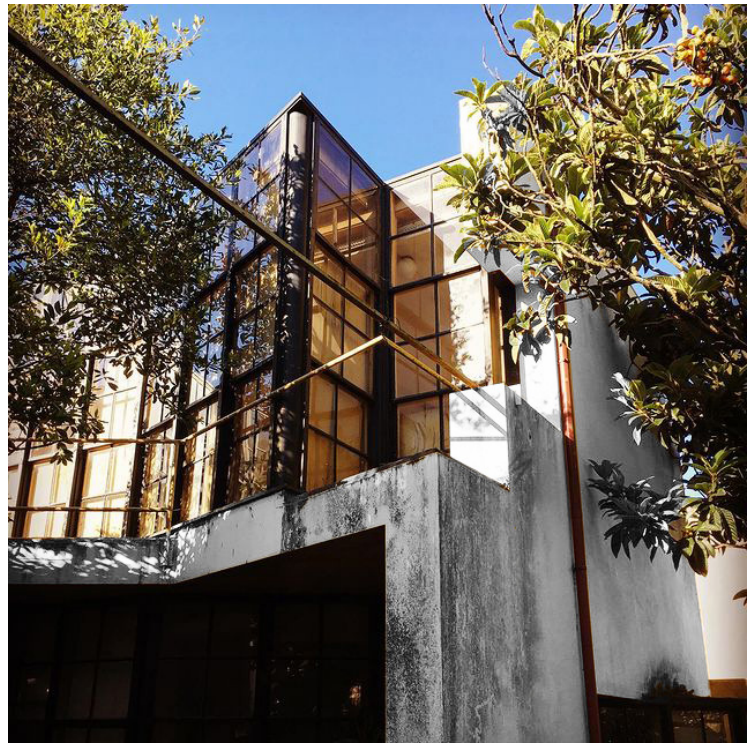
O ocre e o amarelo foram as cores escolhidas, de modo a manter a homogeneidade do exercício e lógica da cor, para que o exercício não deixasse de fazer sentido. Ao limitar o número de cores na experiência, foi possível reunir uma espécie de inventário com a mesma linha de pensamento.



os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação\_casas brancas com cor

Ainda que pudessem ter sido utilizadas outras cores nesta experiência, o objectivo era utilizar as identificadas no arquivo geral. Logo, cores como o verde, azul, vermelho, entre outras, foram descartadas, para que a mentira talvez se tornasse verdade.





os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação\_casas com cor brancas

45 / 125

Todas as casas aqui manipuladas, tinham o objectivo de no fim se fundirem com o arquivo base, como se baralhassemos um baralho de cartas. No fim, o painel apresentaria todas as casas no seu formato original, e as mesmas casas manipuladas com outras cores.

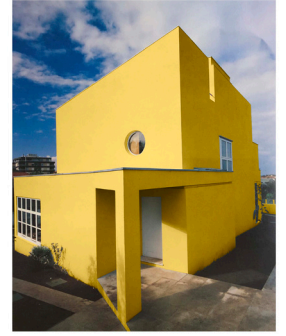


---

os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação\_casas com cor brancas

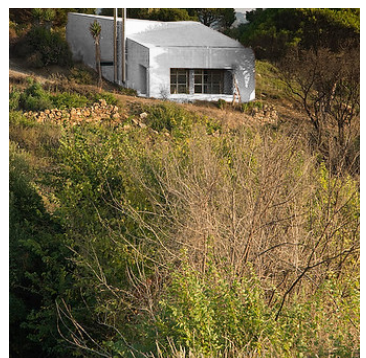
46 / 125

Equiparando ao jogo "Quem é quem?", podíamos assim tentar adivinhar qual seria a casa verdadeira, e se a cor de facto teria impacto em relação ao lugar, topografia, morfologia urbana e volumetria.



os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação...quem é quem?

A cor pode transformar um objecto, desde a sua leitura quando observada pelo espectador ou utilizador, como também pode influenciar o factor psicológico. Existem cores quentes, cores frias, cores que absorvem e reflectem mais ou menos a luz, cores mais apelativas e outras menos atraentes. No entanto, todos estes factores devem ser tidos como subjectivos, tendo em conta que - "observador a", pode não experienciar da mesma maneira que o "observador b".



os suspeitos do costume  
187 casas  
especulação...quem é quem?

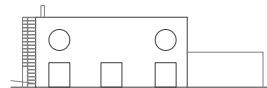
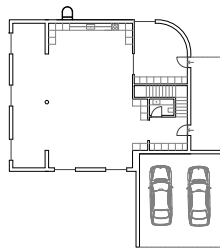
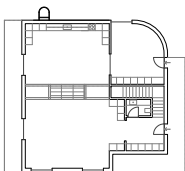
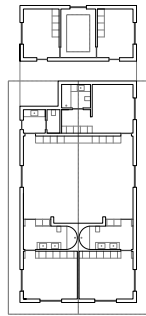
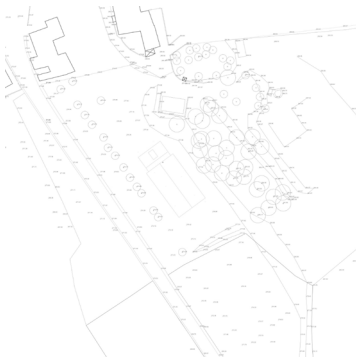
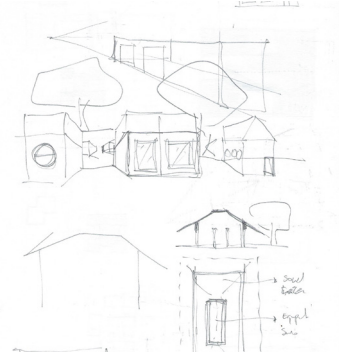
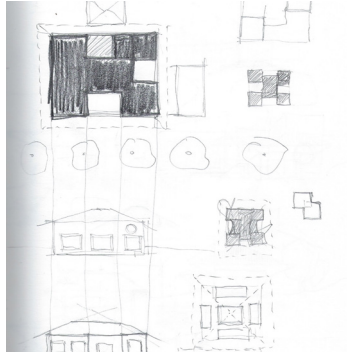
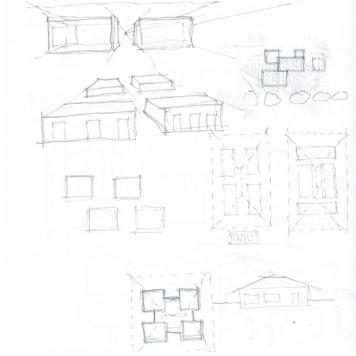
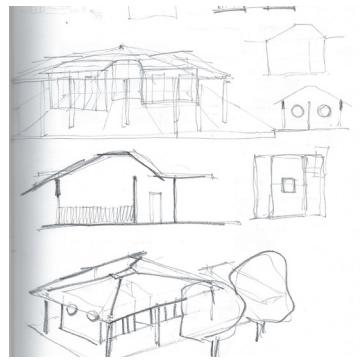
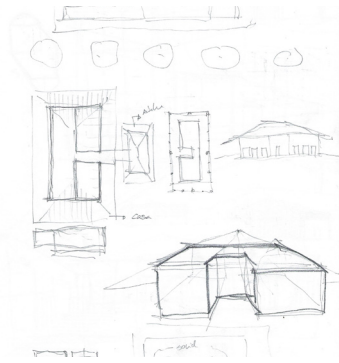
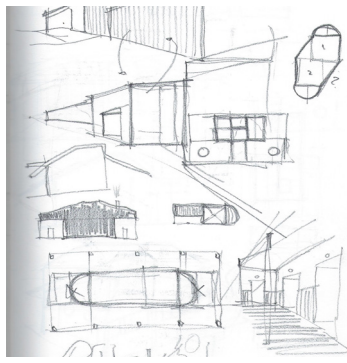
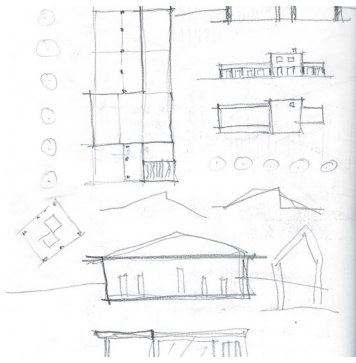
Concluindo o tema da curadoria, de uma forma geral o exercício levantou mais questões, do que propriamente conclusões. Um dos objectivos foi a tentativa de debater e falar de forma coloquial sobre o tema da cor na arquitectura, e questionar a sua origem: Perguntas tais como se a cor confere mais ou menos seriedade, formalismo ou abstraccionismo, se a utilização da cor altera o discurso moderno ou contemporâneo da casa, se as casas brancas que foram manipuladas se destacaram em relação ao lugar, se a cor surge em função da volumetria e desenho da casa enquanto objecto, ou se a cor é apenas uma intuição pessoal, ficaram por responder, mas abriram caminho para uma maior e completa investigação.



As ferramentas de produção de um projecto são lentes para a sua leitura e vice versa. Num pós investigação, propôs-se o difícil de exercício da passagem do crítico a criticado: desenhar uma casa.

Não foi imposta qualquer obrigação de relação com o arquivo que tinha sido desculpa para um momento anterior, ficando ao critério de cada um a relação ou falta dela com o que tinha sido estudado. Nada é mais contextual do que a eventual rejeição de um contexto.

Foram atribuídos terrenos sem qualquer valor particular de forma aleatória a todos os alunos. Regularmente, os mesmos foram trocados entre si, forçando cada actor desta dança colectiva a reagir rapidamente a novas condições e problemas. Não era objectivo uma apropriação do lugar, sendo cada um deles uma condição temporária.

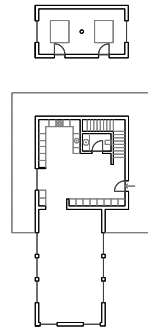
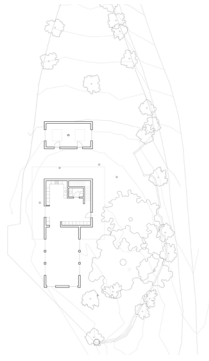


+

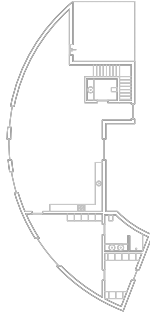
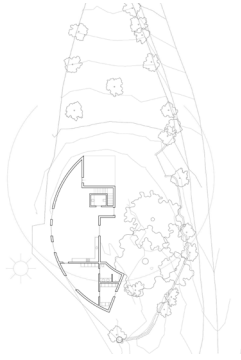
+

terreno\_01\_sobral do monte agraço  
esquissos\_desenhos técnicos\_referências\_colagem

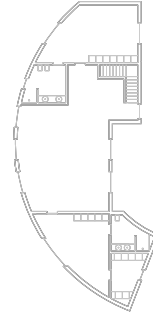
O primeiro terreno situa-se em Sobral de Monte Agraço, com um declive bastante acentuado, sendo que este terreno se dividia em duas partes em lados opostos da estrada. Com um programa já definido: uma casa para três pessoas, o lugar onde esta se insere foi relevante no que diz respeito à paisagem circundante. Um terreno vasto com árvores e vista para a serra, a casa passou por ser mais um objecto que contemplava a vista, e que se deixava contaminar pela mesma, ao nível dos espaços interiores.



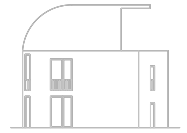
+



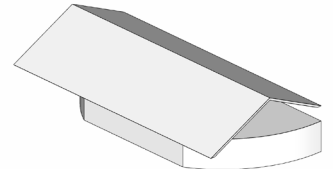
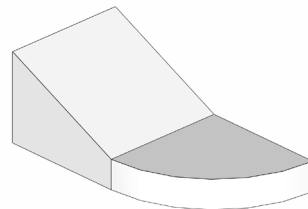
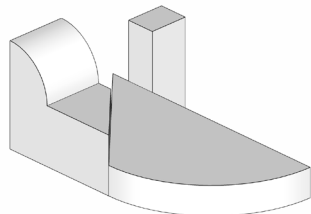
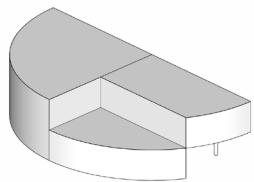
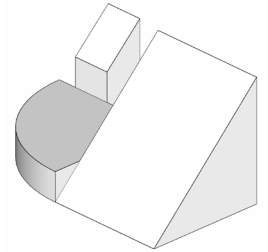
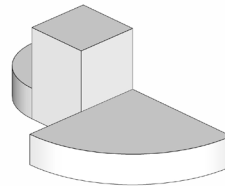
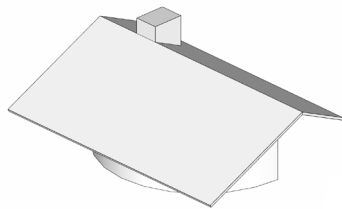
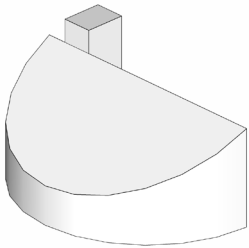
+



+



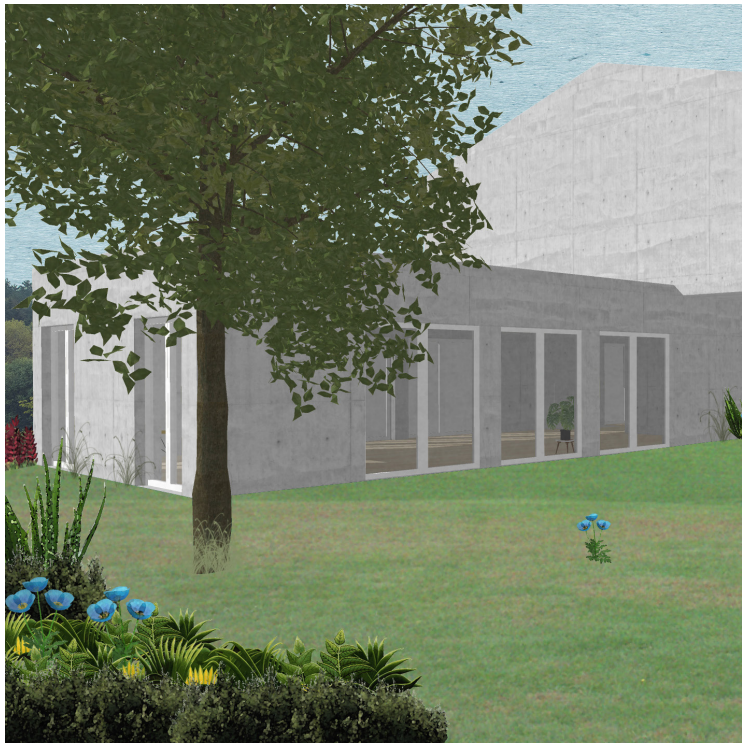
+



terreno 02\_serra da aboboreira  
terreno\_desenhos técnicos\_volumétrias

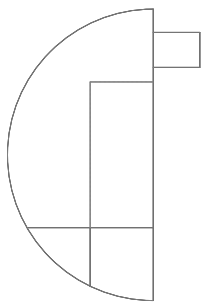
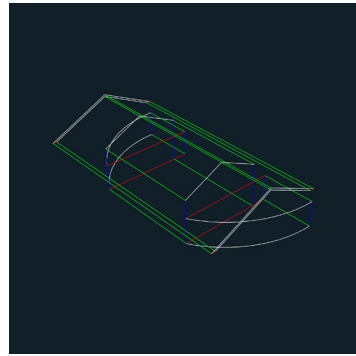
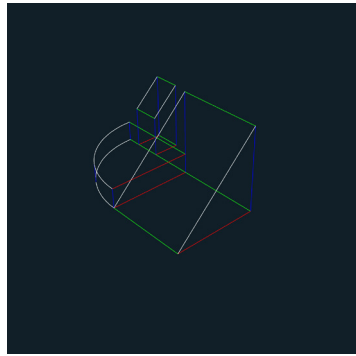
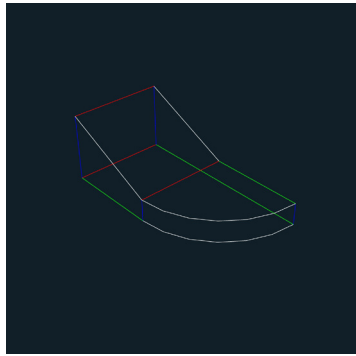
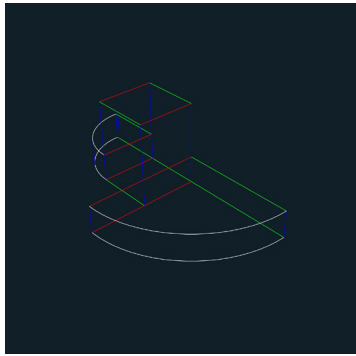
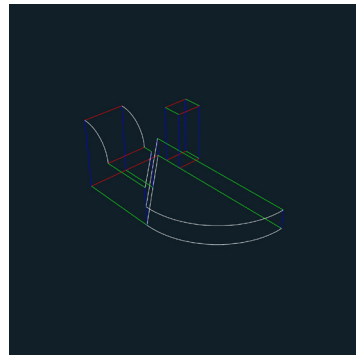
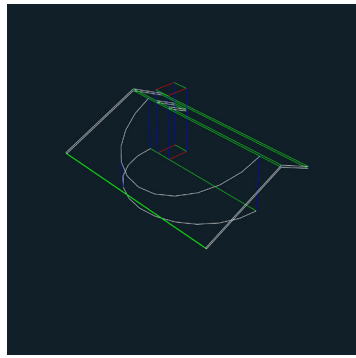
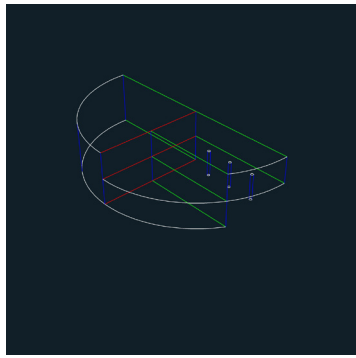
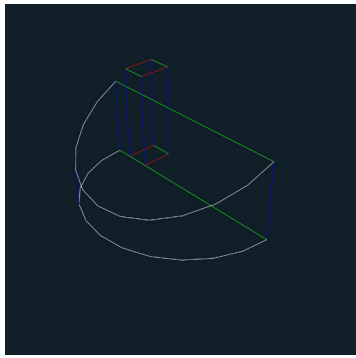
O segundo terreno na Serra da Aboboreira, consiste num lugar peculiar onde o moinho existente cohabita com uma casa virada a Oeste. O moinho não era obrigatório a ser contemplado no projecto de arquitectura, mas existia essa liberdade se assim o fizesse sentido. No caso desta casa em questão, o moinho foi descartado e o terreno limpo, tirando partido da topografia.



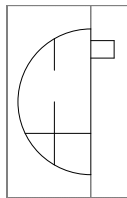


terreno 02\_serra da aboboreira  
colagens proposta 01\_proposta 02

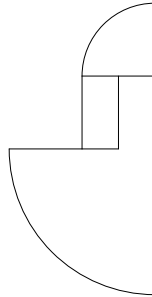
A vista 360° sobre a serra circundante foi fundamental à entrada de luz natural. Os diferentes desenhos e propostas para este terreno tiveram em conta novamente a paisagem, onde as janelas funcionariam como molduras para o exterior. As duas primeiras imagens mostram a primeira casa, e as outras duas apresentam a segunda casa, onde o betão foi utilizado não só como elemento estrutural, mas também como revestimento de toda a casa. Houve o objectivo de evidenciar a casa enquanto objecto, rodeada pela natureza presente no terreno.



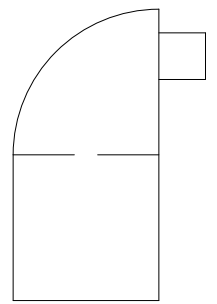
+



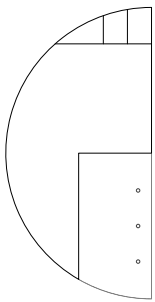
+



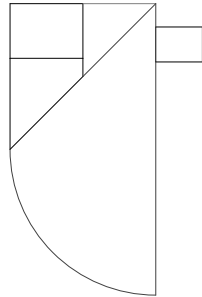
+



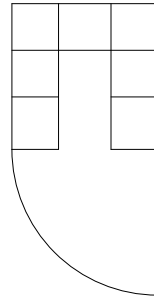
+



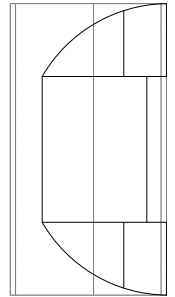
+



+

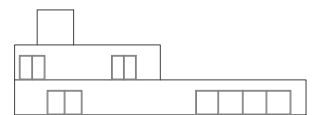
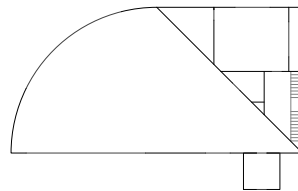
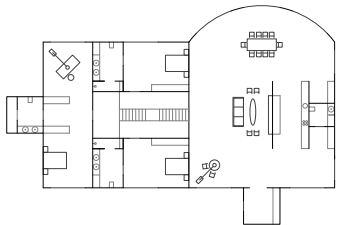
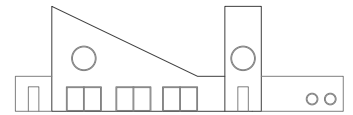
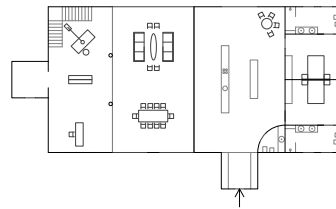
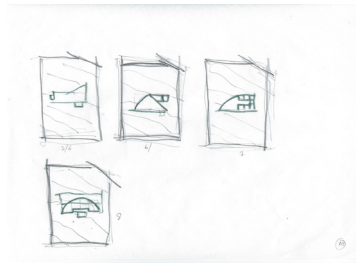
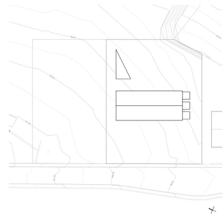
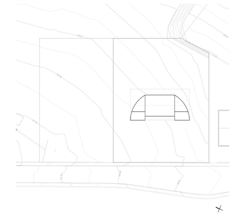
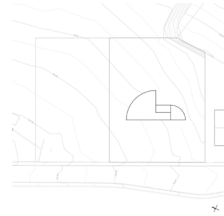
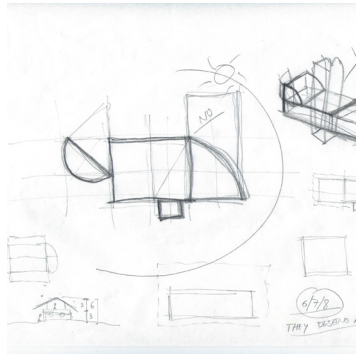
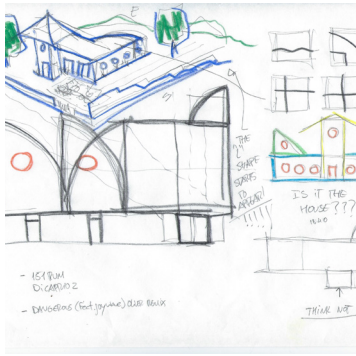
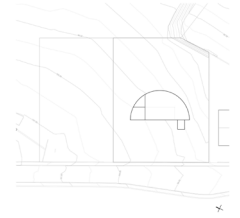
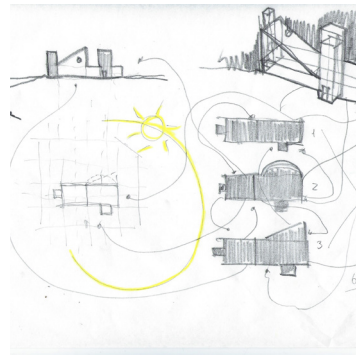
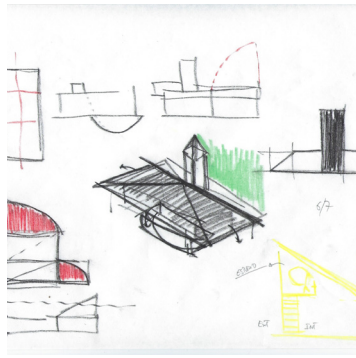


+



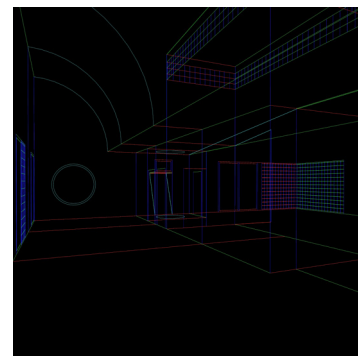
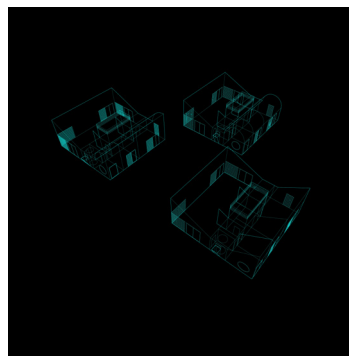
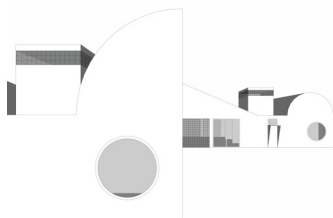
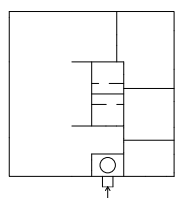
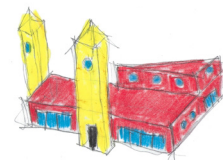
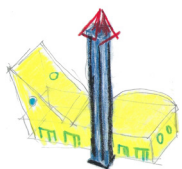
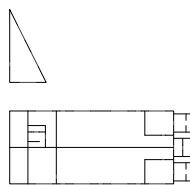
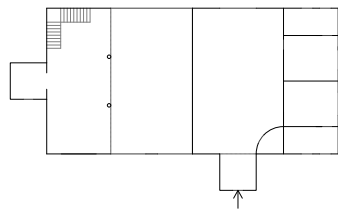
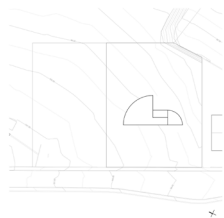
+

A segunda proposta acabou por se mostrar susceptível de novas variações, pelo que diferentes propostas foram trabalhadas apenas ao nível da volumetria da casa enquanto objecto. Houve também a procura de uma composição que auxiliasse no desenho da casa e dos respectivos espaços interiores, de acordo com o programa já estabelecido.



terreno 03\_fânzeres, gondomar  
terreno\_esquissos\_desenhos técnicos

No terceiro terreno em Fânzeres, Gondomar, fez sentido dar continuidade à procura de uma composição abstracta e geométrica, que de alguma forma desse o desenho e volumetria da casa. Ainda que tivesse sido selecionado outro terreno, a mesma lógica de pensamento pôde ser aplicada, mesmo que a topografia tivesse diferentes características do anterior terreno. Desenharam-se diferentes casas ainda sem preocupações com a escala, que depois foram redimensionadas de acordo com as dimensões pretendidas e equilibradas.



terreno 03\_fânzeres, gondomar  
esquissos\_desenhos técnicos\_wireframes\_colagens

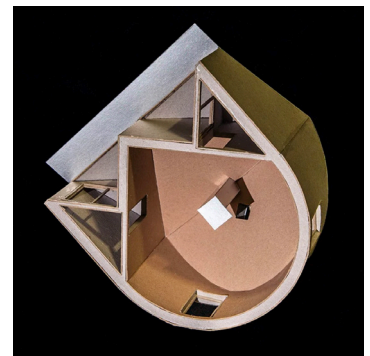
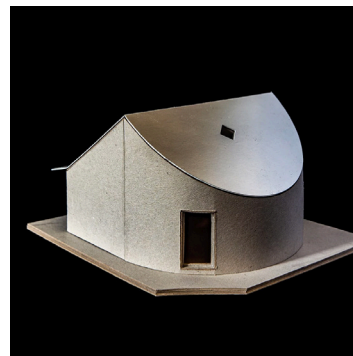
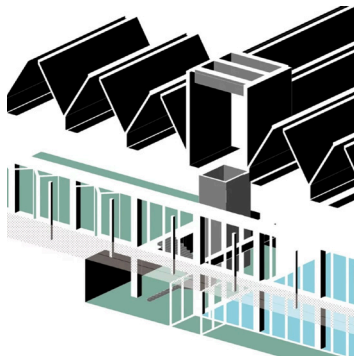
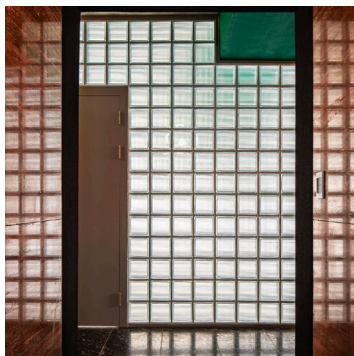
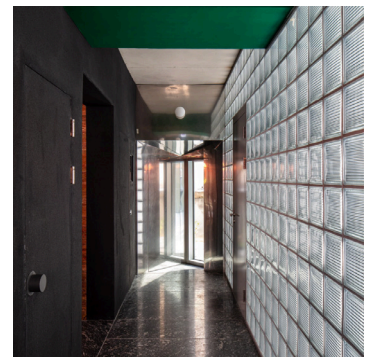
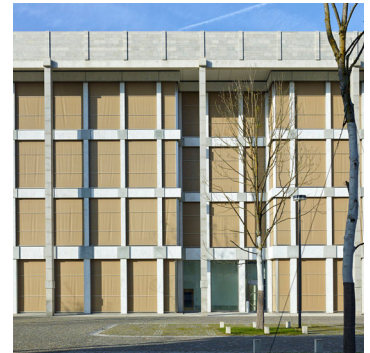
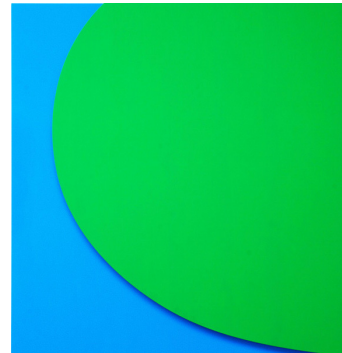
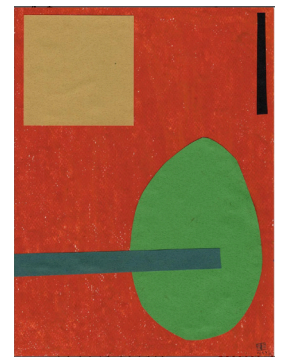
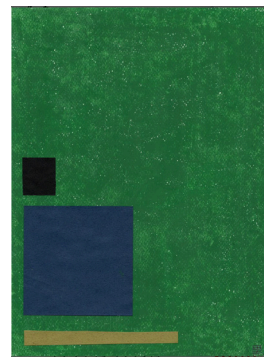
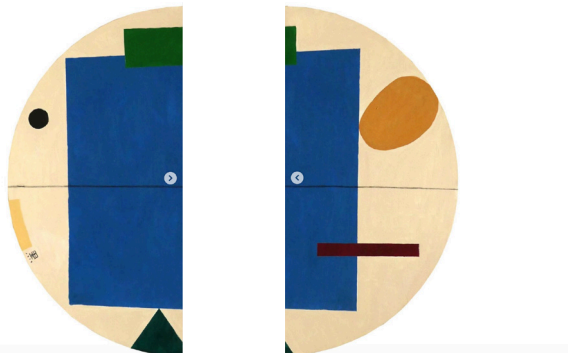
As diferentes experiências de cariz analógico ou digital foram importantes no desenvolvimento e evoluir do projecto de arquitectura. Diferentes tipos de montagens, médiums e apresentações permitiram discutir e de comunicar o projecto pretendido. O betão continuou a ser o material eleito no desenho da casa, quer no exterior quer no interior. Os wireframes permitiam também uma melhor visualização dos espaços interiores e a sua relação entre eles. Durante o evoluir do projecto, denotou-se que o corredor era um dos espaços descartados, por uma questão pessoal e tipológica do projecto a atingir.



terreno 04\_gandra  
imagem aérea terreno



Situado numa zona rural, o projecto tinha determinadas condições a serem contempladas: privacidade, conforto térmico e sonoro, zonas sociais abertas que possibilitassem uma relação com as zonas mais privadas e espaços flexíveis. Um pequeno tanque de água para refrescar no verão, e espaços ajardinados e de lazer no exterior.



terreno 04\_gandra  
imagens referência

58 / 125

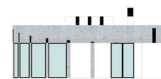
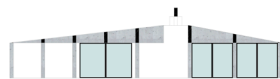
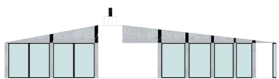
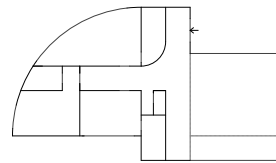
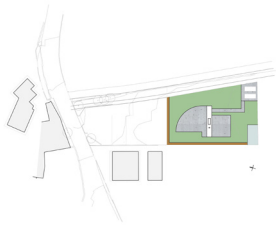
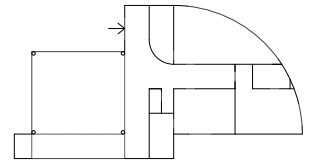
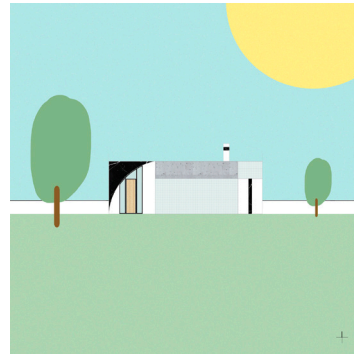
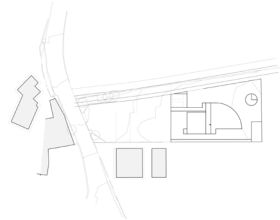
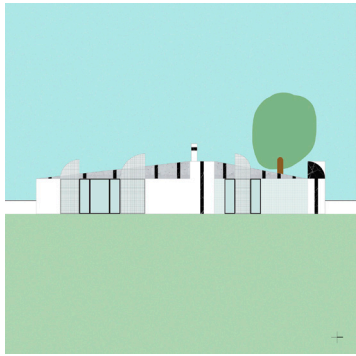
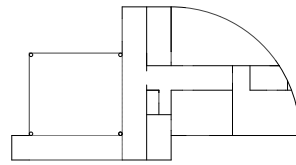
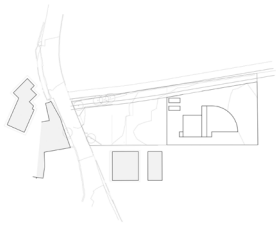
Imagem. 01  
kuro.a.to  
Imagem 02  
kuro.a.to  
Imagem 03  
kuro.a.to  
Imagem 04  
kuro.a.to

Imagem 05  
ellsworth kelly  
Imagem 06  
ellsworth kelly  
Imagem 07  
ellsworth kelly  
Imagem 08  
peter markli

Imagem 09  
peter markli  
Imagem 10  
carusso st. john  
Imagem 11  
carusso st. john  
Imagem 12  
aoa architects\_south korea

Imagem 13  
aoa architects\_south korea  
Imagem 14  
aoa architects\_south korea  
Imagem 15  
aoa architects\_south korea  
Imagem 16  
aoa architects\_south korea

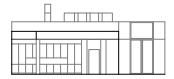
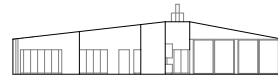
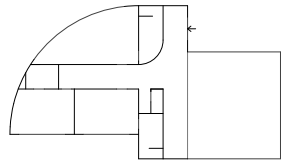
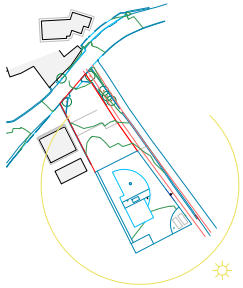
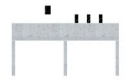
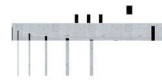
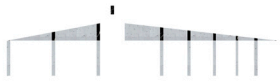
Referências gráficas e visuais são sempre importantes para que o projecto possa ir ao encontro do pretendido. De uma forma geral, existe sempre uma ideia pré-concebida do projecto na cabeça, e por vezes essas referências invadem o nosso espaço intelectual, tornando-se parte integral do projecto. Aqui estão representadas as referências visuais que deram força e suporte ao desenho da casa.



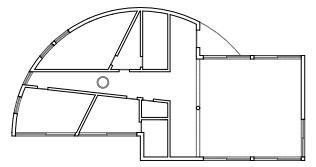
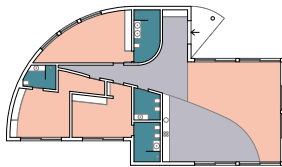
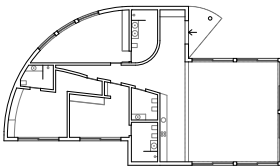
terreno 04\_gandra  
 desenhos técnicos\_colagens\_estrutura alçados



Primeiras implantações no terreno em Gandra, com a primeira composição abstracta e geométrica da casa. Internamente os espaços foram evoluindo conforme os diferentes desenhos, como também o desenhos dos alçados e respectivos vãos, estruturados pelos pilares em betão à vista.

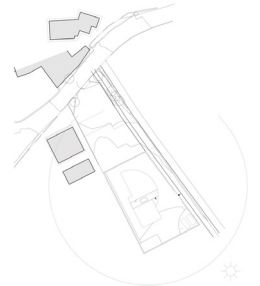
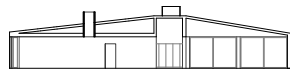
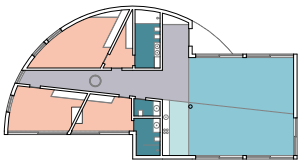


+



+

+



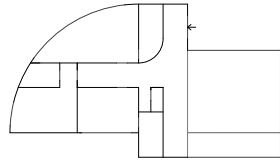
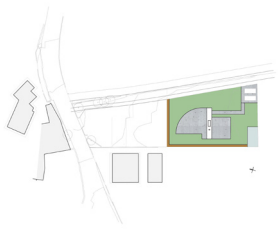
terreno 04\_gandra  
estrutura alçados\_implantações\_plantas

60/125

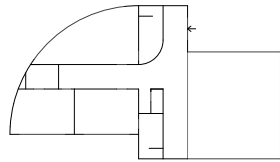
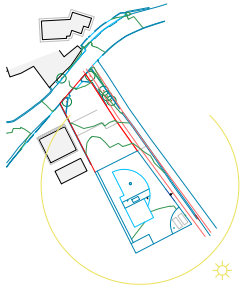


O desenho dos alçados seria determinado em função dos vãos necessários à entrada de luz natural e ventilação dos espaços interiores, e corresponderiam a uma determinada proporção em relação à divisão dos espaços internos. Desenvolveram-se diferentes desenhos, experimentando diversas funções, onde um corredor começou por ser um dos elementos fundamentais da casa.

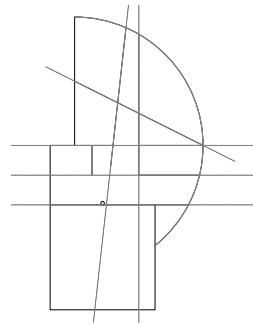
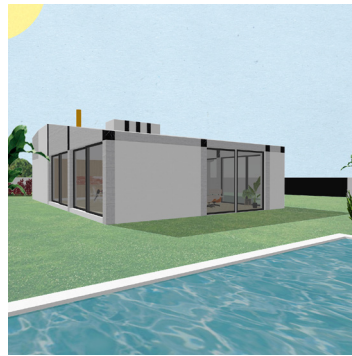
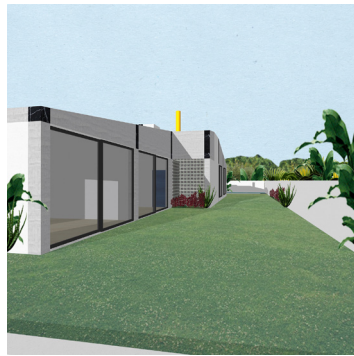
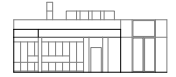
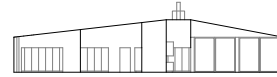




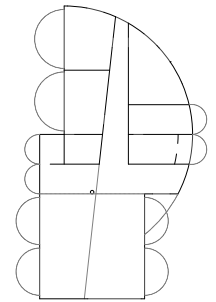
x



x



x



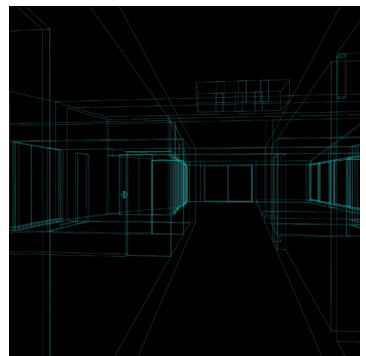
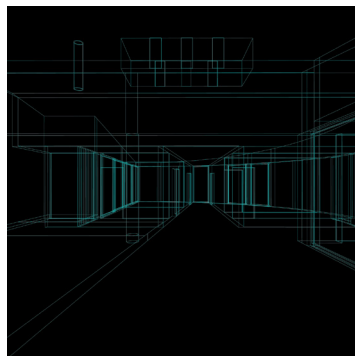
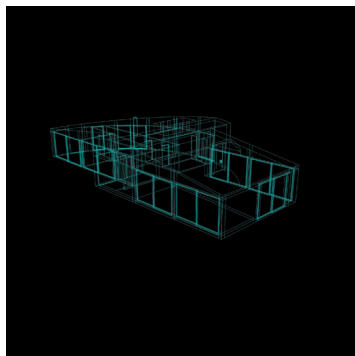
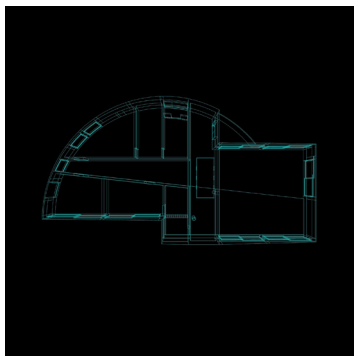
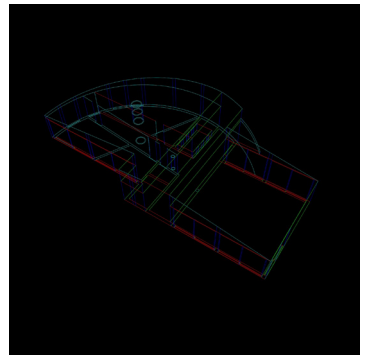
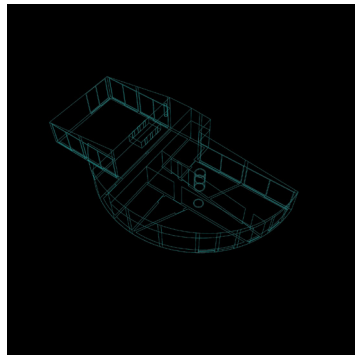
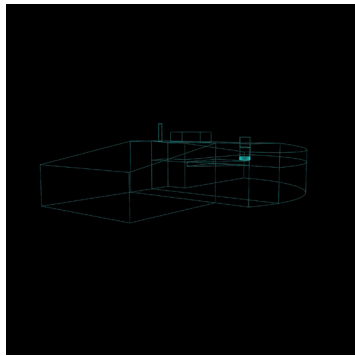
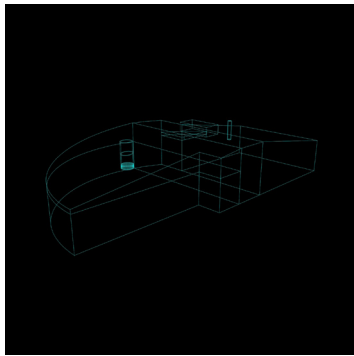
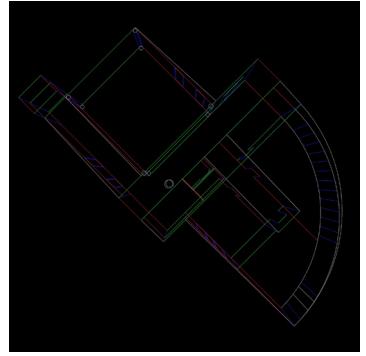
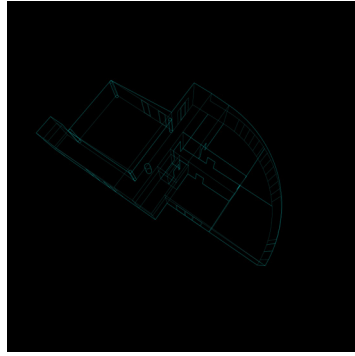
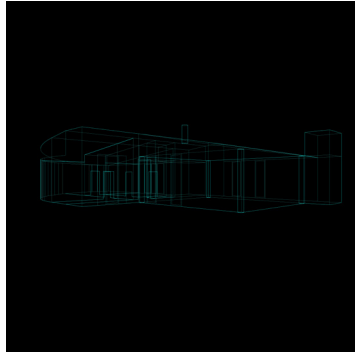
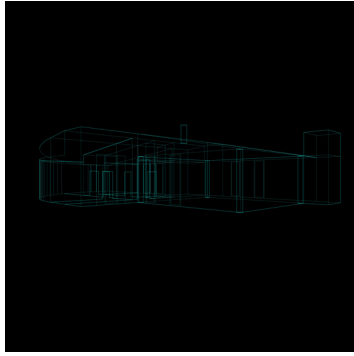
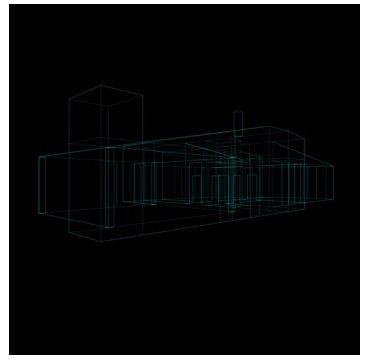
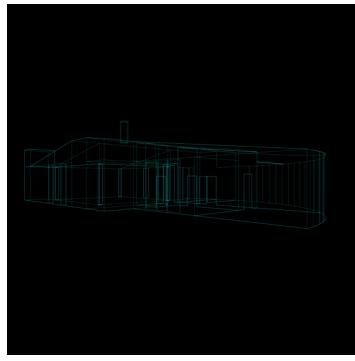
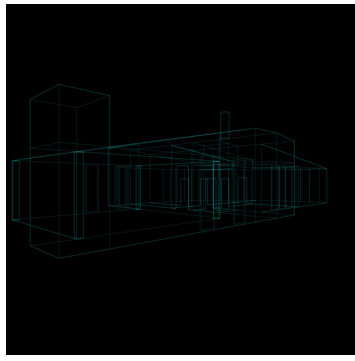
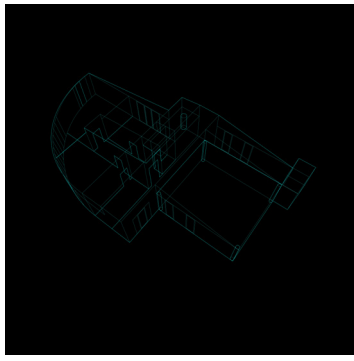
x

terreno 04\_gandra  
implantações\_colagens\_eixos e proporções

61/125

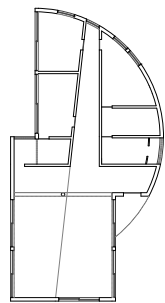
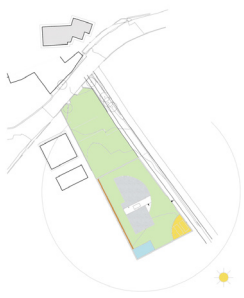


Esse corredor passou a ser um espaço fundamental, um elemento agregador e de relações com os espaços mais privados, mas que continuaria a fazer parte de uma zona social. Alguns dos espaços estabeleciam relações com alguns dos eixos da casa, como também as respectivas proporções dos vãos e dos outros espaços interiores.

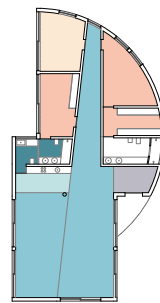


terreno 04\_gandra  
wireframes

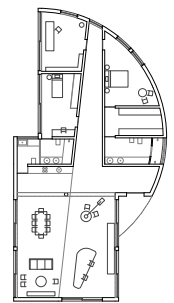
Através dos wireframes foi possível entender como o corredor passou a funcionar como uma espécie de sub-tema do projecto final de arquitectura, indo ao encontro do arquivo geral de arquitectura realizado no primeiro semestre. Grande parte das casas estudadas tinham uma tipologia bastante clara no que diz respeito à função e ao espaço do corredor: um espaço que funciona como elemento distribuidor de outros quartos. Neste caso, não só funcionaria de acordo com essa tipologia conhecida, como também passou a ser espaço social e elemento agregador de funções mais domésticas. O corredor distribui as funções social e privadas, sendo que as mais sociais totalmente abertas, onde a sala de estar, refeições e zona de trabalho se relaciona com a zona mais técnica e doméstica da cozinha.



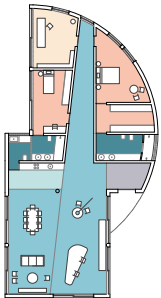
✕



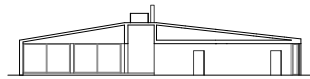
✕



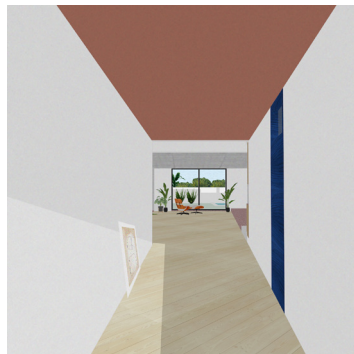
✕



✕



✕

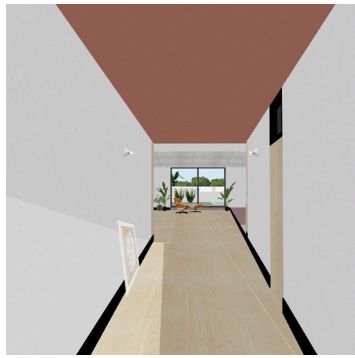
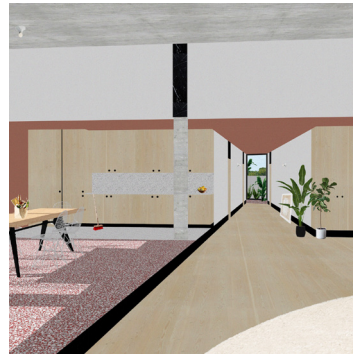
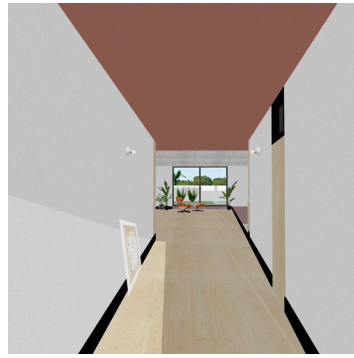
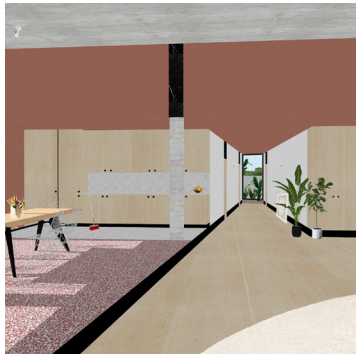
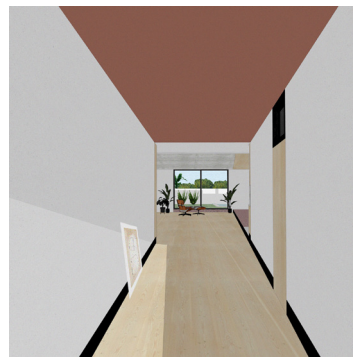
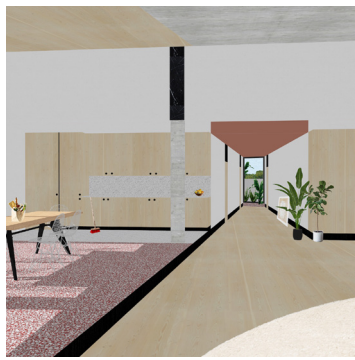


terreno 04\_gandra  
plantas\_cortes\_colagens exteriores e interiores



63 / 125

Ao longo do processo a casa foi sofrendo ligeiras alterações, indo ao encontro de soluções de cariz mais técnico. O que era uma soleira simples de apenas dois centímetros de espessura, passou a ser uma base. Essa base, de forma a dar a entender que a casa flutuava ligeiramente, passou a ser uma espécie de alheta que recuava quinze centímetros. Essa base deu mais estrutura ao desenho dos alçados, que enquadravam os vãos de acesso ao exterior.

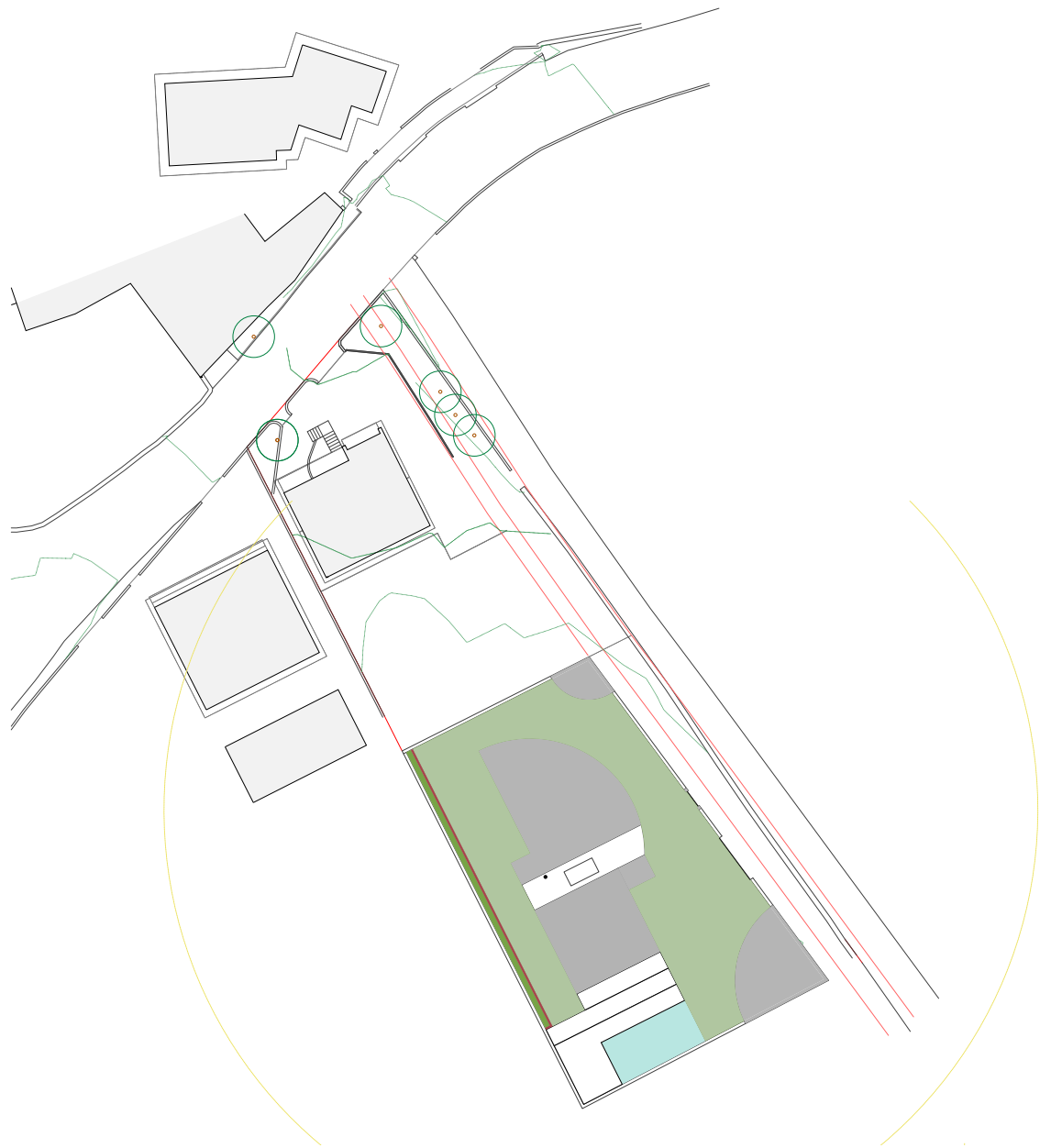


terreno 04\_gandra  
colagens interiores e exteriores

Testaram-se vários revestimentos ao nível dos interiores, de forma a perceber se fazia sentido estabelecer hierárquias de acordo com as funções dos espaços. O betão continuou a fazer parte deste projecto de arquitectura, quer no exterior quer no interior. Estabelecendo uma relação com a curadoria sobre a cor, foi escolhida uma cor escura que demarcassem os tectos das zonas mais privadas, e da zona da cozinha e zona técnica da casa. A cor acabou por ser um elemento hierárquico da casa. As telas exteriores eram também peças fundamentais à privacidade da casa, sem recorrer ao uso dos estores convencionais, que não tinham lugar no tipo de projecto pretendido.



No final aritmético do semestre, consolidou-se um objecto. Uma "casa", um "projecto", uma "ideia". Em limite, um protótipo de qualquer coisa que podia ser real, ainda que nunca tenha sido esse o objectivo. Os projectos foram apresentados em dois momentos a dois júris, um da academia e outro da prática; cada aluno, que agora era também autor, levou consigo o que bem entendeu.



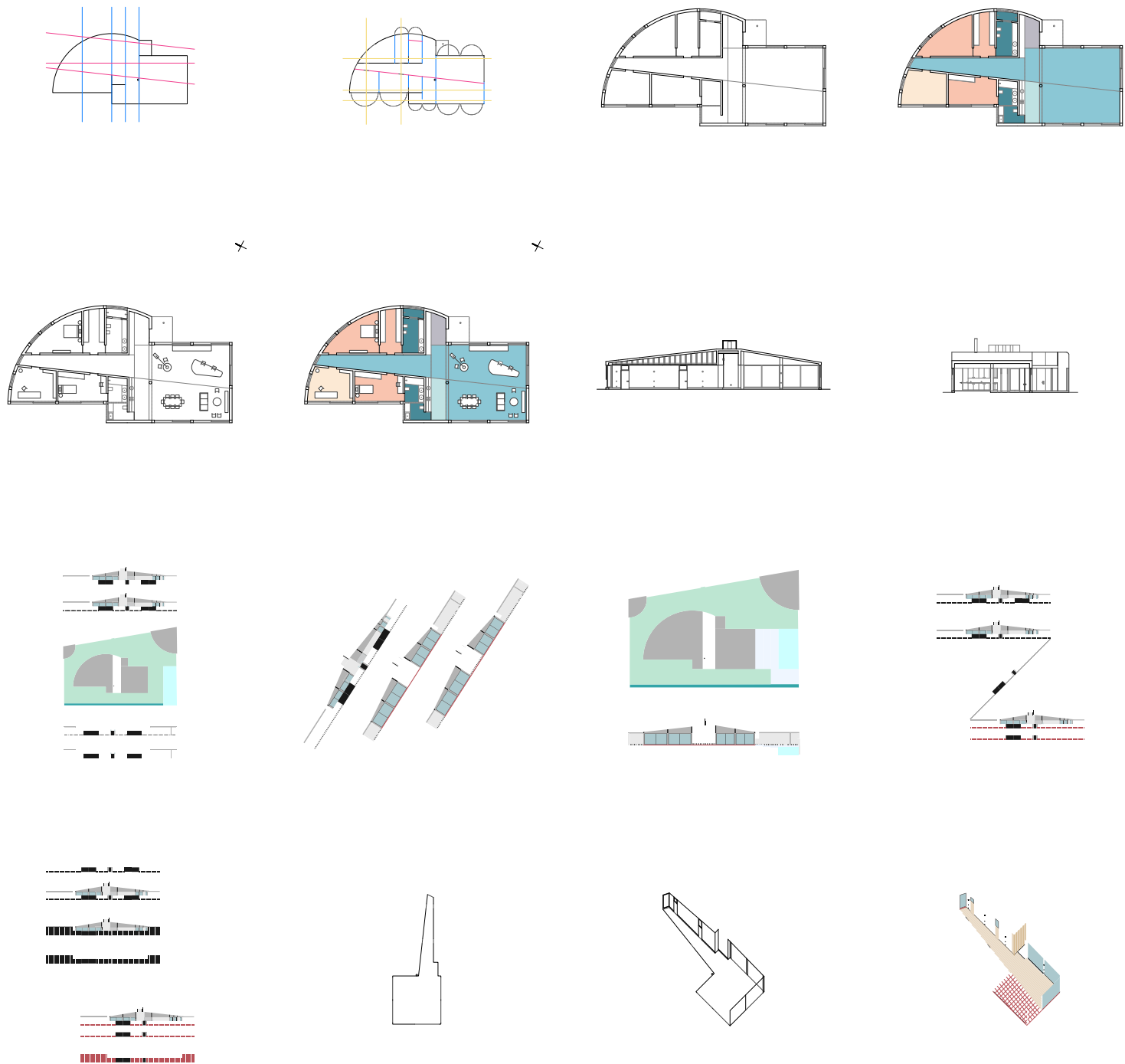
terreno 04\_gandra\_implantação

1/500



67/125

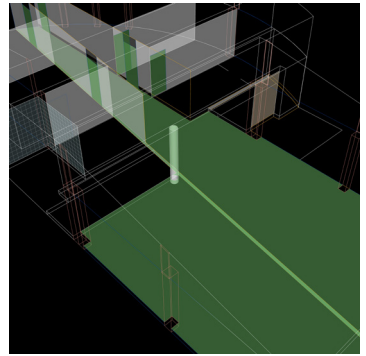
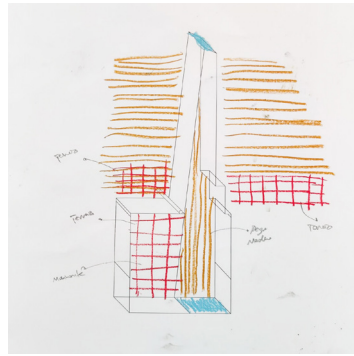
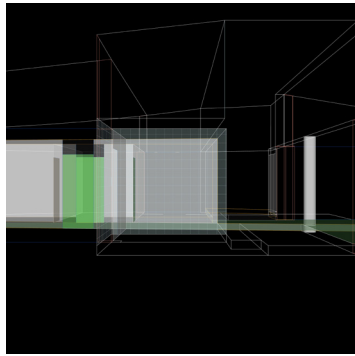
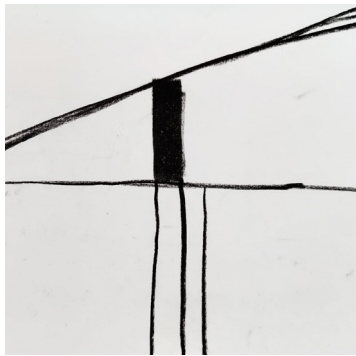
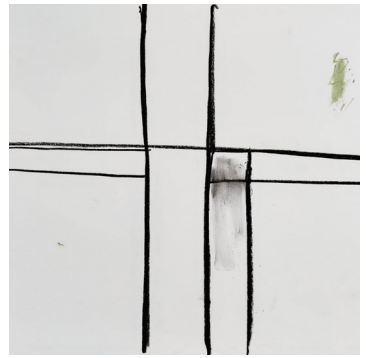
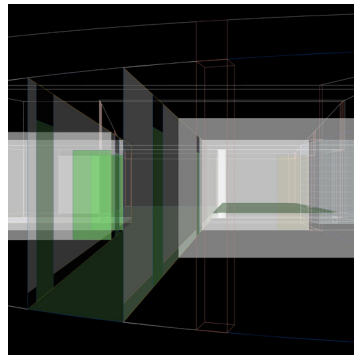
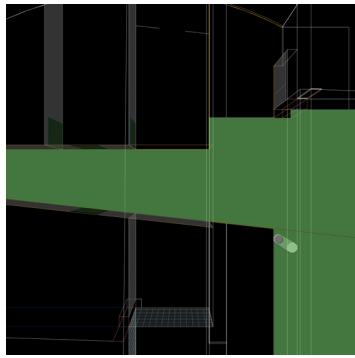
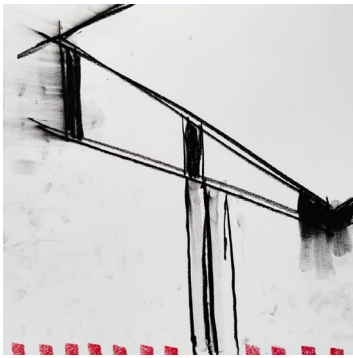
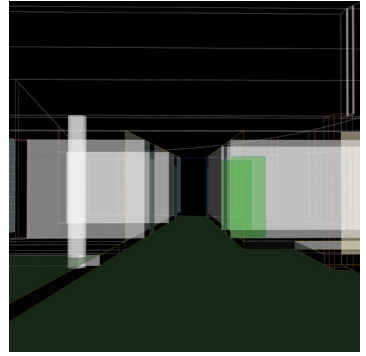
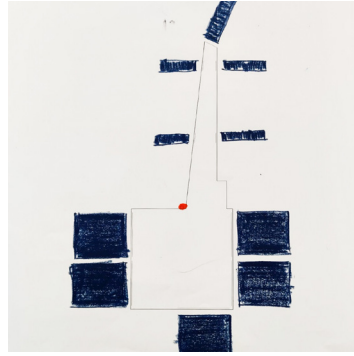
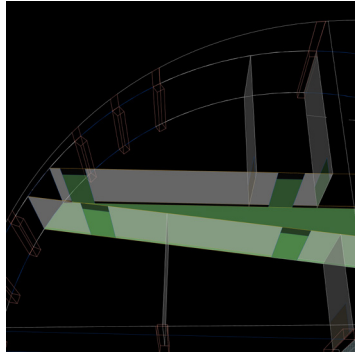
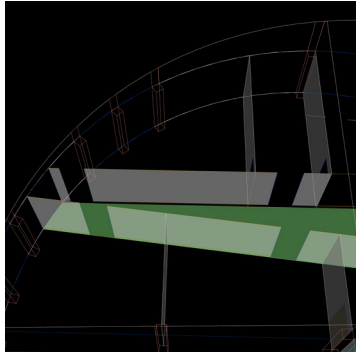
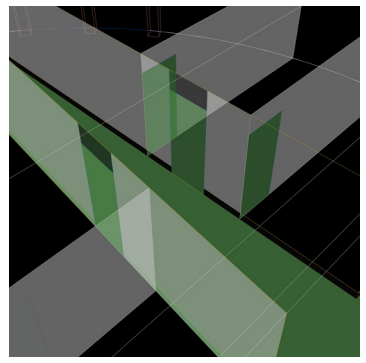
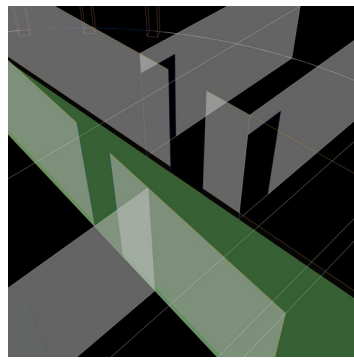
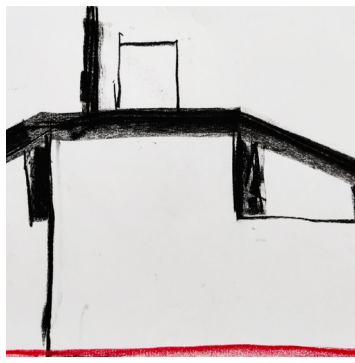
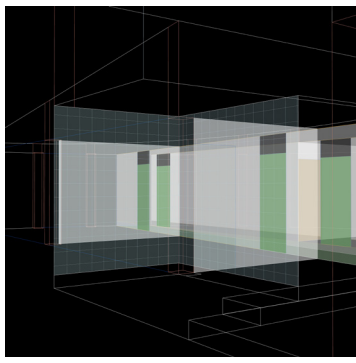
No que diz respeito à implantação da casa, esta acabou por ser uma ajuda na composição e localização do tanque de água, alinhada com a zona social da casa (o quadrado), estabelecendo uma maior relação com os espaços ajardinados. Em torno do tanque de água, foi desenhado uma zona de lazer com o mesmo pavimento utilizado na zona da cozinha, fazendo uma correspondência entre as duas zonas húmidas da casa.



terreno 04\_gandra  
 plantas\_cortes\_alçados\_desenhos de compreensão  
 1/100

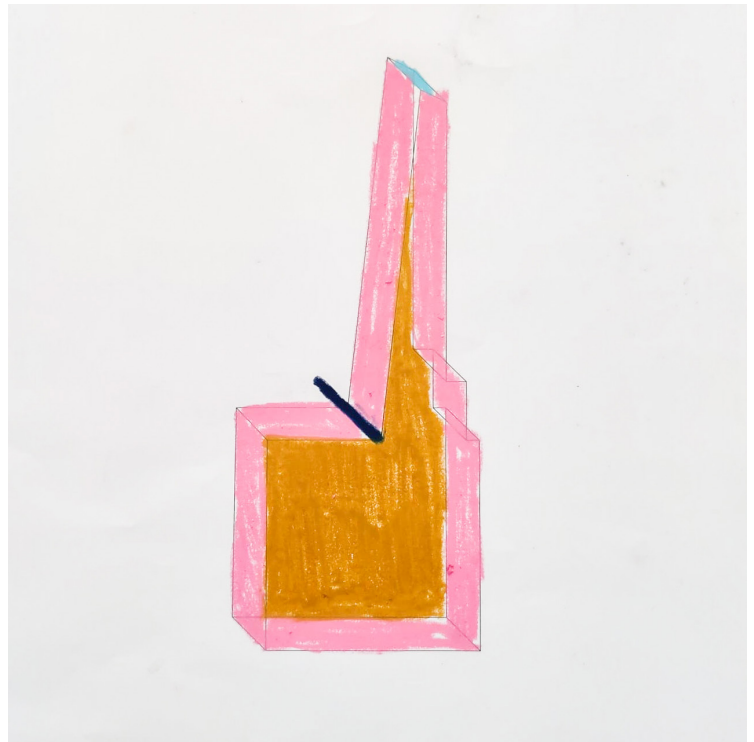
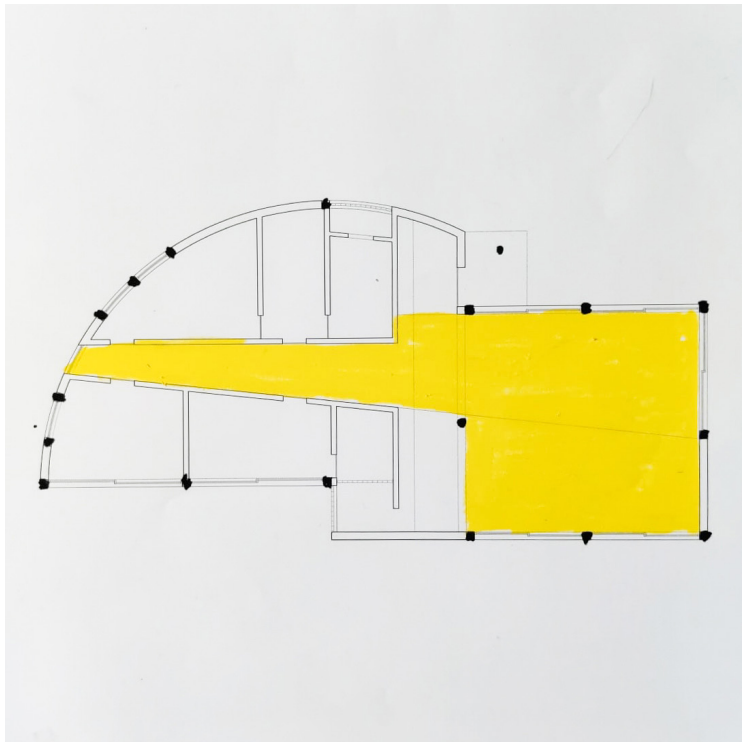
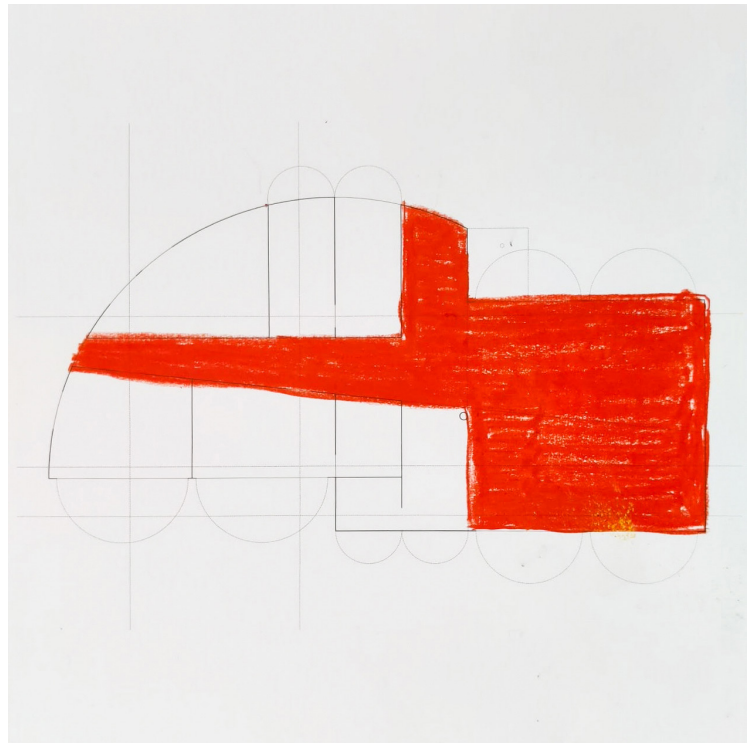
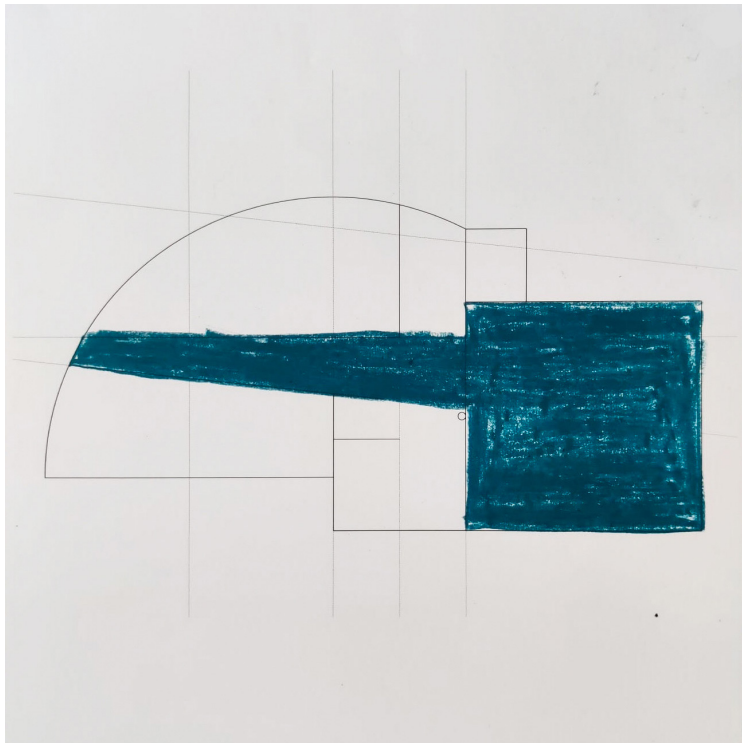
O terreno em Gandra deu a possibilidade ao projecto de não se preocupar de forma relevante com a respectiva topografia, tendo em conta ausência de qualquer declive. Possibilitou ainda uma diferente relação entre a casa e os espaços ajardinados, tendo em conta a sua localização, no entanto, sem alterar a essência figurativa e geométrica da casa.





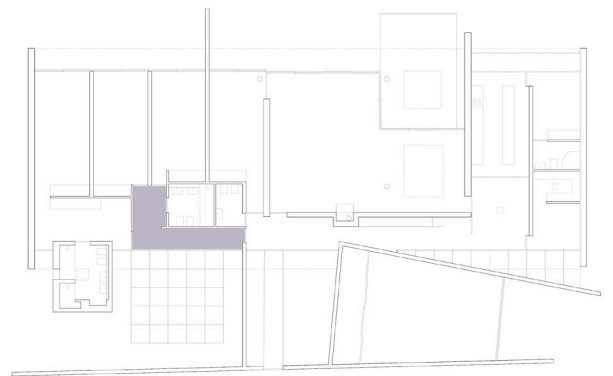
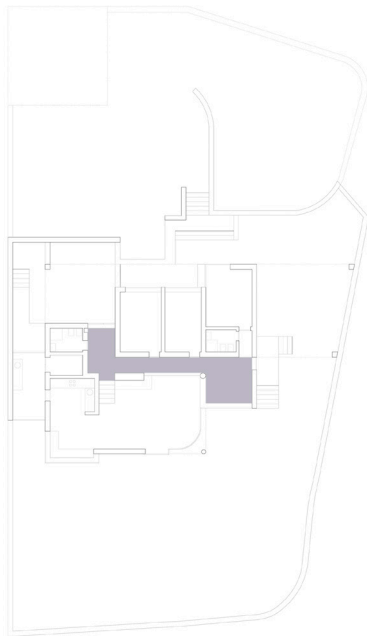
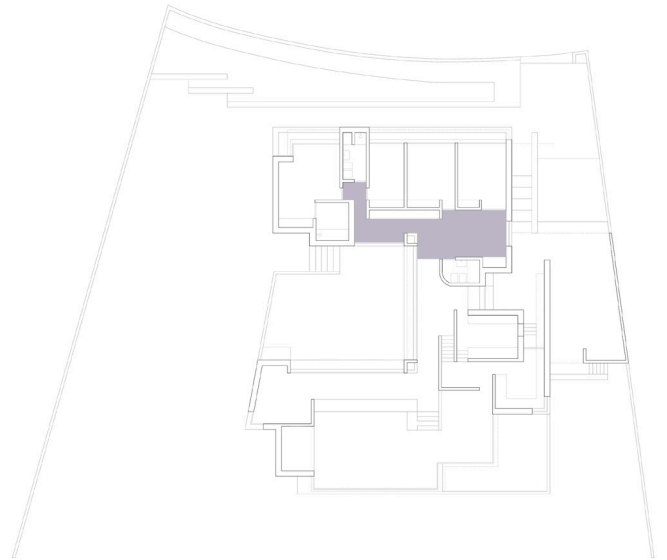
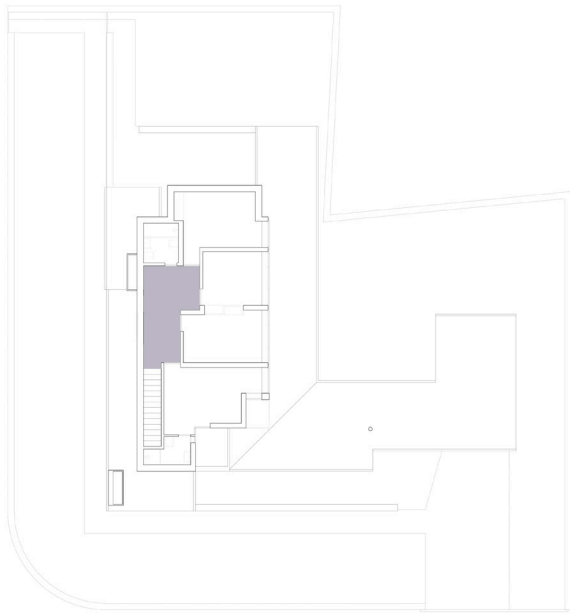
terreno 04\_gandra  
wireframes\_desenhos de compreensão

Ao longo do processo criativo do projecto, foram estabelecidas relações entre os espaços interiores e os espaços exteriores. A composição gráfica da casa seria estruturada pelos pilares de betão à vista, e a demarcação dos mesmos através de placas de mármore pretas, que lhes dariam uma certa continuidade vertical, agarrados à cobertura também em betão.



terreno 04\_gandra  
desenhos de compreensão

O corredor aqui é salientado e extraído do interior da casa, como se de uma outra casa se tratasse, adicionando e subtraindo partes da casa, como a entrada principal da mesma, que consistia não só numa área de recepção, mas também como zona técnica. Os eixos da casa e as respectivas proporções foram também delineadas e acertadas à medida que o projecto ia sendo desenvolvido, de acordo com os espaços finais.



terreno 04\_gandra  
plantas\_corredores



71/125

Imagem 01  
1970\_alvaro siza vieira\_casa alves dos santos

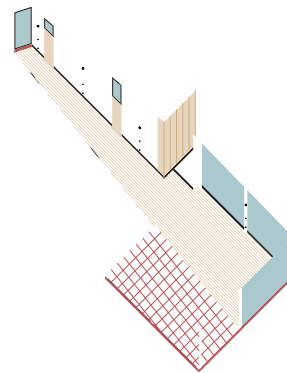
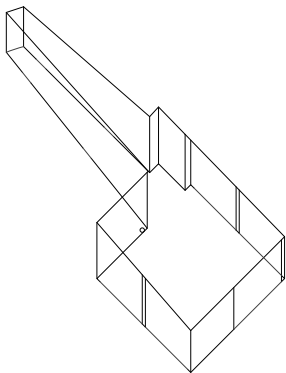
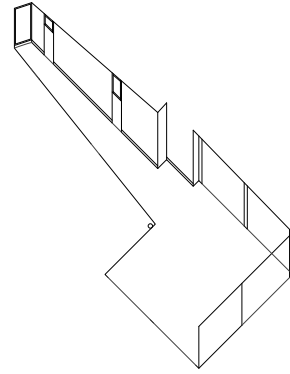
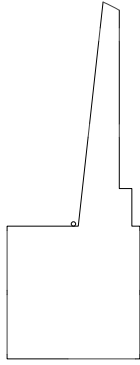
Imagem 02  
1970\_manuel tainha\_casa gallo

Imagem 03  
1975\_alexandre alves costa\_casa marques guedes

Imagem 04  
1991\_souto de moura\_casa 1 em miramar

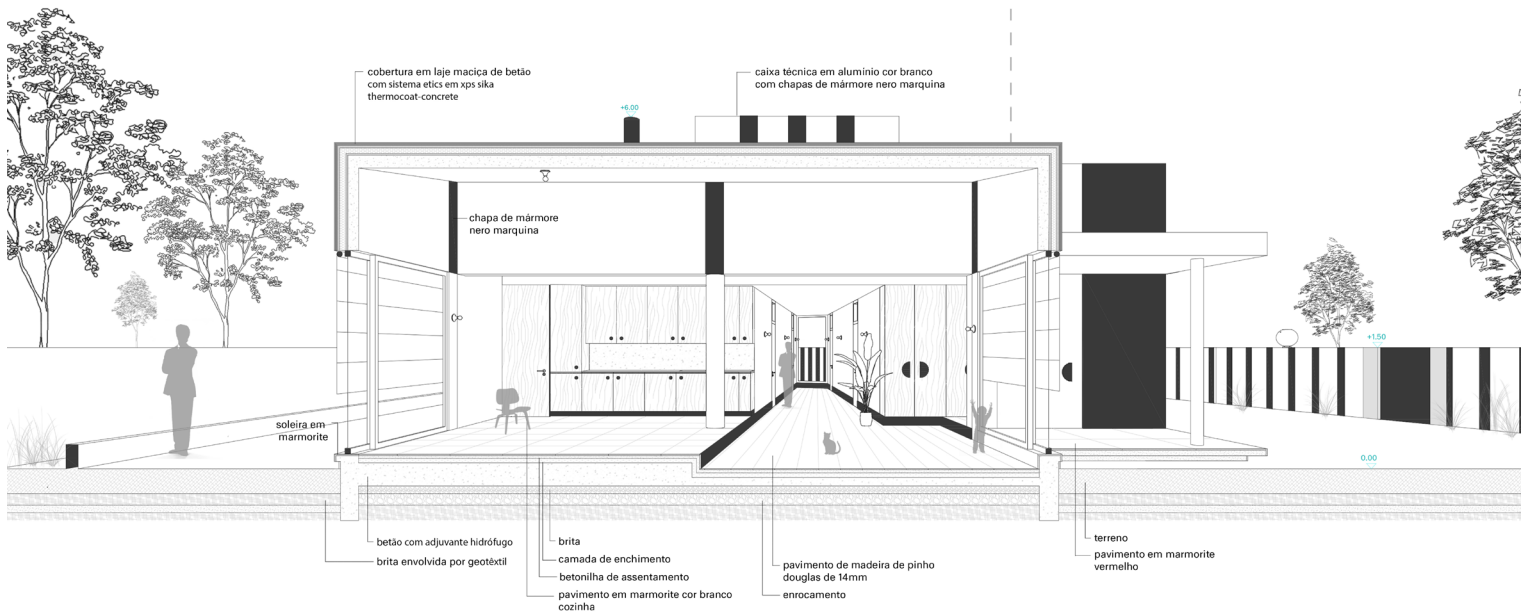
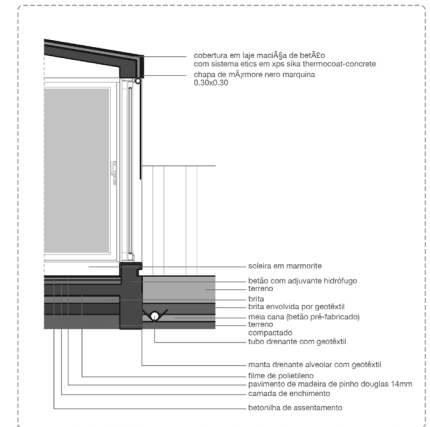
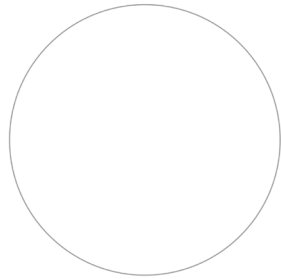
O espaço que diz respeito ao corredor foi alvo de discussão durante o processo de análise das 184 casas, e chegou-se à conclusão que grande parte das casas tinha a mesma tipologia. Espaços privados e sociais em lados opostos, e um corredor que conectava a outros espaços, nomeadamente quartos de dormir. Neste projecto o objectivo foi procurar uma tipologia diferente, onde o corredor seria um espaço de vivência, e não apenas um local fechado com portas de acesso a outros quartos.

Nesta página, podemos observar quatro exemplos de corredores, enclausurados em si mesmos, que funcionam apenas como espaços de conexão.



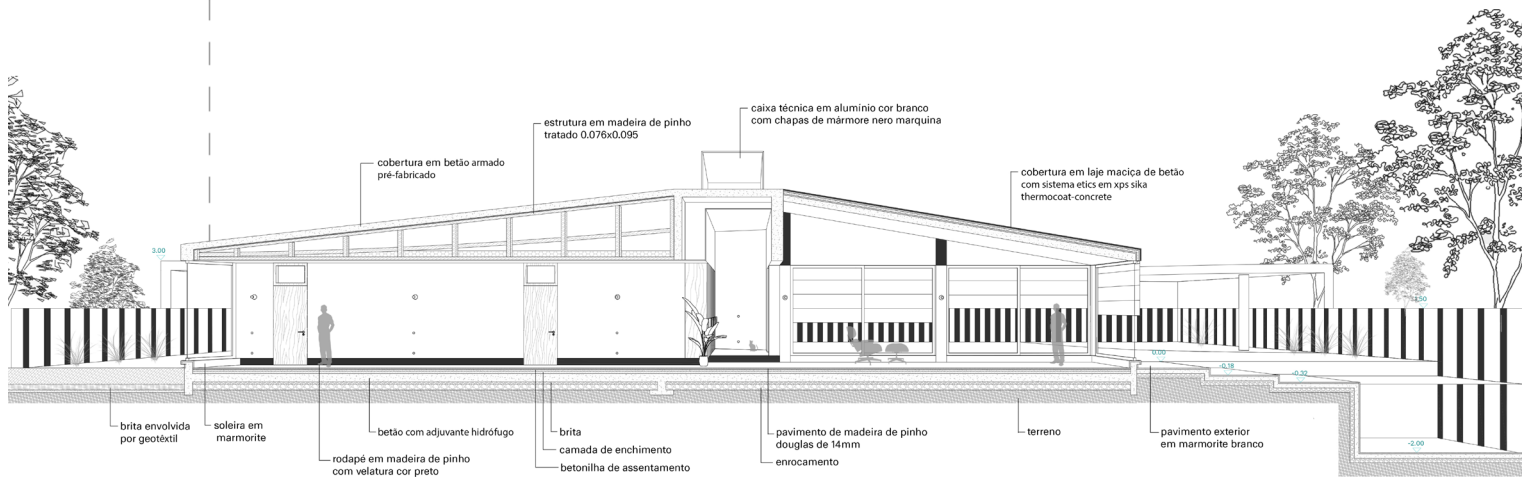
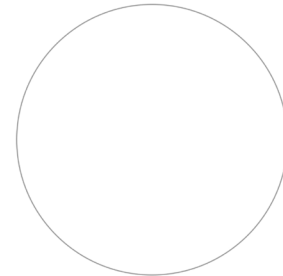
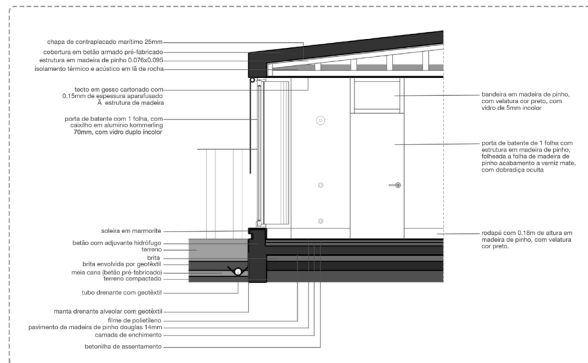
Através destes diagramas, resultantes da extrusão do corredor do interior da casa, podemos observar que neste caso, o corredor não é apenas um espaço de conexão, mas também de articulação com o resto da casa. Ainda que o espaço mais social da mesma seja do lado oposto onde se encontra o lado mais reservado da casa, aqui o corredor é um local de experiências e vivências, obrigado a ser percorrido não apenas para ir até a um dos quartos, mas também desde o momento em que se entra em casa, ou quando se quer sair.

A altura dos tectos também contribuiu para que este espaço tivesse mais força, tendo em conta que o tecto do lado mais privado é mais baixo, em relação ao tecto inclinado do lado que diz respeito ao espaço social, de refeições, trabalho e biblioteca.



terreno 04\_gandra  
corte transversal construtivo

Quer o corte transversal como o longitudinal, estes visam não só demonstrar o processo construtivo da casa, como também mostrar as diferentes relações dos espaços interiores com os espaços exteriores. É possível através deste corte entender a relação que o corredor estabelece com a cozinha, espaço de refeições e zona de estar. O corredor que funciona como espaço de distribuição para outros quartos. E a relação e diferença, entre as alturas estabelecidas da zona privada e zona social.



terreno 04\_gandra  
 corte longitudinal construtivo

No corte longitudinal, não só podemos observar de outra perspectiva as diferentes alturas do pé direito, como também a relação que estes espaços estabelecem com o muro da casa, e a sua composição figurativa através das placas de mármore, que contaminaram os restantes alçados. O muro tem apenas um metro e cinquenta de altura, pelo que essas chapas de mármore conferiram uma certa verticalidade ao mesmo, acompanhando a lógica da verticalidade dos pilares que compõem os vãos, também acentuados pelas mesmas chapas de mármore.



terreno 04\_gandra  
colagens finais\_exteriores e interiores

No que concerne à representação gráfica da casa, foram-se estabelecendo regras na sua composição estética exterior. As telas exteriores acompanharam a lógica da base da casa sendo da mesma cor, ou seja, foi estabelecida uma cor e material para elementos horizontais. Para os elementos verticais, o preto (chapas de mármore) foi a cor escolhida, como também para a chaminé e para a caixa no topo da cobertura (zona técnica). O branco é a cor e a matéria que dá contraste aos outros elementos e materiais, possibilitando assim uma melhor leitura da arquitectura e estrutura da casa.



terreno 04\_gandra  
colagens finais\_exteriores e interiores

As chapas de mármore agarradas ao muro da casa, acompanham a lógica das mesmas que aparecem na cobertura, e estabelecem uma ligação com as existentes no interior da zona social. No interior da casa, a madeira de pinho foi o material nobre de destaque, de forma a existir algum equilíbrio com os materiais mais frios como o marmorite presentes na zona de estar, zona de refeições e cozinha. O rodapé em madeira de pinho com velatura em preto, dá a sensação de levitação dos armários, ao mesmo tempo que enfatiza o corredor e o respectivo degrau.





terreno 04\_gandra  
"ver as vistas"

Com o propósito de estabelecer relações e de ir ao encontro da privacidade pretendida para o projecto de arquitectura, a representação das vistas da casa através dos vãos foi importante no sentido de perceber até que ponto o lugar ou o envolvente seria ou não importante ao desenho da casa. A zona correspondente ao corredor e aos quartos aparecem com os tectos pintados na cor das telas exteriores, e do marmorite presente na base, de forma a diferenciar a zona social da zona mais privada, onde o tecto é rebaixado e pintado de uma cor mais escura, dando assim mais ênfase a essa diferenciação.



terreno 04\_gandra  
"ver as vistas"

O rodapé em pinho com velatura em preto também está presente nos restantes quartos, como também a respectiva base da casa é visível pelo interior dos mesmos, indo ao encontro de uma lógica estética abstracta e mais colorida, e resolvendo também um problema técnico, com a entrada das águas na altura das chuvas, partindo da soleira base de dois centímetros de espessura, para uma soleira com dezoito centímetros de altura. O pavimento em madeira também foi escolhido para o interior dos quartos, dando também mais ênfase à ligação do corredor com os mesmos.



Como exercício final, foi proposta uma última troca de terreno e dada liberdade total, numa quase ausência de crítica, para que cada um produzisse o seu projecto final. Talvez esse objecto, e este capítulo, seja o único que responde efectivamente ao enunciado do PFA, sendo tudo o resto que o antecedeu apenas processo.

Adolf Loos escreveu, em 1910, que “a casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte, que não tem que agradar a ninguém sendo a obra de arte um assunto privado para o artista e a casa não.” Aos alunos foi pedido o oposto: que, como autores, desenhassem a sua casa como a sua obra de arte, e que apenas a eles a mesma interessasse. Tudo o resto que daí resultasse seria um produto colateral dessa atitude.



imagem aérea



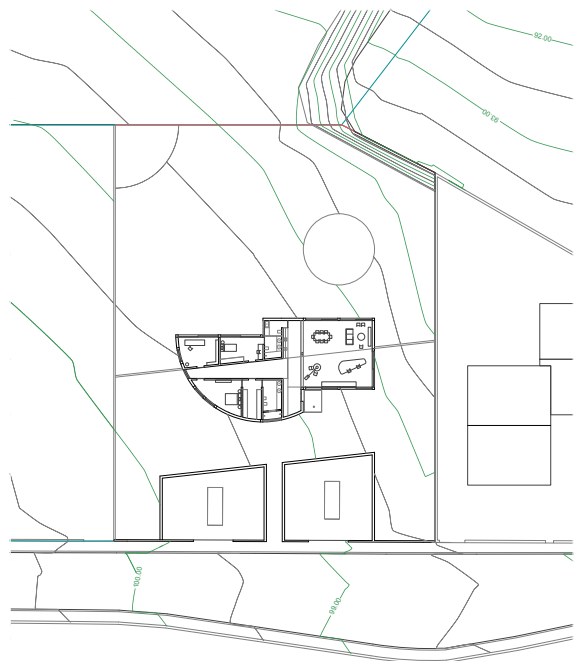
O terreno como já referido, apresenta uma ligeira inclinação para o lado Este, o que obrigou a pensar no lugar e na maneira como a casa iria pousar neste local. Se seria vantajoso tirar proveito da topografia? Se a casa iria sofrer grandes alterações? Se a base da casa teria de ser repensada, tendo em conta a soleira/base da mesma? Se faria sentido assentar a casa em pilotis e liberta-la do terreno? Ou se o terreno podia ser manipulado e trabalhado, de forma a criar plataformas de acesso ao exterior, mantendo na mesma o desenho e estrutura compositiva da casa?



implantação  
1/500



O terreno situa-se numa localização com baixa densidade habitacional, com algumas casas espalhadas pelos vários terrenos existentes. Relativamente à privacidade da casa neste terreno em concreto e depois das anteriores propostas, aqui o muro funcionou apenas como separador da via pública, e trabalhado de forma mais controlada e contida, do que a casa anterior.



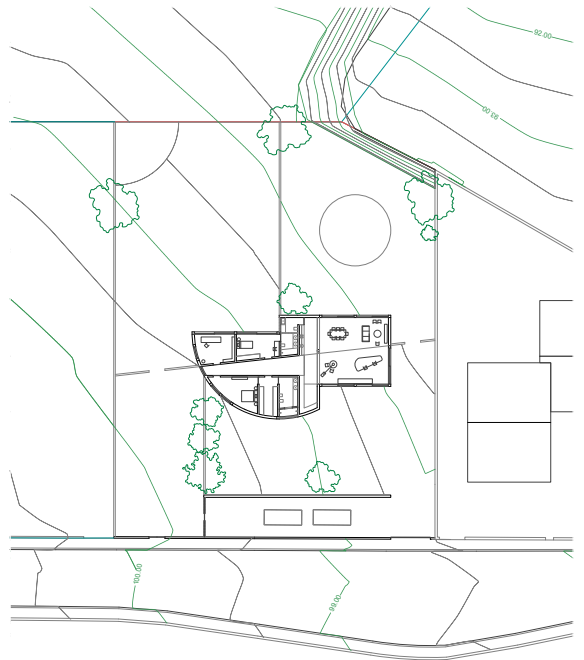
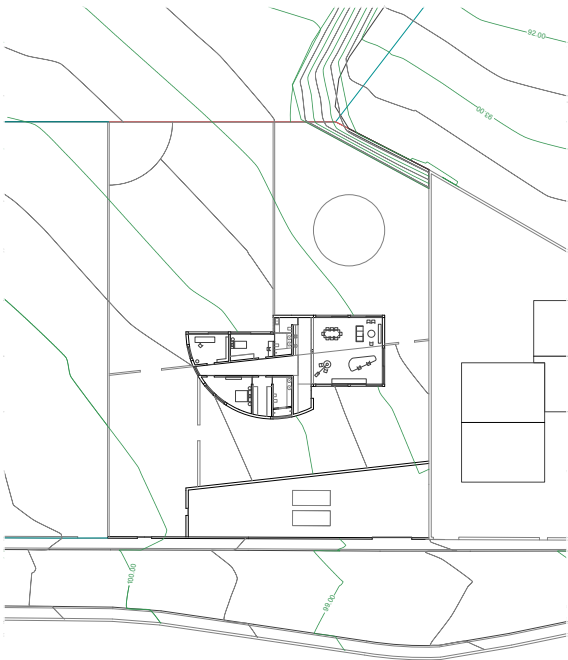
estudo de implantações

1/500



83/125

Propuseram-se diferentes implantações, zonas de estacionamento, posicionamentos em relação aos eixos do muro, como também a localização e posição do tanque de água em relação ao quadrado, que diz respeito às zonas mais sociais da casa.



estudo de implantações

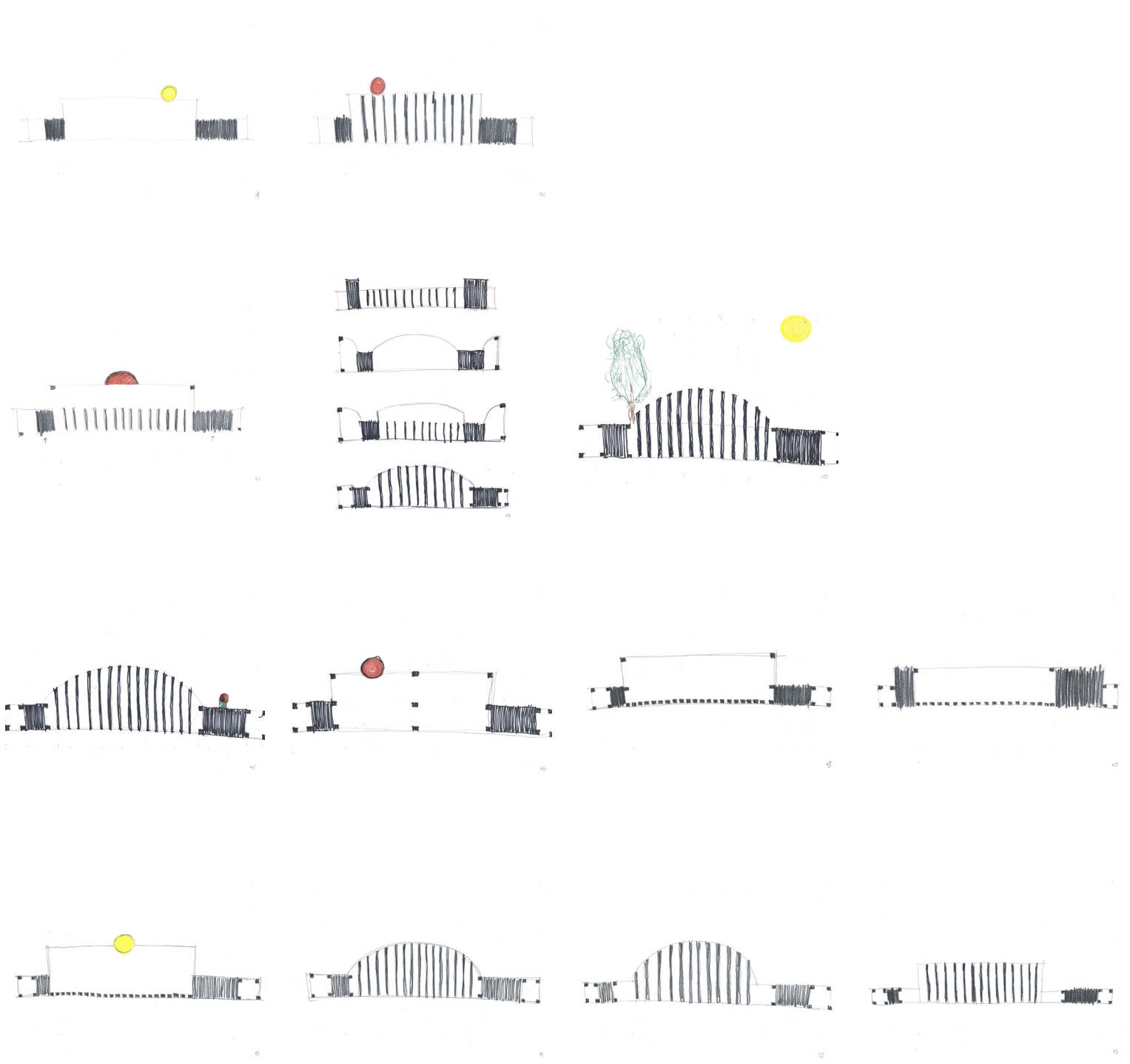
1/500



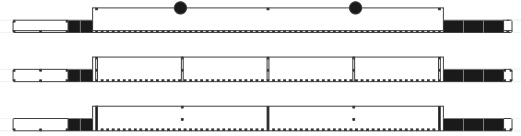
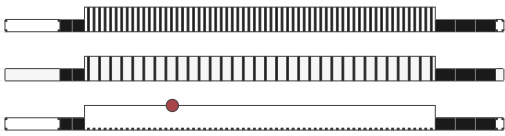
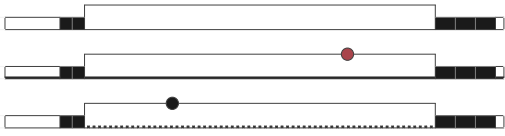
84 / 125

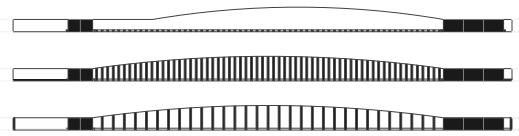
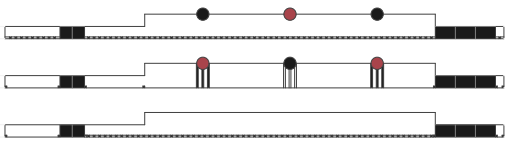
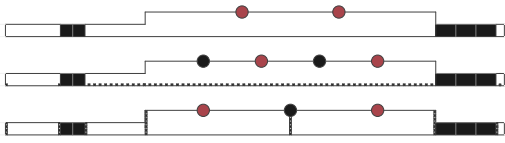
Nenhuma destas propostas seria a correcta, pois havia ainda uma tentativa de entender melhor o lugar final da casa, e como esta se podia relacionar com o mesmo, e se fazia sentido existir essa ligação. O mesmo com o terreno e a sua topografia.

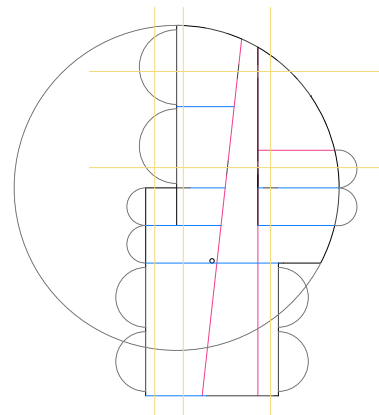
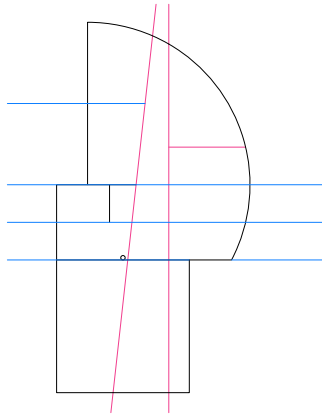


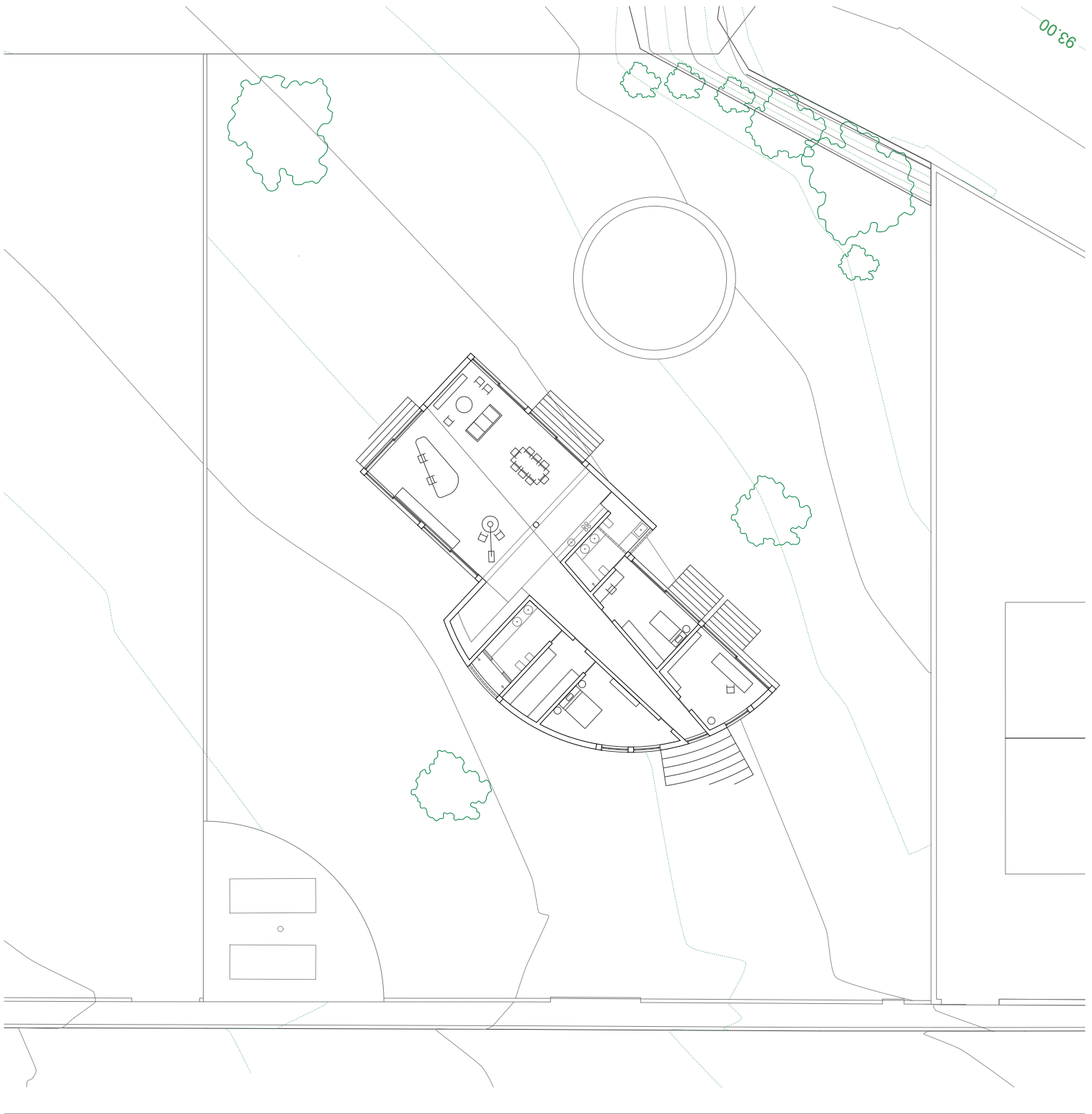


As primeiras abordagens ao desenho do muro e entrada da casa. Portão e estacionamento. Estas representações gráficas dizem respeito ao tratamento plástico do muro, indo ao encontro da mesma lógica compositiva abstracta e geométrica da casa, descartando a inclinação existente da rua.









implantação

1/100



89/125

No decorrer da evolução e desenvolvimento do projecto, a entrada principal da casa foi também repensada, mudando esta de local e dando mais importância à porta ao fundo do corredor. Um certo simbolismo foi dado a essa porta, dando ainda mais significado ao percurso do corredor. Seria sempre uma zona de entrada e saída da casa, e forçado a ser percorrido. Desta forma, o corredor deixava de ser apenas um elo de ligação, mas também um lugar que conduz a uma espécie de luz ao fundo do túnel, a boas vindas e a despedidas. À entrada da casa foram colocadas escadas em betão contrastando com a zona ajardinada, como também as escadas de acesso ao jardim, sendo estas sempre consideradas plataformas de acesso.



colagens

90 / 125

A casa ficou assente em pilotis, soltando-a do terreno. Os pilares da casa eram colunas que interrompiam a base da casa, deixando esta de fazer sentido, pois não estava apoiada em todo o terreno circundante. Um dos lados da cobertura da casa acabou por acompanhar o ligeiro declive do terreno e o lado oposto simétrico.





implantação final

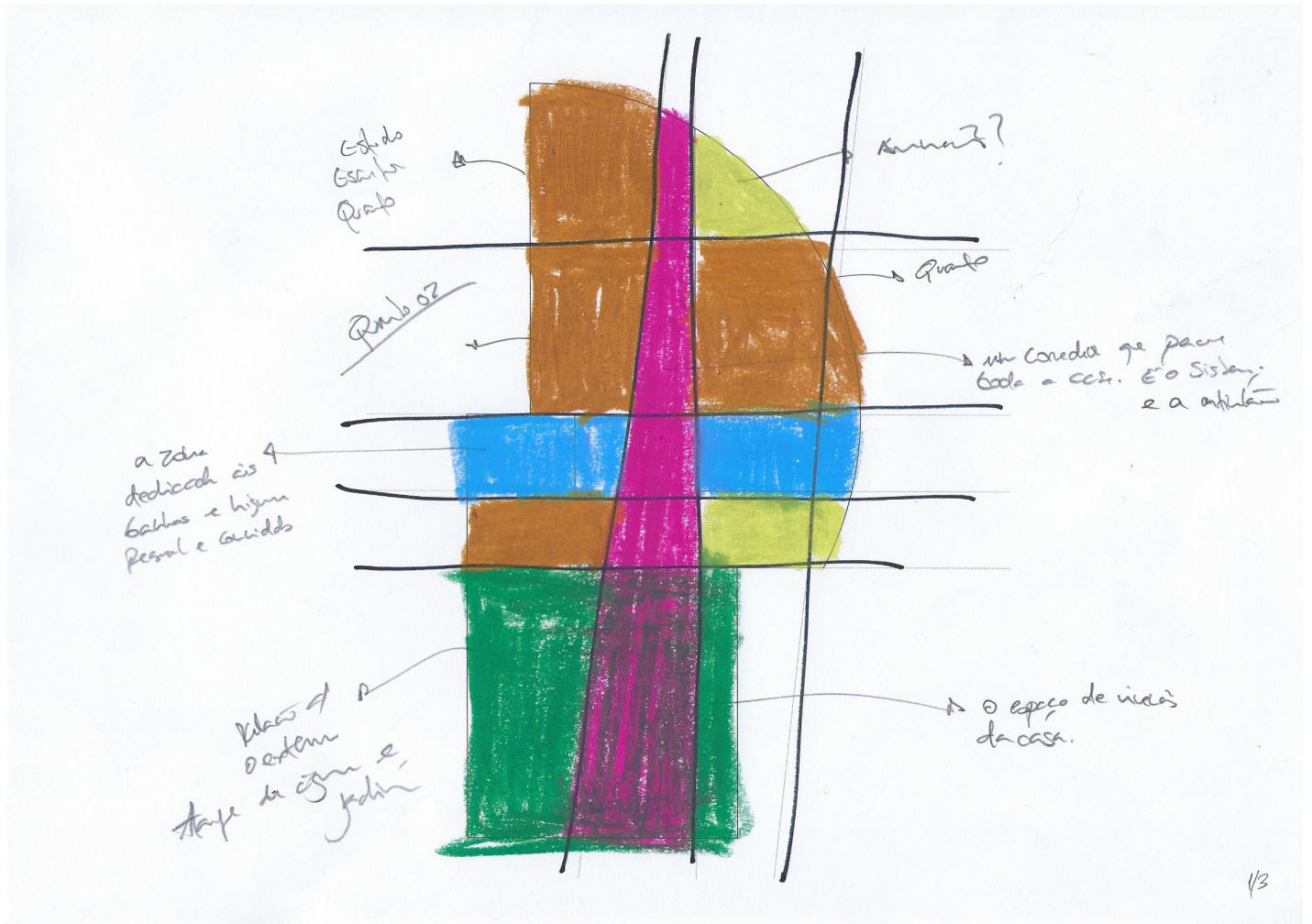
1/500

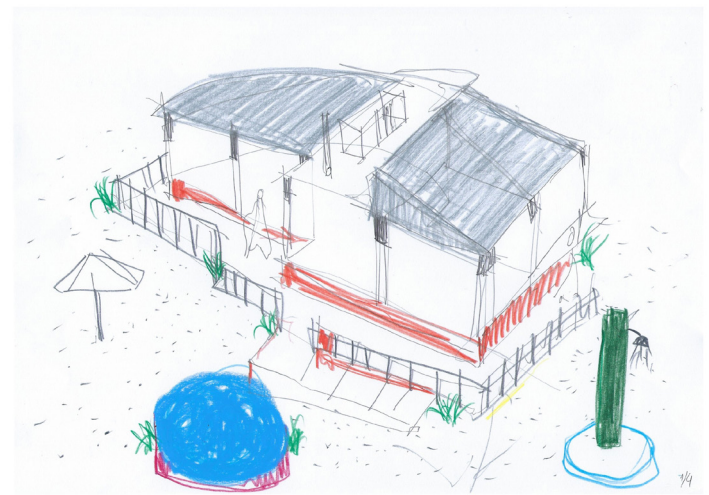
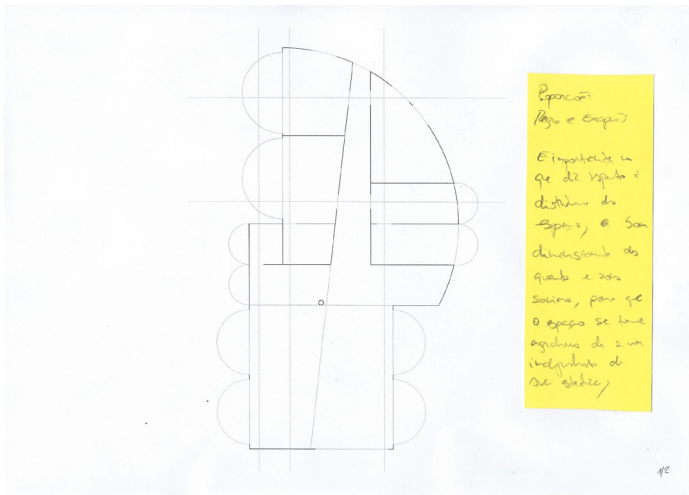
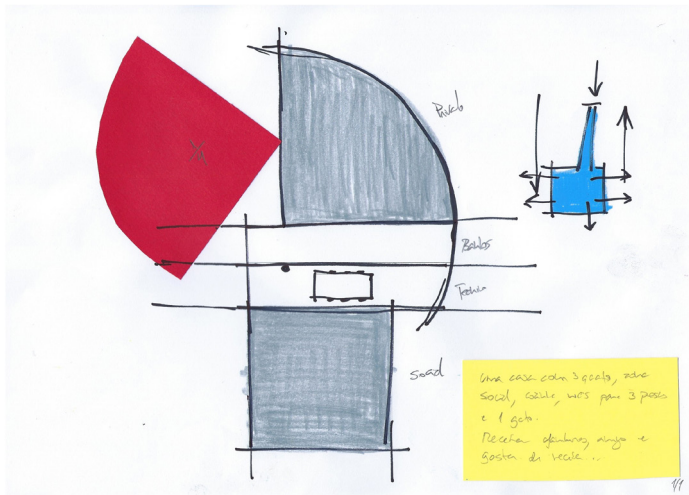


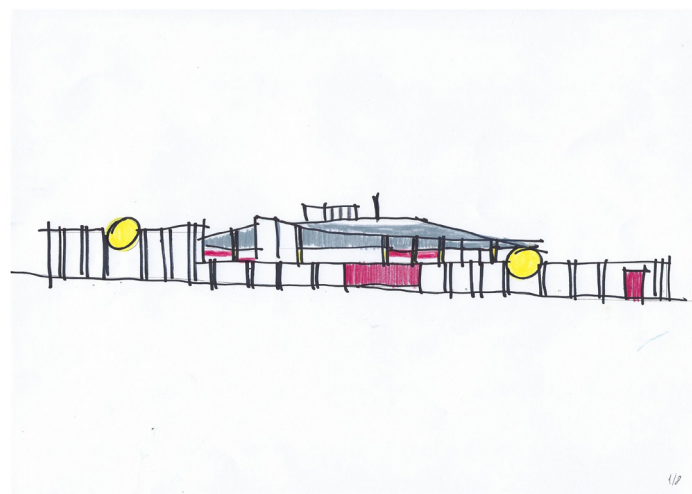
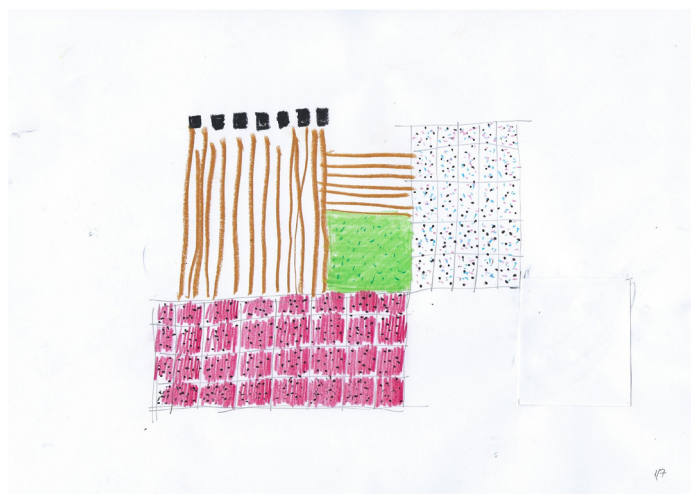
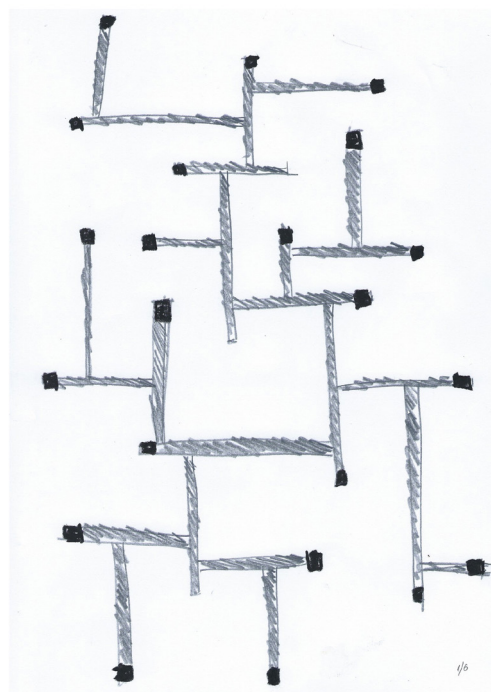
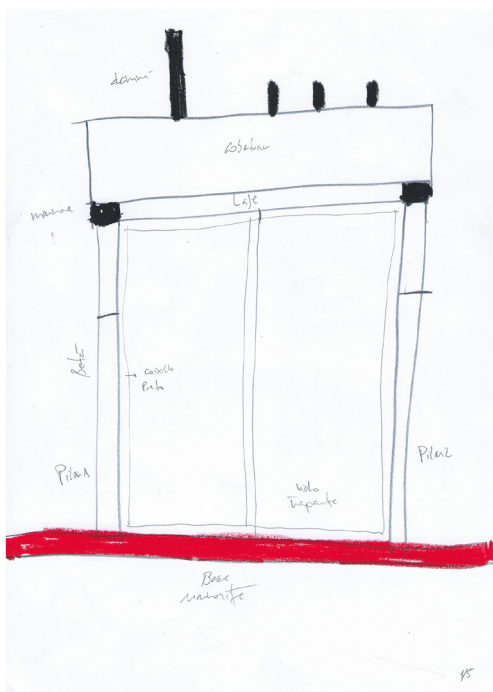
92 / 125

Com um metro e cinquenta de largura, foi desenhada uma plataforma de acesso ao jardim, que ladeia todo o lado Este da casa, com uma escadaria de acesso ao tanque de água. A entrada da casa manteve-se, e foi também desenhado um corrimão em torno da plataforma. O tanque de água foi redesenhado, tendo sido criada uma zona de lazer em torno do mesmo, para a colocação de espreguiçadeiras e/ou cadeiras.

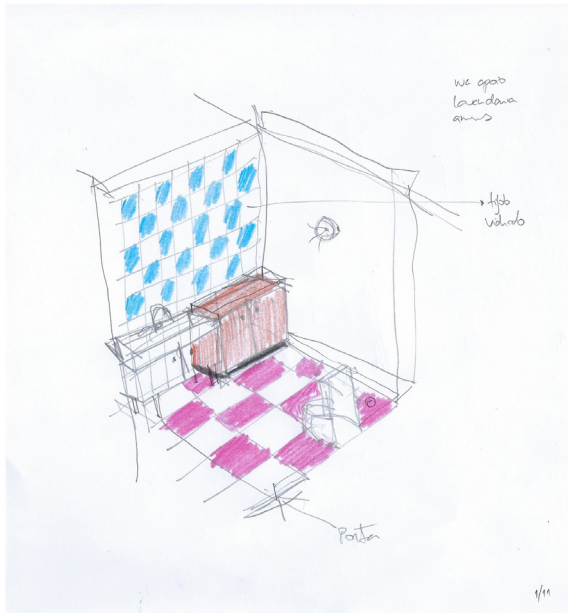
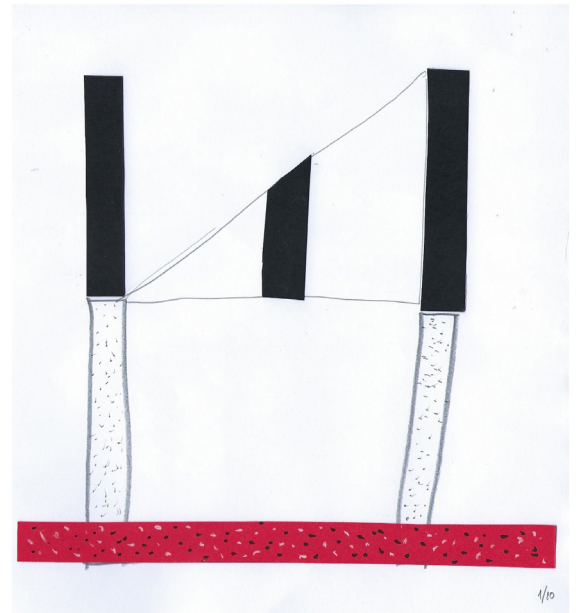
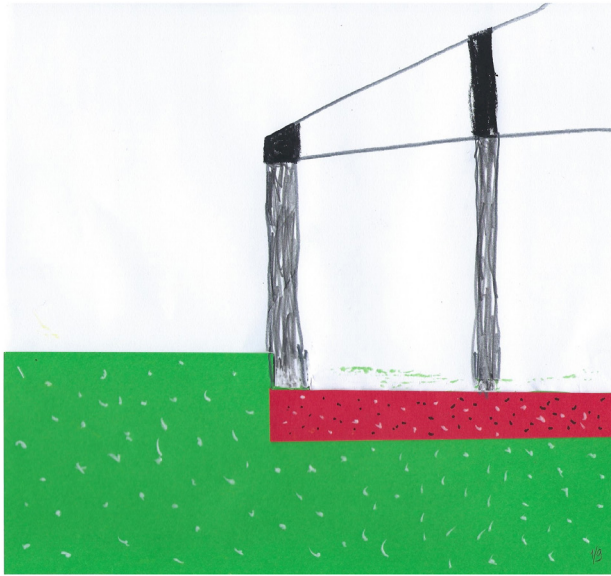




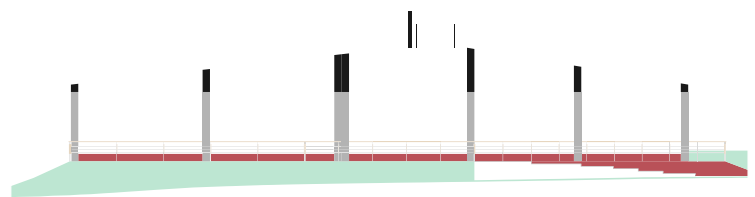
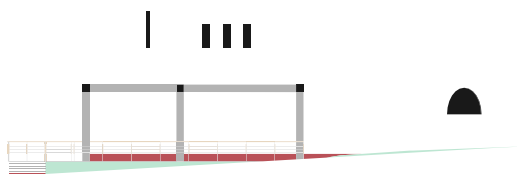
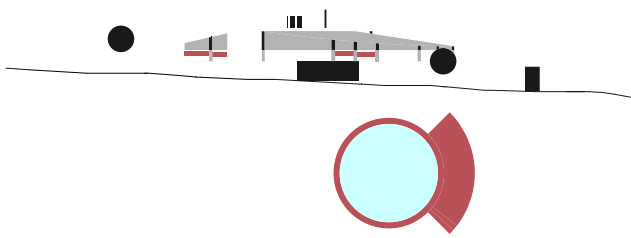




As proporções, ritmos e eixos foram trabalhados de modo a tornar a composição mais equilibrada, mesmo que a casa se tornasse uma peça assimétrica vista pelo exterior. No fundo, a casa é nada mais e nada menos do que pilares que a estruturam, marcadas por elementos não só decorativos, mas também estruturais no que concerne ao desenho dos alçados.



Esses pilares existentes não só suportam as duas coberturas, como o espaçamento entre eles definem os vãos, e a entrada de luz natural para o interior dos espaços. As vistas para o exterior foram também importantes, porque houve também uma intenção de estas contaminarem o interior das zonas sociais e das zonas mais privadas, devido ao desenho paisagístico do jardim.



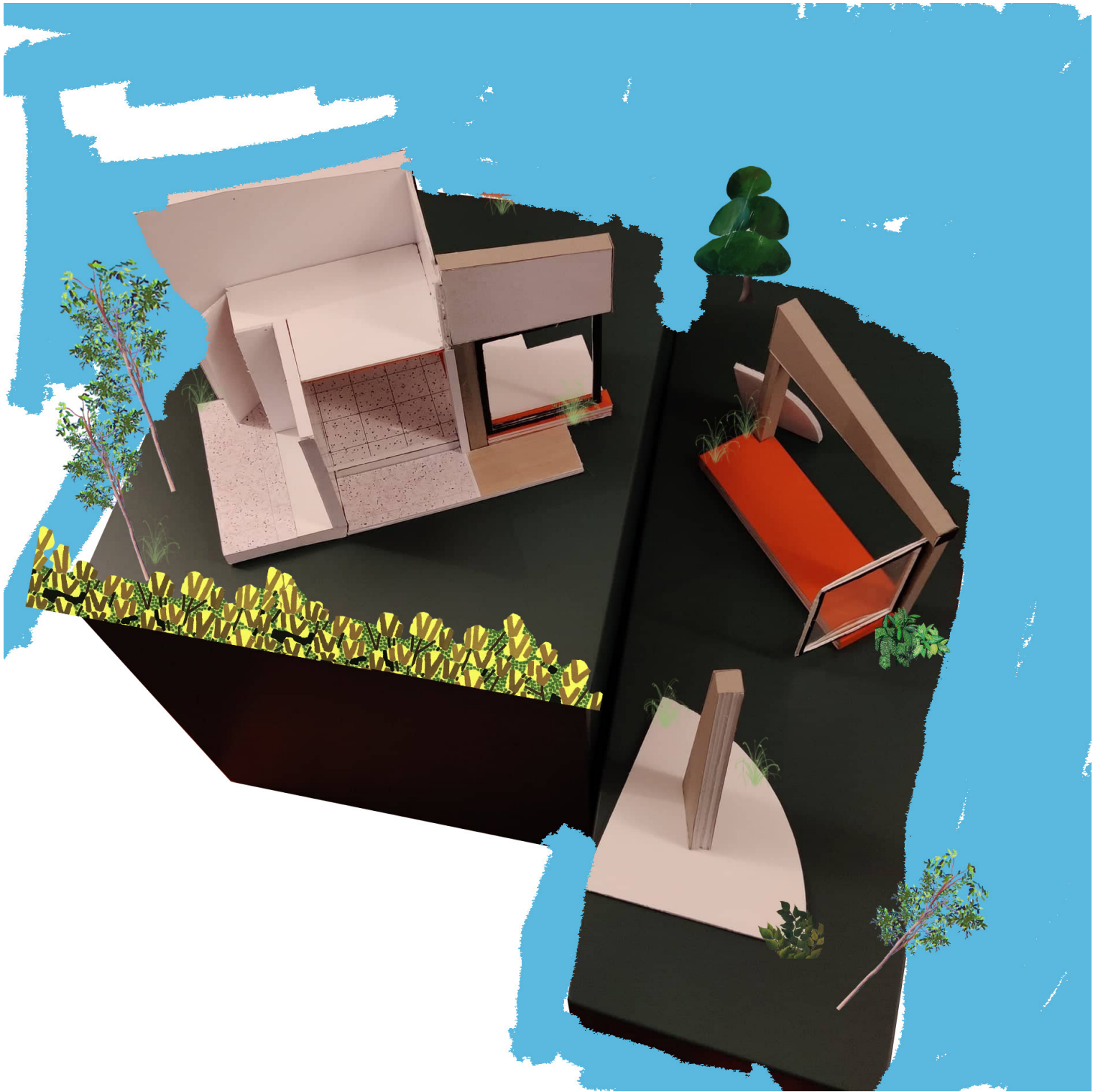
desenhos síntese e compreensão  
alçado muro\_tanque de água\_estrutura e aberturas

97 / 125

O alçado principal, aquele que dá a cara à rua foi alterado em relação aos anteriores, pois aqui não fazia sentido uma abordagem agressiva no que diz respeito ao tratamento estético do muro. Como tal, este tipo de desenhos ajudou a resolver algumas questões do foro mais estético. Fazia sentido que algumas figuras geométricas fizessem parte do muro, acompanhando a lógica de pensamento da casa, e da sua composição.

Fazendo um exercício de subtracção, deixou-se apenas nestes desenhos os elementos que dão a cara à casa, e que a melhor identificam como os pilares, e as chapas de mármore (elementos verticais), a base da casa (elemento horizontal), e algumas figuras geométricas.

Na última imagem é possível verificar que a casa parece assentar numa espécie de planalto a uma escala bastante reduzida, mas foi a ligeira manipulação do terreno que permitiu à casa ter um lugar dedicado a um "promenade" no alçado Este, de forma a desfrutar do espaço exterior, jardins e natureza.



colagem s/ maquete parcial  
1/20

As maquetes produzidas para este projecto não são apenas experimentais. Uma visão parcial de cada zona ou detalhe, permitiu na mesma ver a casa no seu todo, nomeadamente os elementos que a melhor identificavam.



colagem s/ maquete parcial  
1/20

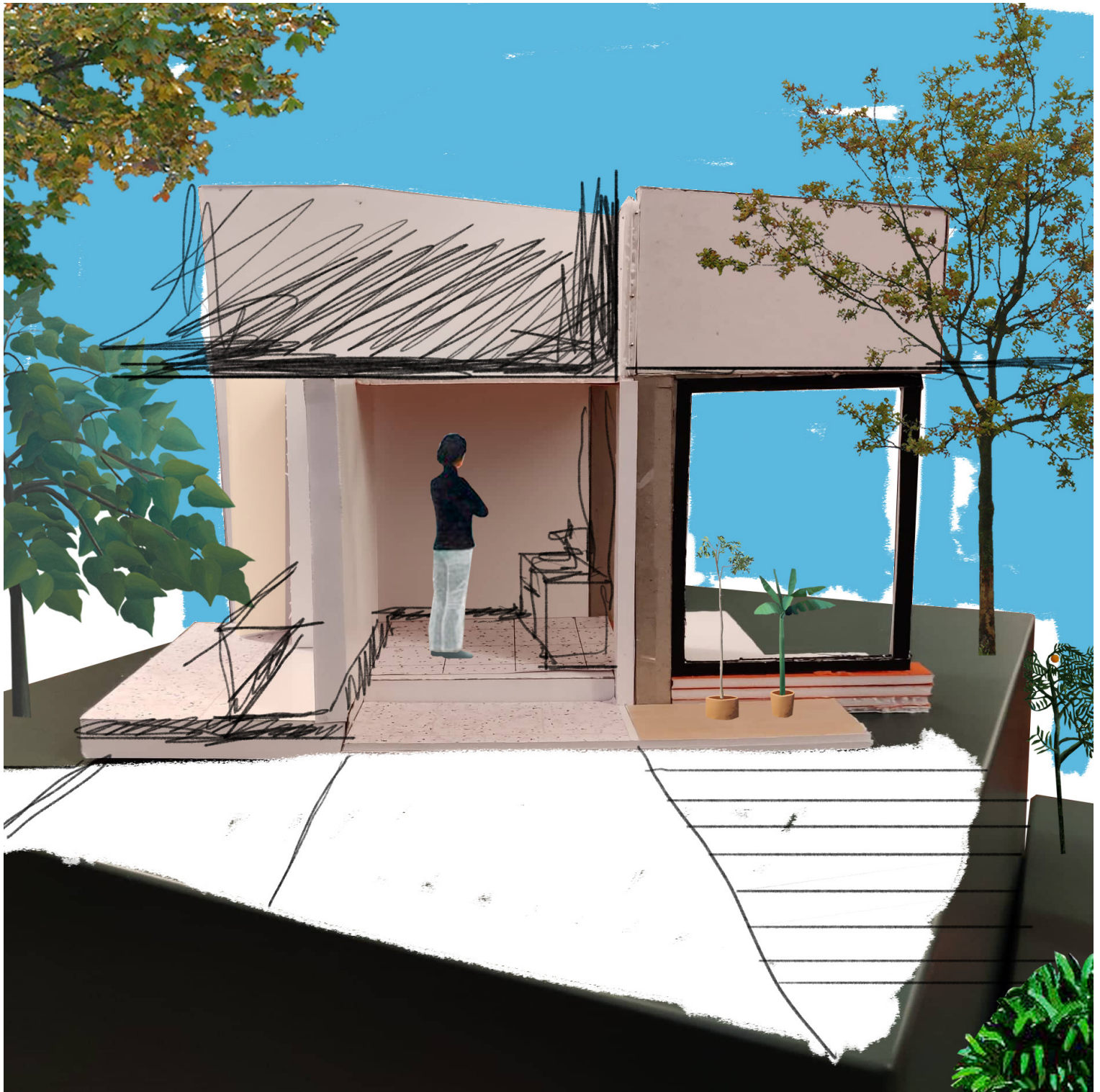
Foram executadas maquetes apenas dos pilares e cobertura suportada pelos mesmos. Parte da zona correspondente ao bloco de vidro e à instalação sanitária social e lavanderia, permitindo assim ter uma pequena noção do percurso a ser percorrido ao longo de todo o alçado Este da casa.



colagem s/ maquete parcial  
1/20

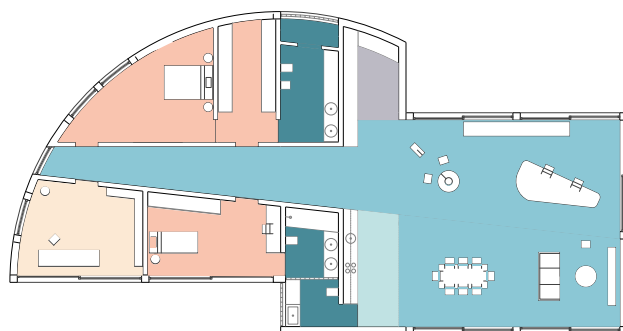
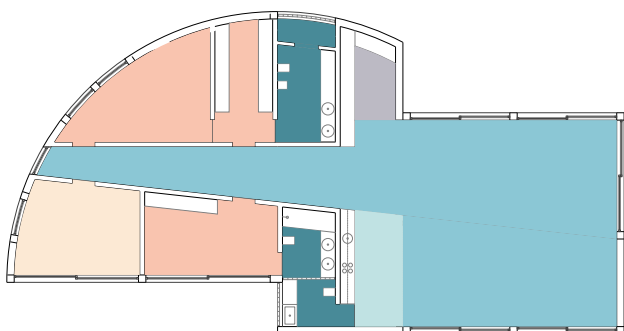
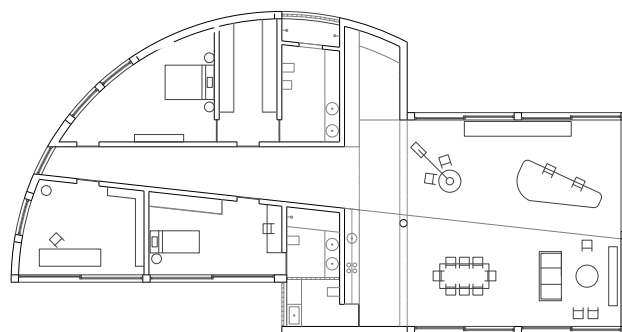
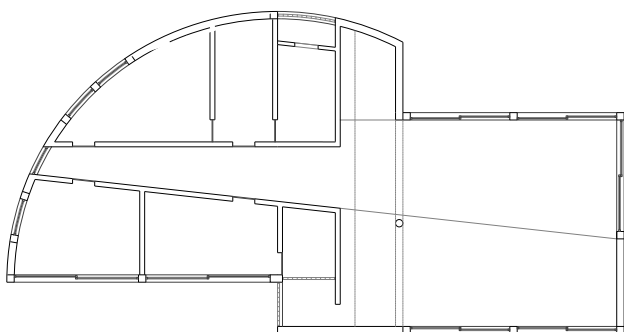
As várias perspectivas deram uma noção da composição geométrica e abstracta, e reforçaram os desenhos de compreensão e de síntese feitos até ao momento. Enquanto estas experiências eram realizadas através da maquetização da casa, esta ganhava mais sentido enquanto objecto, que parecia ter aterrado no terreno seleccionado sem qualquer preocupação com a topografia.



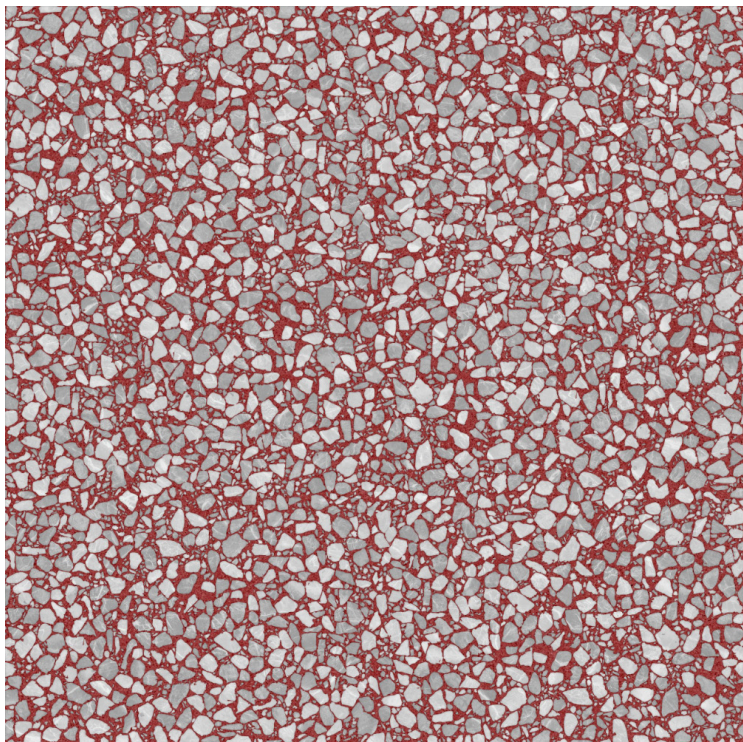
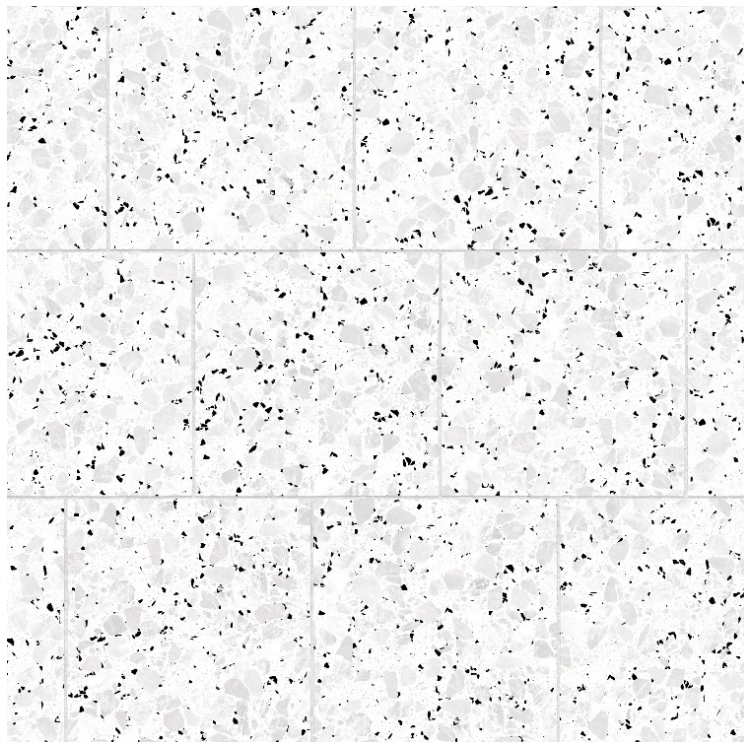


colagem s/ maquete parcial  
1/20

De forma a existir um interior um pouco mais desenvolvido, ainda que de forma um pouco experimental, fez sentido reflectir sobre como poderia ser o interior deste espaço (instalação sanitária social e lavandaria) e a sua relação com o espaço da cozinha, um dos quartos e com o exterior (percurso/promenade) do lado Este da casa. Desta forma, os desenhos síntese e de compreensão e as maquetes, formam um conjunto de informação e de sustento do projecto de arquitectura.

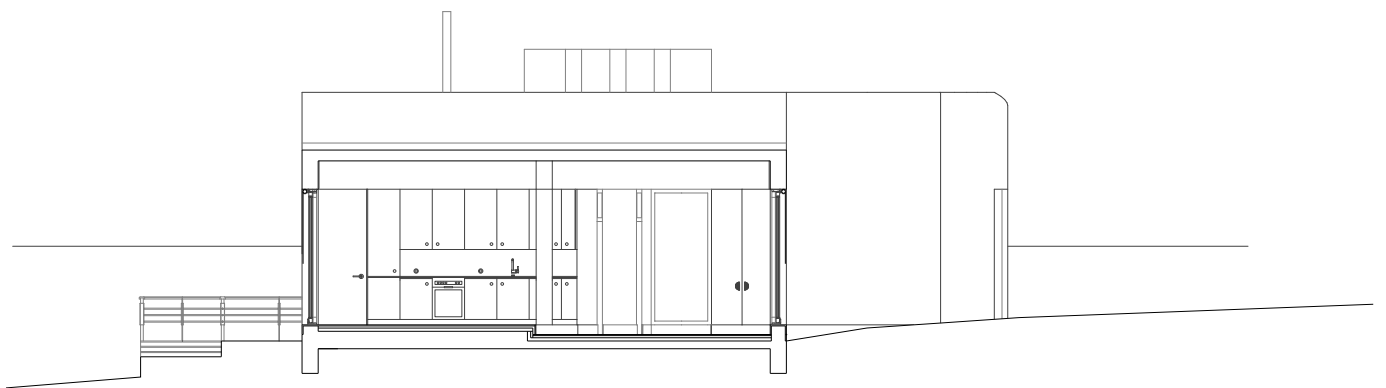
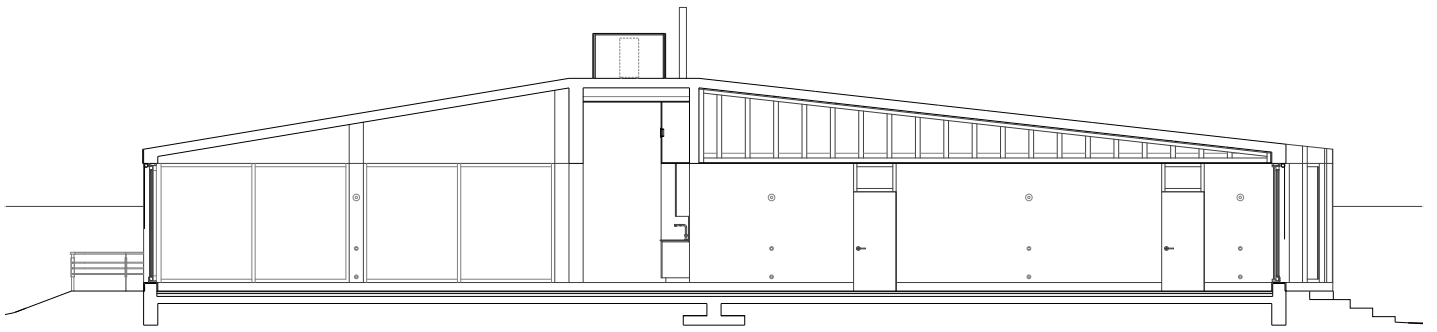


Relativamente ao programa do projecto depois das plantas e colagens finais, este manteve-se fiel às suas ideias iniciais. A casa situa-se em Fânzeres, Gondomar no Norte do País. O lote consiste em 2085m<sup>2</sup>, com a casa implantada ao centro do mesmo. A casa tem uma área bruta de 240m<sup>2</sup> e uma área útil de 210m<sup>2</sup>. O programa baseia-se numa casa para uma família com uma criança e que pudesse receber família e amigos com alguma regularidade. A casa é constituída por uma zona social que consiste numa zona de estar, zona de refeições, zona de estudo/trabalho e uma cozinha aberta para todos esses espaços. Dois quartos com instalação sanitária, um deles com um quarto de arrumação, um escritório/estúdio, uma instalação sanitária social e lavandaria de apoio. No jardim existe um tanque de água circular, para os dias mais quentes do Verão.



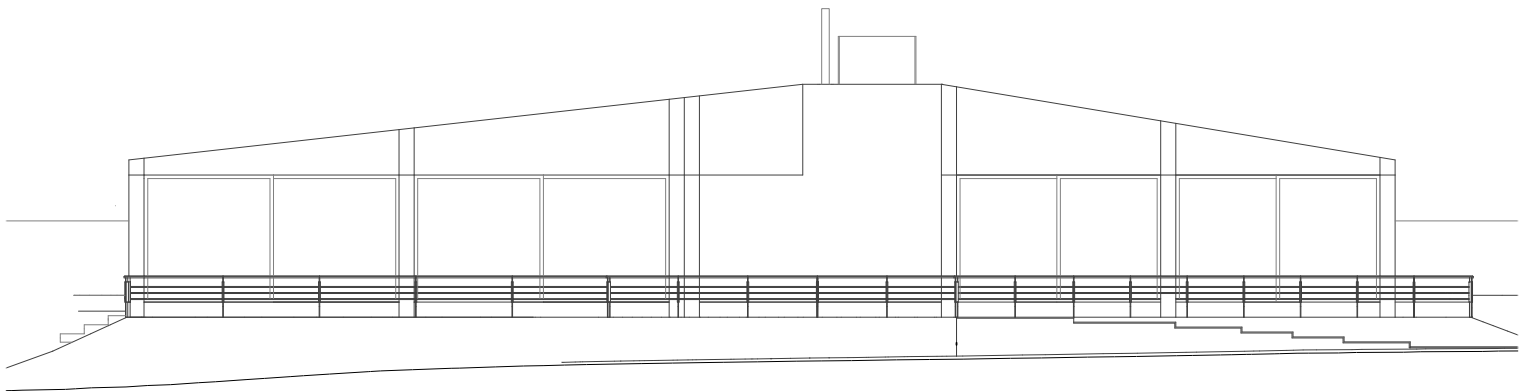
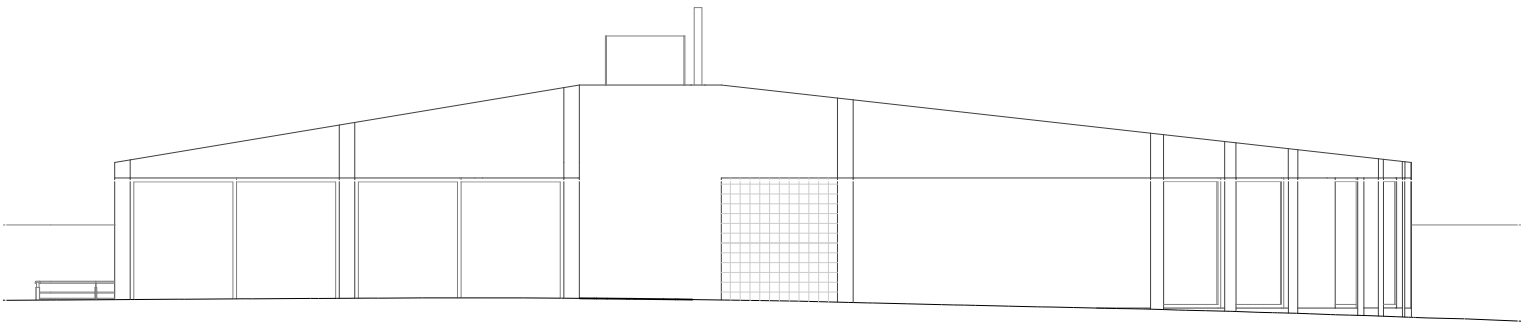
planta de pavimentos e materiais  
1/100

No que diz respeito à materialidade da casa, foram escolhidos materiais tais como marmorite vermelho e branco, sendo que o vermelho se encontra colocado na zona de estar e de refeições, e o branco na cozinha e instalações sanitárias. O pinho que foi colocado na zona de estudos/trabalho da zona social da casa, e que se estende pelo corredor e respectivos quartos, funciona como o elemento quente da casa, em oposição aos materiais mais frios como o marmorite definido.



corte longitudinal e transversal  
1/100

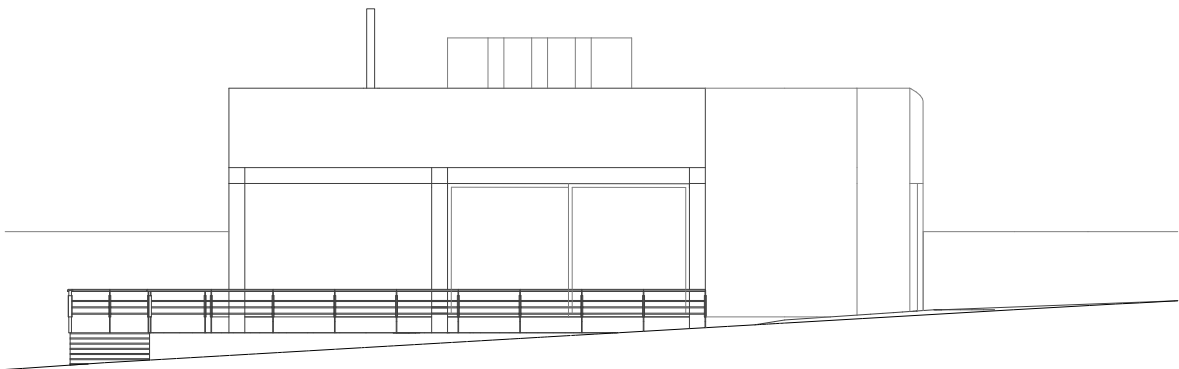
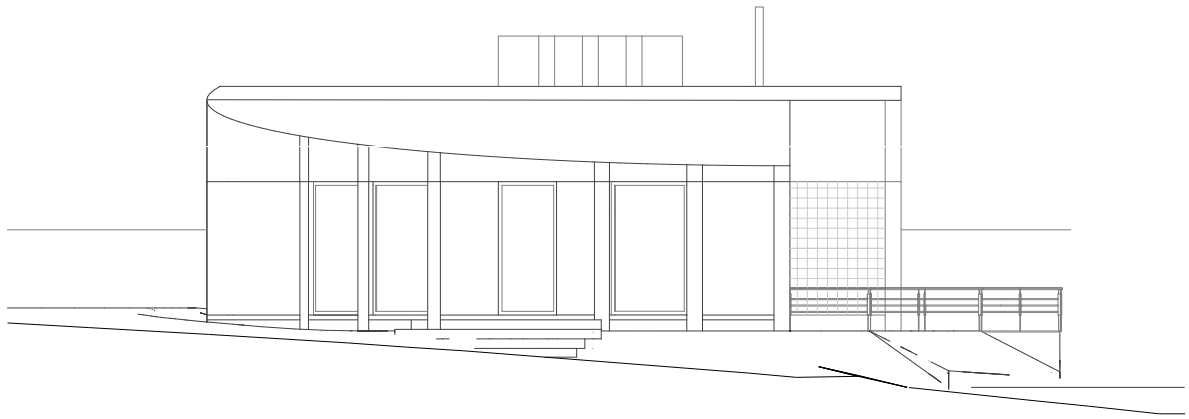
O pé direito varia consoante as zonas da casa. Na zona que diz respeito aos espaços de vivência de cariz mais social, o pé direito varia entre os 2.85m, e os 4.30m de altura (cobertura inclinada). O pé direito da zona da cozinha e zona técnica da casa tem uma altura de 4.00m de altura, e a zona privada onde se encontram os quartos e escritório tem uma altura menor em relação às restantes, de 2.70m.



alçados  
1/100

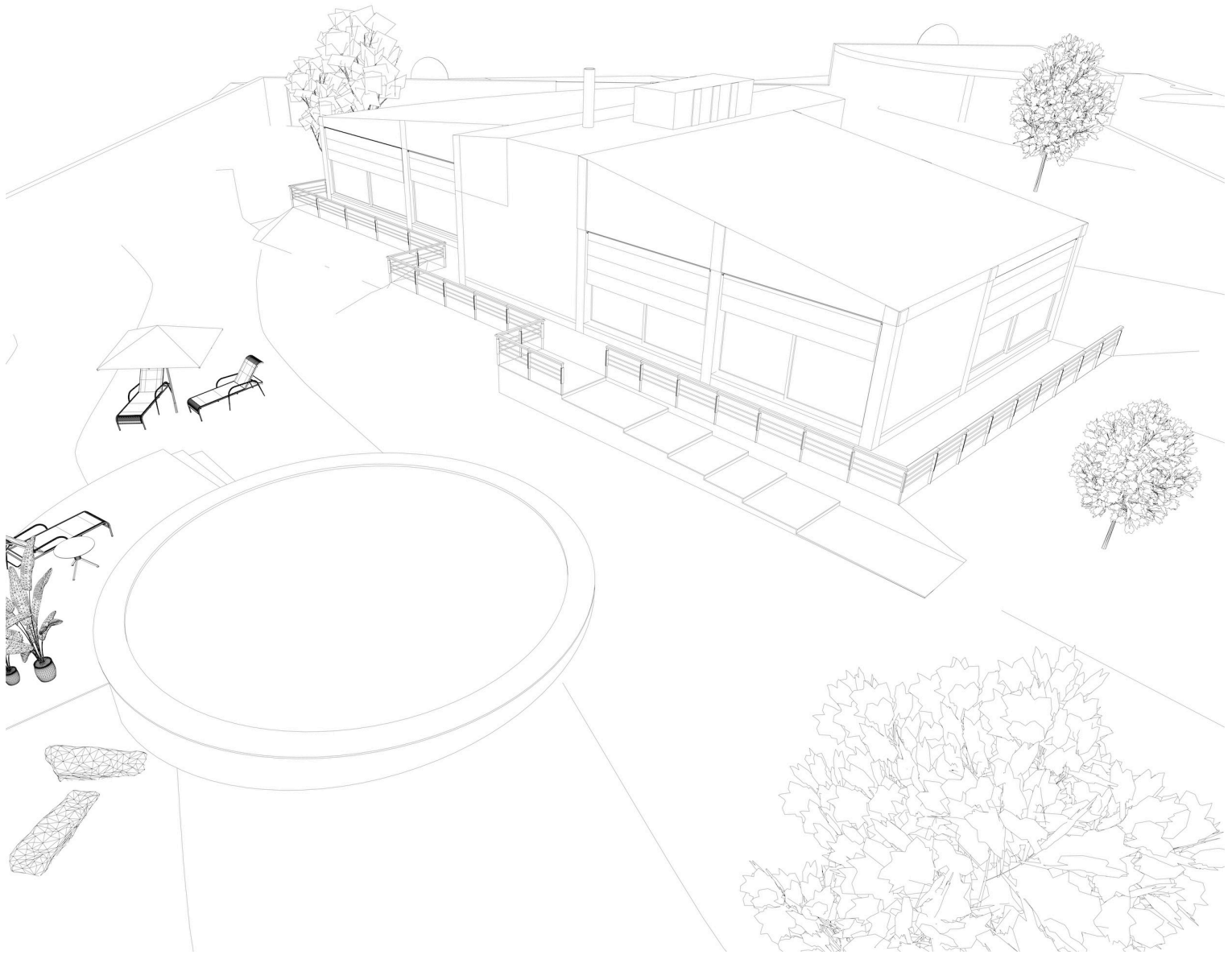
105 / 125

Quanto à cerca da casa, esta atinge o seu ponto máximo aos 6.00m de altura, devido à colocação de uma chaminé com uma altura de 1.50m, de forma a dar algum destaque a esse elemento, indo ao encontro da lógica compositiva e formal do projecto de arquitectura.



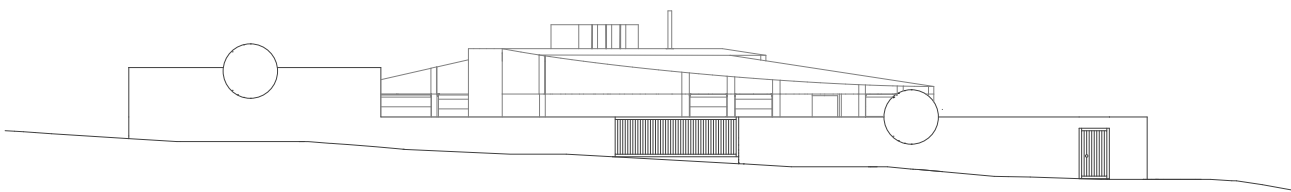
alçados  
1/100

Nestes dois alçados e também nos dois anteriores, são possíveis de verificar as aberturas/vãos estruturados pelos pilares à vista, com a marcação dos mesmos através das peças em mármore, que relativamente à estrutura (pilares) lhes conferem uma maior acentuação e verticalidade.



perspectiva aérea  
1/100

Nesta perspectiva aérea é possível ter uma visão geral da casa e do jardim envolvente com o tanque de água circular, cuja forma também veio no seguimento da linha de pensamento do desenho da casa. É possível também identificar o alçado Este da casa com o seu percurso ao longo de toda a fachada, e as escadas de acesso ao jardim.



alçado muro  
1/100

O alçado do muro é composto por duas entradas. Uma entrada para o estacionamento dos automóveis, e a entrada com a porta principal. Tendo em conta a plasticidade do projecto, procurou-se variar a altura do muro em busca de uma determinada composição em relação à casa. A altura do muro varia consoante o desnível do terreno, e os dois elementos circulares presentes no mesmo, enquadram a casa ao centro dando-lhe assim mais destaque.





As colagens axonométricas foram um modo de representação onde se procurou observar a relação da casa enquanto objecto, com o espaço exterior do jardim e do tanque de água, como também os espaços negativos do jardim e qual a sua potencialidade. À semelhança de um jardim inglês, ainda que mais depurado, o pretendido seria ter um espaço onde fosse possível caminhar e ter alguns locais de sombreamento (sombras criadas pelas árvores presentes no terreno).





Novamente em destaque, o tal percurso correspondente ao alçado Este da casa, aqui ganhou alguma relevância. Escritório, quarto, cozinha, espaço de refeições e de lazer e zona de trabalho, têm saída directa para o dito percurso virado para o lado da casa onde se encontra o tanque de água. A zona Este da casa foi tratada como o espaço mais privado, ainda que o lado oposto também tenha esse carácter. No entanto, acabou por ser uma zona mais destinada ao estacionamento e à inauguração da casa depois de entrar pelos portões de acesso.



colagem exterior  
vista alçado muro

Nesta colagem final é possível já observar a proposta final, ainda que o processo de colagem não se fixe na imagem final da casa, mas sim numa ideia muito aproximada do pretendido para o projecto de arquitectura.



Quatro imagens que mostram os vários pontos de vista da casa e o espaço ajardinado que a rodeia. Não houve necessidade de um abordagem menos permeável ao jardim, pelo que a colocação de outro tipo de pavimento junto ao tanque de água, e na zona do estacionamento, foi dispensada. O espaço ajardinado foi essencial ao destaque da casa enquanto volume.

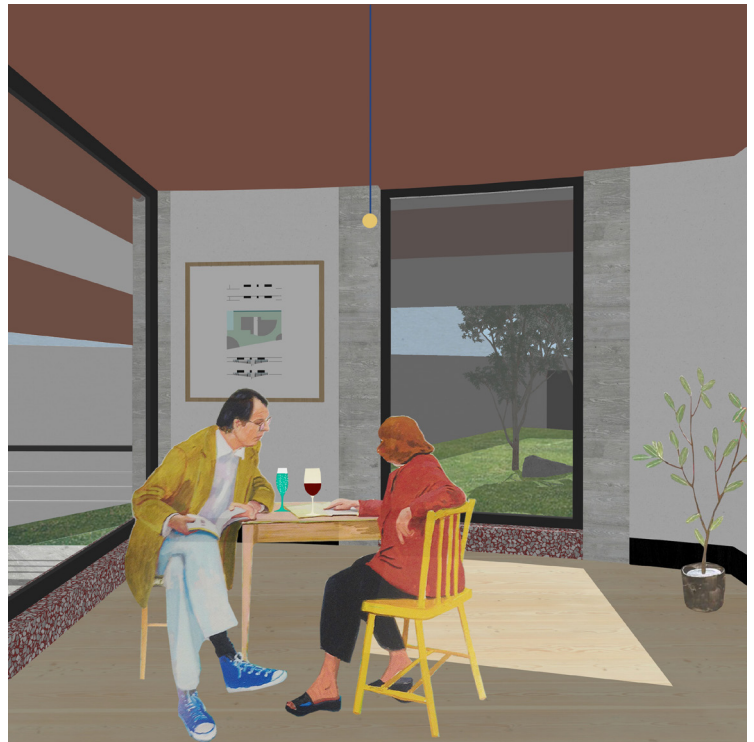


colagem exterior "promenade"

Uma vista do que poderia ser o tipo de vivência do percurso no lado Este da casa, e do tanque de água. O muro elevado acima do usual permite privacidade, e o bloco de vidro presente numa das fachadas permite a entrada de luz natural para a instalação sanitária social de apoio.



Cozinha, zona de lazer e refeições, zona de trabalho e corredor estão aqui representados como uma mera ideia dos espaços, sendo estes flexíveis, excepto a zona húmida correspondente à cozinha. A última imagem com a porta de entrada tem vista para a porta de acesso ao terreno, e as portas interiores contêm bandeiras de modo a deixar passar iluminação natural para o corredor. A escolha da porta de entrada envidraçada tem exactamente o mesmo propósito.







colagem  
entrada casa

A cara da casa. A entrada principal com a porta envidraçada que mostra o interior do corredor de acesso. A escada compensa o desnível existente no terreno, adaptando-se assim ao volume existente, enquadrado pelos dois pilares que de certo modo quase que centram a porta de entrada. Este alçado apresenta todas as regras, excepções e condições da casa, o seu lado plástico, compositivo e estrutural. A entrada da casa é uma espécie de inauguração da mesma, e aqui esse foi um dos propósitos. De trabalhar a casa como um todo, onde a leitura do projecto vai desde a micro escala à macro escala, e onde o processo compositivo foi uma das principais condições.



Como parte íntegra e final do projecto final de arquitectura, foi importante contemplar e reflectir sobre todas as fases de trabalho teórico e prático. As seguintes considerações contemplam uma fase de análise de várias casas (cento e oitenta) desenhadas por vários arquitectos portugueses, entre a década de setenta e os anos dois mil do século XX, uma curadoria individual sobre o tema da cor com o nome: *roses are red....*, e a fase propriamente dita que diz respeito ao projecto final de arquitectura, com as suas respectivas fases: um aquecimento através da exploração e procura da casa em diversos terrenos, um processo de trabalho que levado depois a um júri, um estado da arte sobre o trabalho, e a casa/terreno final onde estes foram explorados e desenhados de acordo com as respectivas premissas e programas individuais de cada aluno.

Quanto à análise das várias casas e com base no território e cultura nacional arquitectónica, foi possível executar um arquivo com diferentes tipos de desenhos, volumetrias, intenções e fundamentações. Ao longo da curadoria das várias casas, foi possível identificar diferentes formas de abordar o tema da habitação, como também identificar elementos e tipologias características da arquitectura portuguesa.

O trabalho de seleção, curadoria, reflexão, discussão e especulação, permitiu chegar a diversas conclusões, como também levantar outro tipo de questões do foro académico. Foi possível discutir a relação entre casa e o lugar, entre a casa e o terreno e a casa e o arquitecto que a desenhou.

A cada um dos alunos foram-lhes seleccionadas doze casas ao todo, para que se redesenhassem as plantas, cortes e alçados de acordo com a sua investigação através do recurso a bibliotecas, livros, digitalizações, imagens, vídeos, visitas in-situ e outros elementos disponíveis.

No fim, foram reunidas cerca de cento e oitenta casas, todas elas diferentes de arquitectos conhecidos tais como Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto de Moura, Aires Mateus, Alcino Soutinho, Sérgio Fernandez e outros menos conhecidos, mas não menos importante, tais como o arquitecto Alexandre Manuel Cruz da Silva, que acabou por se destacar nesta selecção, com a sua abordagem pós-moderna evidente nos seus trabalhos.

Com base nesse arquivo criado entre os alunos, houve uma proposta de curadoria sobre um tema à escolha. O tema foi desde a lareira à chaminé, da janela à porta, da cor à tectónica. Como tal, escolhendo como tema a cor para a respectiva curadoria, o propósito foi discuti-la sem quaisquer dogmas como se de uma conversa de café se tratasse.

Colocou-se também uma questão: e se as casas que conhecemos dos livros e da história da arquitectura portuguesa do século XX fossem de outra cor?

Houve um levantamento sobre a quantidade de casas pintadas de branco, casas pintadas de várias cores e casas de diversos materiais. Esse levantamento deu as respostas pretendidas: a cor branca é uma das cores mais utilizadas (motivos culturais e climáticos?), o amarelo, ocre e cor-de-rosa são cores também utilizadas, quando o desenho da casa se identifica mais com a arquitectura tradicional portuguesa, e nem todas são construídas recorrendo aos materiais mais conhecidos tais como o betão e alvenaria.

Com o recurso a diferentes tipos de software, manipularam-se diversas imagens de diversas casas, de modo a perceber se a alteração da cor habitual da casa podia ou não de algum modo alterar a sua percepção, desenho e/ou volumetria, e se tinha algum impacto na sua relação com o meio envolvente.

Esta curadoria não teve uma conclusão definida, mas tornou-se antes uma espécie de narrativa aberta, com mais perguntas do que respostas, indo ao encontro da reflexão sobre a utilização da cor na arquitectura.

Ao entrar na componente prática do trabalho final de arquitectura, é importante referir para o desenvolvimento deste projecto, uma parte de um texto do arquitecto Kazuo Shinohara: *a house is a work of art* (1962), e outro texto com o nome: *am i a house*, de Erwin Wurm (2005) com um vídeo disponível na internet.

Ainda que a realidade urbanística no Japão seja completamente diferente da realidade portuguesa no que diz respeito à produção da arquitectura, seja por motivos culturais, sociais e económicos, não é de todo descabido pensar numa casa como se de uma obra de arte se tratasse.

O programa de uma habitação unifamiliar, não é igual a um programa para um edifício residencial. Mesmo com todas as leis agregadas à construção de uma casa, esta é mais passível de se tornar um local de experiências volumétricas, visuais e até mesmo culturais. A casa torna-se parte viva da sociedade onde esta se insere: "even if the houses we create are characterized by the highly particular specifications of individual families, these houses stand in the middle of a vast modern society"<sup>(1)</sup>. Ou seja, a casa torna-se assim uma fazedora de cultura, acabando por contribuir para uma melhor sociedade.

A casa é o que nos pode também definir como humanos - seres conscientes de nós próprios - como olhamos para lá das nossas janelas, e o que queremos para além das mesmas.

Como tal, coloca-se então a questão: o que pode realmente definir uma casa enquanto obra de arte?

Não tanto a sua componente estética e visual, mas não conseguindo ao mesmo tempo encontrar a definição mais correcta, talvez seja sim, a abordagem ao conceito de casa enquanto espaço que alberga pessoas, e à influência que esta pode ter no lugar onde se insere e na maneira como cohabita com as outras casas em redor, construindo assim uma identificação muito própria de si mesma, semelhante ou diferente de todas as outras.

Quando se colocam as folhas na mesa e se começa a pensar como será uma casa, o método não se aproxima do que aquele utilizado num esquisso para uma pintura, desenho ou escultura. Ainda que possa ter início com um desenho, a forma de pensamento não é a mesma porque a casa vai ter uma função muito estanque e vai ser entendida de forma universal. No que diz respeito à obra de arte, esta vai ter um papel diferente na sociedade, não só pela sua transportabilidade física, como pelo seu significado e propósito.

Aquando do início das primeiras experiências nos diferentes tipos de terreno, houve uma obrigação clara em nos adaptarmos aos diferentes tipos de morfologia, e ao nosso programa da casa. Da nossa obra de arte. No caso específico deste projecto final de arquitectura, o programa manteve-se igual desde o início: uma casa para três pessoas.

Partindo de uma composição abstracta geométrica, a casa foi ganhando formas através da adição e subtracção, adaptando assim a casa ao necessário e pretendido.

A materialidade também se foi mantendo ao longo da fase de desenvolvimento do projecto. Betão à vista com paredes brancas, uma base de sustento da casa indo ao encontro de uma linguagem clássica e contemporânea e duas coberturas em betão aparente.

(1) Shinohara, K. (1962). *A house is a work of art*. Shinken-chiku, retirado de Hayashi. C. e Sumitomo. K. *From postwar to postmodern, art in japan 1945-1989: primary documents*, the museum of modern art, 2012.

Foram sendo adicionados vários elementos visuais tais como chapas de mármore pretas, com o propósito de enfatizar não só a estrutura da casa, como também de estruturar os vãos da mesma, dando origem aos vários alçados: alçados estruturados, compositores de vãos para entrada de luz natural e ventilação.

A casa deveria ter uma relação com o exterior um pouco peculiar, pelo que era necessário garantir total privacidade. Os eixos, os alinhamentos, as regras e as excepções, foram pontos de partida para o início do projecto. O jardim foi também um local importante, pois este iria funcionar como uma continuação da mesma, e teve desde sempre uma relação importante com os respectivos interiores.

Vários desenhos foram feitos, utilizando diferentes tipos de médiums, para que a conversa e o discurso sobre o projecto fosse dando os seus frutos. A exploração dos diferentes tipos de desenho permitiu assim um melhor entendimento não só sobre a casa, mas também sobre o panorama geral da habitação, da casa enquanto objecto, da casa enquanto volume que acolhe alguém, da casa enquanto obra de arte.

Tal liberdade permitiu também explorar diferentes maneiras de abordar um projecto de arquitectura, muito pelo aspecto e universo académico onde o projecto se insere, mas tendo as suas mais valias, no que diz respeito à liberdade de expressão, indo por vezes contra algumas regras estabelecidas conhecidas.

Como um todo, quer o trabalho de cariz mais teórico, quer o projecto final de arquitectura propriamente dito, este trabalho final de mestrado permitiu abrir portas e expandir o conhecimento científico, intelectual, visual e tectónico sobre a arquitectura e o tema da habitação, tanto discutido e dissecado no trabalho do primeiro semestre.

A especulação permitida no primeiro exercício, até mesmo quando as suposições se encontravam erradas, depois de confrontadas mais tarde com a verdade, esta permitiu levar o pensamento sobre a casa de uma forma mais longínqua, mesmo que pudesse ser vista como utópica e/ou abstracta.

As leituras de apoio fornecidas e procuradas ao longo do desenvolvimento do trabalho, foram fundamentais para o apoio e cruzamento de informação, tendo como base vários tipos de autores.

As aulas dos convidados marcadas para todas as Sextas-Feiras de cada semana, ao longo do primeiro semestre, permitiram também travar conhecimento com o trabalho de novos arquitectos pertencentes a uma nova geração, que trazem um tipo de abordagem e forma de pensamento sobre as necessidades sociais e construtivas de uma sociedade jovem, mais preocupada e consciente sobre o tema da habitação em Portugal no século XXI.

Será certo então afirmar em relação a este projecto final de arquitectura e ao tema em questão, que todo o seu percurso decorreu com uma lógica bastante clara e concisa, independentemente do seu desenvolvimento prático de cariz mais expressivo, abstracto e/ou experimental.

O tema foi fundamental para que se pudesse conversar, discutir e reflectir sobre um tema actualmente preocupante, como o da habitação, onde novas tipologias podem favorecer, modificar, qualificar e valorizar os nossos modos de vida, contribuindo para uma sociedade mais saudável e inclusiva.



**a house is a work of art**

kazuo shinohara, 1962

**am i a house**

erwin wurm, 2005

**chromophobia**

david batchelor, 2000

**four houses by kazuo shinohara...symmetry and topology**

filipe magalhães, 2022

**josef albers, glass, color, and light**

guggenheim museum, 1994

**the autonomy of house design**

kazuo shinohara, 2005

kandinsky  
página 37

j. w. v. goethe  
página 38

kazimir malevich  
página 37

theo van doesburg  
página 37

gerrit rietveld  
página 37

piet mondrian  
página 37

ellsworth kelly  
página 38, 58

gerhard richter  
página 38

james turrel  
página 38

john baldessari  
página 38

olafur eliasson  
página 38

yves klein  
página 38

kazuo shinohara  
página 51

kuro.a.to  
página 58

peter markli  
página 58

carusso st. john  
página 58

aoa architects  
página 58

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo  
página 09-20, 23-34, 39-48, 71



